



**UNIVERSIDADE FRANCISCANA
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

EDUARDO BORTOLOTTI SILVEIRA

**TORCIDA ORGANIZADA MARÉ VERMELHA: UMA TRAJETÓRIA DE
RESISTÊNCIA NAS ARQUIBANCADAS DE SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS

2021

**TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO APRESENTADO COMO REQUISITO PARA
APROVAÇÃO NA DISCIPLINA TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II DO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FRANCISCANA.**

**TORCIDA ORGANIZADA MARÉ VERMELHA: UMA TRAJETÓRIA DE
RESISTÊNCIA NAS ARQUIBANCADAS DE SANTA MARIA - RS**

Trabalho Final de Graduação apresentado
no curso de Licenciatura em História da
Universidade Franciscana (UFN, RS), como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em História.

**Prof.^a Ma. Janaina Souza Teixeira
ORIENTADORA**

Santa Maria (RS)

2021

EDUARDO BORTOLOTTI SILVEIRA

**TORCIDA ORGANIZADA MARÉ VERMELHA: UMA TRAJETÓRIA DE
RESISTÊNCIA NAS ARQUIBANCADAS DE SANTA MARIA - RS**

Trabalho Final de Graduação apresentado no curso de Licenciatura em História da Universidade Franciscana (UFN, RS) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: PROF^a. Ma. JANAINA SOUZA TEIXEIRA (UFN)

PROF^o. Dr. JOÃO MANUEL CASQUINHA MALAIA DOS SANTOS (UFSM)

PROF^o. Dr. LEONARDO GUEDES HENN (UFN)

Aprovado em _____ dezembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Pensar o passado auxilia a compreender o presente. Esta frase, que me acompanhou durante os oito anos de graduação no curso de História da Universidade Franciscana, não é somente uma máxima lançada ao vento. Pude compreender esta afirmação ao analisar minha trajetória acadêmica, especialmente durante o processo de escrever este Trabalho Final de Graduação. As ideias contidas nestas páginas refletem o conhecimento, experiência e ideais que pude desenvolver ao longo da graduação. Desde o passo inicial de apreciar as aulas de história no ensino médio à paixão pelo futebol, tudo isto está refletido neste trabalho que representa o fechamento de um ciclo acadêmico. Minha trajetória acadêmica não foi construída sozinha, e existem pessoas e grupos aos quais devo prestar homenagens.

Agradeço primeiramente ao Pré-Universitário Popular Alternativa, projeto de extensão ligado à Universidade Federal de Santa Maria que executa importante papel junto à população de baixa renda de Santa Maria no acesso ao ensino superior. Minha passagem no cursinho, de educando a educador, foi de extrema importância, pois além de auxiliar a ingressar em uma universidade, ajudou a construir minhas concepções de ensino, aprendizagem, e sobretudo de respeito ao próximo.

Agradeço a existência das políticas públicas criadas durante os governos brasileiros do Partido dos Trabalhadores (PT), principalmente o Bolsa Família e o Programa Universidade Para Todos (ProUni). Estes programas foram essenciais durante minha trajetória como estudante e trabalhador, fornecendo-me o acesso ao ensino superior privado, além da dignidade que a população de baixa renda do Brasil alcançou através destes.

Agradeço aos meus professores do curso de História da Universidade Franciscana, por ensinarem e formarem ótimos educadores, e sobretudo, cidadãos que prezam pela educação e respeito às diversidades. Agradecimento especial à minha orientadora, Janaina Souza Teixeira, que me auxiliou e guiou em diversos momentos na construção coletiva deste trabalho.

Agradeço aos colegas do curso pelo companheirismo e amizades construídas ao longo deste tempo. Desde os Grenais da História às conversas de corredores e debates em salas de aula, ações que enriqueceram a trajetória deste período.

Agradeço à Larissa, minha companheira de vida, que me incentivou e auxiliou durante a minha trajetória acadêmica.

O curso de História da Universidade Franciscana me ensinou a ser uma pessoa mais humana, com olhar voltado ao próximo e à realidade ao meu redor. Foi uma honra poder fazer parte deste curso, e levarei os ensinamentos deste período para toda a vida.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	04
SUMÁRIO	06
EPÍGRAFE	08
RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
1 PESQUISA E PRODUÇÃO DE FONTES	15
1.1 A ausência da Maré Vermelha nos periódicos santa-marienses	15
1.2 Protagonismo e reconhecimento histórico por meio da história oral	20
2 HOMOSSEXUALIDADES NO CURSO DA HISTÓRIA	29
2.1 A homossexualidade nas sociedades do passado	29
2.2 Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980: militar, ferroviária, estudantil e homossexual?	34
2.3 Espaços de expressão cultural em Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980: o carnaval de rua e as arquibancadas dos estádios de futebol	39
3 CONFLITO E ACEITAÇÃO: A RECEPÇÃO DOS TORCEDORES ALVIRRUBROS À UM GRUPO GAY FORA DO ARMÁRIO	50
3.1 Origens do futebol gaúcho: raça e virilidade	51
3.2 A lógica torcedora nas arquibancadas da Baixada Melancólica	54
4 A TRAJETÓRIA DA MARÉ VERMELHA NA VOZ DE SEUS INTEGRANTES E NAS PÁGINAS DO JORNAL A RAZÃO	63
4.1 Surgimento de uma torcida gay em Santa Maria	64
4.2 Carnaval e futebol como pilares dos espaços homossexuais de Santa Maria	67
4.3 Preconceito e aceitação nas arquibancadas	71
4.4 O legado da Maré Vermelha	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
PERIÓDICOS	87
DEPOIMENTOS	88
ANEXOS	89
ANEXO A – ENTREVISTA COM ELIZABETH PERES FLORES	89
ANEXO B – ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS KUNRATH	107
ANEXO C – ENTREVISTA COM MARQUITA QUEVEDO	117
ANEXO D – ENTREVISTA COM JOÃO MATHIAS PINHEIRO VIEIRA	134
ANEXO E – ENTREVISTA COM NELSON LEAL DE SOUZA	147
ANEXO F – REPORTAGEM JORNALÍSTICA SOBRE OS CINCO ANOS DA MARÉ VERMELHA (JORNAL A RAZÃO, 4-5 SET. 1982)	158

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.

Eduardo Galeano, 1995.

RESUMO:

Este trabalho apresenta uma análise sobre o processo de surgimento e afirmação da Torcida Organizada Maré Vermelha em Santa Maria entre as décadas de 1970 e 1980. Para isso, foram utilizadas fontes jornalísticas do Jornal A Razão e depoimentos orais de participantes do grupo no período analisado, a fim de compreender o contexto histórico e social de surgimento do grupo. Com a análise destas fontes pôde-se concluir que existia uma lógica masculina cisnormativa nos espaços de sociabilização da cidade que excluía as pessoas que não se encaixavam neste padrão, como era o caso das mulheres e dos homossexuais. A Maré Vermelha representou uma ruptura desse padrão ao adentrar as arquibancadas do Estádio Presidente Vargas e se firmar como um grupo organizado em prol do Internacional de Santa Maria. Esta ação foi um marco histórico dos grupos homossexuais da cidade e do Brasil, pois estava inserida no contexto nacional de abertura política e redemocratização. Por meio da História Oral, pôde-se estabelecer uma via para que os protagonistas da história da Maré Vermelha tivessem um meio de propagar suas trajetórias e vivências como agentes ativos da história, além de registrar a importância da existência deste grupo para a população homossexual santa-mariense.

Palavras-chave: Torcida Organizada Maré Vermelha; Homossexualidade, Futebol; Ditadura Civil-Militar.

ABSTRACT:

This paper presents an analysis of the process of emergence and affirmation of the Torcida Organizada Maré Vermelha in Santa Maria between the 1970s and 1980s. For such, journalistic sources of the *Jornal A Razão* and oral statements of the group participants in the analysed period were used, in order to understand the historical and social context of the group's emergence. With the analysis of these sources it can be concluded that there was a cisnormative male logic in the spaces of socialization of the city that excluded people who did not fit this pattern, which was the case of women and homosexuals. The Maré Vermelha represented a rupture of this pattern by entering the stands of Presidente Vargas stadium and establishing itself as a group organized in favour of the Internacional de Santa Maria. This action was a historical milestone of the homosexual groups of the city and of Brazil, because it was inserted in the national context of political openness and redemocratization. Through Oral History, it is possible to establish a way for the protagonists of the history of the Maré Vermelha to have a means of propagating their trajectory and experiences as active agents of history, besides recording the importance of the existence of this group for the homosexual population of Santa Maria.

KEY WORDS: Torcida Organizada Maré Vermelha; Homosexuality, Football; Civil-Military Dictatorship.

INTRODUÇÃO

Jovens assumidamente gays reunidos como grupo organizado em prol de um time de futebol durante o período da Ditadura Civil-Militar brasileira. Esta frase, que pode parecer conflitante devido a diversas implicações, representa um fato que ocorreu em Santa Maria, cidade interiorana do Rio Grande do Sul. O município, localizado no interior do estado, é conhecido pelo alto número de militares que influenciam sua história desde a sua fundação.

Em seu passado, a ferrovia representava uma importante fonte de movimentação da economia local, assim como a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que abrigava estudantes de diversas regiões do país desde 1960. Na área cultural, o futebol e o carnaval de rua imperavam como alternativas para a população como espaços de sociabilidade.

Esta realidade, que representou a cidade nas décadas de 1970 e 1980, foi o contexto social para que uma coletividade de jovens gays fundassem um grupo para obter reconhecimento e respeito. Denominada como Torcida Organizada Maré Vermelha, tornou-se conhecida por agitar as arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, casa do Esporte Clube Internacional de Santa Maria, desde aproximadamente 1979. Mais do que uma simples torcida organizada, a Maré Vermelha representou uma quebra do padrão visto nas arquibancadas santa-marienses e gaúchas, adentrando em um espaço extremamente machista, preconceituoso e cisnormativo.

Além disso, surgiu em um contexto de intensa repressão por parte do governo militar, em uma cidade com grande número de militares habitando a região. Na atualidade, a ação deste grupo de torcedores encontra-se apagada dos registros dos torcedores, sendo lembrada somente nas conversas entre alguns destes e saudosistas do passado. Sua atuação não possui o devido reconhecimento histórico por parte da cidade ou do clube a qual era vinculada, o que não reconhece o imenso ato de coragem da torcida frente a um período histórico tão conturbado.

Compreendendo que o cenário social e político de surgimento da Maré Vermelha era adverso, e mesmo assim a torcida durou aproximadamente 12 anos, resta entender se a existência da torcida é um demonstrativo da capacidade de tolerância da sociedade local ou se o seu protagonismo marcou um esforço de resistência no contexto em questão.

Algumas perguntas surgiram a partir destas ideias: como os homossexuais foram recebidos e aceitos nas arquibancadas? A rivalidade Rional foi fator de aceitação do grupo no estádio do Inter-SM? Houve a aceitação completa dos membros da Maré Vermelha, ou houve conflito entre os grupos?

Para atingir o objetivo desta pesquisa e responder estas questões, indaguei como este grupo surgiu e se consolidou em um espaço dominado pelo elemento masculino e que prezava pela manutenção da performance viril. Buscou-se, com isso, demonstrar a importância e relevância que a torcida representa para o movimento LGBTQIA+¹ regional e nacional.

Acredito que as pesquisas acadêmicas devam representar uma parte de seu autor, e também devem trazer um retorno à comunidade a qual o pesquisador está inserido. No meu caso, busquei aliar nesta pesquisa a minha paixão torcedora pelo Esporte Clube Internacional de Santa Maria, meu clube do coração, clube da minha cidade; e a área acadêmica que escolhi como futura profissão, que é a de historiador.

Quando pesquisei a história do E. C. Internacional de Santa Maria, percebi que existem fatos de seu passado que ainda não possuem o devido reconhecimento histórico que merecem. A Torcida Organizada Maré Vermelha representa uma destas lacunas históricas, pois sua trajetória, até o momento, restringe-se a pequenas reportagens jornalísticas em periódicos impressos e online, não aprofundando a imensa importância que a torcida possui no cenário nacional dos grupos LGBTQIA+. Como torcedor-historiador-pesquisador, senti a necessidade de registrar o processo de surgimento e consolidação deste grupo para que suas ações sejam devidamente reconhecidas, e seus atos sejam lembrados na história do clube, da cidade, e das homossexualidades.

Com esta pesquisa, busquei compreender como ocorreu este processo de surgimento e afirmação da Maré Vermelha na arquibancada e na cidade. Além disto, era necessário compreender o contexto no qual a torcida estava inserida, pois seu surgimento sugeria que poderia haver uma grande presença da população homossexual na cidade, o que leva a questão de como os homossexuais se organizavam e se reuniam diante de um cenário tão adverso. Também foi necessário compreender quais estratégias foram utilizadas pelos membros da Maré para se

¹ A sigla LGBTQIA+ é utilizada para definir as diversas nuances de gênero, que seriam lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo e assexuais. O + engloba as diversas outras possibilidades de gênero, como a pansexualidade.

inserir e se consolidarem nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, quebrando assim uma barreira heteronormativa que foi contruída historicamente no estádio.

Para atingir este objetivo, foram realizadas pesquisas documentais em fontes jornalísticas, sendo utilizado o principal periódico da cidade de Santa Maria no período estudado, o Jornal *A Razão*. Para obter relatos mais aprofundados sobre a fundação e atuação da Maré Vermelha, optou-se pela utilização da História Oral como forma de dar protagonismo histórico e reconhecimento às pessoas que compunham a torcida no passado.

Muitos membros da Maré Vermelha faleceram com o passar do tempo, inclusive seus primeiros líderes. A epidemia da Aids e a violência instituída com normalidade contra a população LGBTQIA+ são alguns dos fatores que vitimaram estas pessoas. Além disso, os membros que se encontram vivos não registraram a trajetória da torcida em documentos ou fotos, o que dificultou a localização de fontes documentais sobre o grupo. O principal periódico de Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980, o Jornal *A Razão*, foi a principal fonte jornalística abordada para localizar registros da torcida ao longo da história santamariense.

Os membros da Maré Vermelha não poderiam ficar de fora desta pesquisa, afinal são eles os agentes históricos que possibilitaram o surgimento e afirmação deste grupo ao longo de doze anos nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas. Para tanto, foi utilizada a História Oral para entrevistar pessoas ligadas direta e indiretamente ao grupo. Com o uso exclusivo de fontes documentais, as minorias sociais ficavam muitas vezes excluídas dos relatos históricos, e sua importância não era documentada.

A partir disso, a História Oral surge como uma alternativa para que estes grupos possam obter o devido reconhecimento e protagonismo. O modelo de entrevistas utilizado foi o semiestruturado, e os colaboradores foram membros que fizeram parte da torcida nas mais variadas épocas; além de um torcedor sem vinculação com a Maré que possibilitou um olhar externo à atuação do grupo.

O primeiro capítulo desta pesquisa aborda uma discussão sobre as fontes utilizadas ao longo desta pesquisa, que são as jornalísticas e os depoimentos orais. Utiliza-se, para compreender e justificar o uso destas fontes, autores como José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), Tânia Regina de Luca (2018) e Lucília de Almeida Neves Delgado (2006).

O segundo capítulo desta pesquisa contém discussões sobre a presença de grupos e pessoas homossexuais ao longo da história da humanidade, e como as diferentes sociedades humanas reagem à homossexualidade ao longo do tempo, especialmente no período da Ditadura Civil-Militar brasileira. Este também apresenta um panorama sobre a cidade de Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980, anos em que a torcida surgiu e atuou nas arquibancadas. A discussão inicial é complementada com um panorama sobre dois espaços de expressão cultural santa-marienses: o futebol e o carnaval de rua. Autores como James Green (2014), Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2016) e Luiz Henrique de Toledo (1996) auxiliam as discussões deste capítulo.

A lógica torcedora do Estádio Presidente Vargas é o tema do terceiro capítulo desta pesquisa. Parte-se de uma análise do tipo de futebol praticado no Rio Grande do Sul, distante do tradicional “futebol arte” brasileiro e muito mais ligado ao estilo de jogo dos países platinos vizinhos, que foi por onde o futebol chegou primeiro ao estado. Este estilo platino não é restrito às quatro linhas do gramado e ocupa também as arquibancadas, propondo um estilo de torcer ligado à virilidade e força. Este estilo de torcer ocasionou a dominância masculina nas arquibancadas, que foi imposta com o passar do tempo. Os torcedores santamarienses estão inseridos neste contexto, e a Maré Vermelha representava o oposto do estilo gaúcho de torcer, e pode ser analisada a partir da Teoria Queer. Para entender este universo gaúcho do torcer, sua dominância masculina e o contraponto a isto tudo, utilizo autores como Cezar Augusto Barcelos Guazzelli (2000), Arlei Sander Damo (1999), Judith Butler (2003) e Pierre Bourdieu (1999).

O quarto e último capítulo elabora uma análise e discussão das fontes jornalísticas e orais obtidas ao longo da pesquisa nas páginas do jornal *A Razão* e dos depoimentos, a fim de compreender o surgimento e consolidação da torcida na voz de seus integrantes. Priorizou-se, neste capítulo, a abordagem por meio da voz dos próprios membros da torcida para que os mesmos obtivessem o devido reconhecimento histórico de suas ações no passado. Além disso, abordei o que chamo de legado da Maré Vermelha na atualidade como uma forma de descrever os aprendizados a partir da experiência de seus membros ao terem participado de um movimento deste teor.

Encerro, assim, a abordagem sobre a atuação da Torcida Organizada Maré Vermelha na cidade de Santa Maria, a fim de demonstrar o devido reconhecimento histórico que estas pessoas merecem na História.

1 - PESQUISA E PRODUÇÃO DE FONTES

Neste capítulo, apresento o processo utilizado na pesquisa para a busca e produção de fontes, que se dividem em jornalísticas e orais, assim como discussões teóricas e metodológicas acerca do uso destas fontes.

1.1 - A ausência da Maré Vermelha nos periódicos santa-marienses

O principal periódico de Santa Maria no período que a Maré Vermelha surgiu era o jornal *A Razão*, que abordava as principais notícias da cidade e das regiões vizinhas. O esporte possuía coluna própria neste periódico, sendo priorizados os times locais, Esporte Clube Internacional e Riograndense Futebol Clube. As principais notícias sobre a Maré Vermelha estavam nesta seção, pois o grupo era vinculado ao Inter-SM. O período a ser analisado foi definido a partir de uma conversa informal com Marquita Quevedo, ativista, 54 anos, integrante da torcida na década de 1980. Segundo ela, uma tragédia ambiental ocorrida em 1978 na região sul do estado gaúcho inspirou o nome da torcida organizada.²

² O nome da torcida surgiu a partir de uma referência de um fenômeno que ocorreu na divisa da costa brasileira com o Uruguai denominado de “maré vermelha”. Entre março e abril de 1978, o Estado do Rio Grande do Sul vivenciou uma “tragédia ambiental” em uma de suas praias. Para entendermos este acontecimento, precisamos voltar para 1971, ano em que o navio Taquari naufragou em Cabo Polônio, um povoado localizado no Uruguai. Esta embarcação pertencia a “Dow Chemical Company”, empresa norte-americana que, dentre outras coisas, produz agrotóxicos. O Taquari vinha dos Estados Unidos e navegava pela costa brasileira com o objetivo de chegar ao Uruguai. Entretanto, naufragou antes de chegar ao seu destino e lá ficou, não sendo retirado das águas pelo governo uruguaio ou pela empresa responsável. No município de Santa Vitória do Palmar localiza-se a Praia do Hermenegildo, um balneário que é muito visitado no verão riograndense. No verão de 1978, animais apareceram mortos na costa desta praia: peixes, mariscos, leões-marinhos, cães, gatos, cavalos e vacas. As pessoas que habitavam e frequentavam as proximidades da praia também foram afetadas, apresentando sintomas como tosse, ardência nos olhos e um estranho cheiro de amoníaco podia ser percebido no ar. Investigações foram feitas por órgãos governamentais, e a conclusão oficial foi de que os eventos citados estavam relacionados a um fenômeno chamado “maré vermelha”, um processo natural das algas que torna a água avermelhada e afeta a biodiversidade do local. Fato é que, um dia antes dos animais surgirem mortos na costa, uma forte tempestade ocorreu na região, destruindo ainda mais o Taquari e jogando sua carga tóxica em alto mar. O Brasil estava vivendo em uma ditadura desde 1964, e os militares que estavam no governo resolveram acobertar a negligência de deixar o navio naufragado por anos sem nenhuma supervisão para evitar uma mal-estar diplomático com países vizinhos e parceiros comerciais, como os Estados Unidos.

Portanto, o ano inicial da pesquisa no jornal *A Razão* foi 1978, ano da ocorrência da tragédia, até 1983, que compreende os anos iniciais da torcida e também o período que o Inter-SM estava em maior evidência devido a sua participação na Taça de Ouro, torneio de relevância nacional. Sabe-se que o grupo esteve ativo até 1991, porém optou-se pelo recorte temporal citado para compreender como ocorreu o surgimento e afirmação da torcida.

A utilização do jornal *A Razão* como fonte jornalística para este trabalho implica alguns cuidados na sua análise. Este periódico possuía grande alcance na cidade, abrangendo as principais notícias da região, podendo ser considerado um formador de opiniões local. Além disso, pertenceu ao grupo jornalístico de Assis Chateaubriand, um dos jornalistas mais influentes do Brasil.

O período histórico inicialmente analisado para a obtenção de registros sobre a Maré Vermelha é o da Ditadura Civil-Militar, e este periódico assumiu posição de destaque no golpe, como afirma Pereira (2014). Segundo a autora, *A Razão* publicou opiniões contrárias ao então presidente João Goulart e suas reformas de base, além de apoiar a ideia de um golpe militar. Soma-se ao fato da cidade ser um importante polo militar nacional, o que aumenta ainda mais o apoio aos eventos golpistas. Isto implica que o editorial do jornal possuía sua linha política definida, e isto era fator determinante no que ia ser noticiado em suas páginas. Luca (2018) afirma que:

Pode admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. (LUCA, 2018, p. 139)

Assim, afirma-se que a imprensa santa-mariense aqui representada pelo jornal *A Razão* foi fator de formação de opiniões dos habitantes da cidade não só sobre a política brasileira, mas também em vários segmentos da vida social. Para Leite (2015, p.11) “a imprensa atua em diversos setores e fatores, se constituem como uma força política, veículos formadores de opinião e mediadores sociais”. Possuindo o monopólio sobre a imprensa santa-mariense, *A Razão* atuava como um instrumento de direcionamento de opiniões de seus editores sobre seus leitores, abordando aspectos que iam da vida cotidiana até os assuntos políticos regionais e nacionais.

Para analisar este periódico, é necessário utilizar um filtro em suas notícias, entre o que foi e não foi publicado. Luca (2018, p. 139) segue afirmando que “o historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”. As escolhas do jornal sobre noticiar ou não a Maré Vermelha em suas páginas demonstram sua posição em relação à torcida. O fato de como a torcida foi noticiada deve ser levado em consideração, assim como as datas das notícias. O que fica nas entrelinhas entre o que foi ou não foi registrado é um fator importante para a análise do discurso do jornal.

A Maré Vermelha apareceu algumas vezes na seção esportiva do jornal *A Razão*. Citações sobre a torcida apareciam conjuntamente às reportagens do Inter-SM, geralmente noticiando sua presença junto às outras torcidas organizadas do clube. Fato interessante é que desde a fundação da torcida, em 1979, até o ano de 1982, não houve nenhuma menção por parte do jornal para o fato da torcida ser composta por homossexuais ou se afirmar como uma torcida gay. Leva-se em conta o fato de que o Brasil vivenciava um governo ditatorial que impôs censura à imprensa por meio do Ato Institucional Nº 5, em 1968. A imprensa não possuía a liberdade de noticiar os fatos em sua totalidade, sendo censurada por órgãos governamentais. Já a primeira menção de que se tratava de uma torcida gay, em 1982, condiz com o clima de abertura política que tomou o Brasil neste período, influenciando também a imprensa. Luca (2018) chama a atenção para outro fato sobre a publicação de notícias:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação. (LUCA, 2018, p. 140)

Isto leva a dúvida sobre as reais intenções do jornal ao noticiar o surgimento da Maré Vermelha e quando não informava o fato da torcida ser homossexual: estaria o editorial sofrendo censura por parte dos órgãos do governo; ou não noticiando o fato da torcida ser homossexual para não sofrer repressálias ou um possível boicote da

população santa-mariense? Estes questionamentos trazem à tona a importância da análise da fonte jornalística e seu uso em pesquisas históricas.

O historiador, ao utilizar fontes jornalísticas em suas pesquisas, deve levar em conta fatores como o período histórico no qual o periódico está inserido e seu posicionamento social e político sobre ele; quem são os proprietários do periódico; qual o público alvo de leitores deste periódico. Ou seja, o historiador deve sempre questionar sua fonte, analisando-a com um olhar crítico, sempre levando em conta que o que foi e o que não foi publicado e noticiado é fruto de discussões sobre os eventos do passado no qual os editores do jornal e seus leitores estavam inseridos. Leite (2015) afirma que:

(...) um jornal não corresponde e não divulga toda a realidade do meio ao qual se insere, pois ele seleciona, se posiciona, omite, inverte, reverte, manipula, destaca e oculta os fatos e posições conforme seus interesses, muitas vezes, se expressando como porta-voz de toda uma sociedade, quando na realidade está veiculando os anseios de um grupo minoritário. (LEITE, 2015, p. 13)

Fato é que a abordagem do jornal *A Razão* sobre a torcida modificou-se completamente na reportagem de 1982³, em consonância com o momento político de mudança que o Brasil atravessava. É possível perceber que a abordagem nesta matéria é completamente diferente das anteriores: é a primeira vez que a história da torcida é apresentada aos leitores, dando nome aos seus integrantes, endereço de sede, locais de atuação, objetivos e planos do grupo para o futuro, além de afirmar que seus membros eram homossexuais e se autodenominavam torcida gay.

A pesquisa não se resumiu ao espaço esportivo do jornal *A Razão*. Em matéria vinculada em 2014 no *Diário de Santa Maria* sobre uma tentativa de volta da Maré Vermelha às arquibancadas, Monovan Gomes, umas das principais lideranças do grupo, afirmou que a torcida “tinha uns 60 integrantes, fora o pessoal da bateria, que vinha da escola de samba Vila Brasil”. Aliás, essa escola tinha uma ala gay e foi dali que surgiu a ideia de criar uma torcida para o Inter-SM” (TORCIDA Organizada que fez história pela irreverência não voltará às arquibancadas, 2014).

Esta afirmação serviu para um direcionamento da pesquisa sobre o período do carnaval de Santa Maria. Na década de 1980, o carnaval da cidade era um dos períodos mais aguardados do ano, sendo o desfile na rua o que possuía maior adesão.

³ Esta reportagem está disponível na seção “Anexos” deste trabalho.

Diversas escolas desfilavam nas principais avenidas da cidade, e a citada Vila Brasil era, segundo o *A Razão*, a “escola do povão” (HOMENAGENS..., 1981, p. 13) Esta denominação se dava pelo fato da escola abrigar os excluídos da sociedade santamariense, como os mais pobres e a já citada ala gay, que possuía o nome de *Ala Maravilha*.

Esta ala desfilava com a Vila Brasil nas ruas, possuindo um local de destaque junto à escola e constituindo mais um local de sociabilidade de pessoas que não se encaixavam no padrão cisgênero⁴ na cidade. Muitos membros da Maré Vermelha faziam parte desta ala gay, e existia uma parceria entre estes dois grupos, como afirmou anteriormente Monovan Gomes. Menções sobre a Ala Maravilha foram encontradas desde 1981 no *A Razão*. Diferentemente da Maré Vermelha, a ala gay era noticiada como realmente era, deixando claro o perfil do grupo.

Roberto DaMatta (1997, p. 40) afirma que “no carnaval, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade”, e este sentimento que existe neste período pode explicar a citação no jornal sobre a existência da Ala Maravilha, pois a sociedade santamariense estaria mais receptiva a este assunto. Já o ambiente do futebol (especialmente no caso do futebol gaúcho⁵) demonstra estar mais ligado à virilidade masculina, no qual seus frequentadores prezam pela manutenção da heterossexualidade compulsória, compondo um ambiente pouco receptivo à diversidade, o que explica a ausência de menções sobre a orientação de gênero dos membros da Maré Vermelha em reportagens futebolísticas. Bourdieu (1999) afirma que:

Dada a nossa inclusão, sejamos homem ou mulher, no objeto que nos esforçamos por aprender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de avaliação, as estruturas históricas da ordem masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produtos da dominação. (BOURDIEU, 1999, p.5)

Ou seja, o elemento masculino opera sua dominação em todos os segmentos de interação humana, e esta dominação é construída e mantida ao passar do tempo. No futebol não deixa de ser diferente, ainda mais no ambiente das torcidas

⁴ Optou-se, neste trabalho, a não utilização da sigla LGBTQIA+ para definir os espaços de sociabilização do passado de Santa Maria aqui citados. Em muitos relatos, estes grupos são definidos como “grupos gays”. Não há dados suficientes para afirmar que estes espaços abrangiam todas as nuances de gênero e orientação sexual dos habitantes da cidade.

⁵ Discussões sobre o futebol gaúcho e sua cultura de culto à virilidade serão abordadas no terceiro capítulo deste trabalho.

organizadas, no qual essa dominação masculina é percebida com maior intensidade comparada a outros setores do estádio.

1.2 Protagonismo e reconhecimento histórico por meio da história oral

A pouca documentação existente sobre a Torcida Organizada Maré Vermelha nos periódicos santa-marienses exigiu que a pesquisa buscasse outros caminhos para a obtenção de fontes. A alternativa escolhida para a resolução deste problema foi a história oral. Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006) define a história oral da seguinte forma:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (DELGADO, 2006, p. 15-16)

Esta técnica, como seu nome já revela, consiste em analisar o passado por meio de relatos orais concedidos por colaboradores que vivenciaram os fatos a serem analisados. Mas esta técnica não se resume apenas à entrevista mediada pelo pesquisador. Segundo Meihy & Holanda (2015, p. 15): “História oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto. Não é apenas a entrevista ou outra fonte oral que marca a história oral”. Portanto, é necessário que, antes da prática dos procedimentos, exista um projeto no qual devem constar os objetivos; os possíveis entrevistados, definição de local e data das entrevistas, transcrição da entrevista, análise e confrontação com outras fontes e publicação do material. Somente após isto é que se deve partir para a gravação dos relatos com os colaboradores.

A trajetória da Maré Vermelha pouco foi documentada nos registros oficiais de Santa Maria, como foi citado anteriormente. Quando noticiada pelos periódicos, era tratada com estranheza e com adjetivos como “irreverente⁶” ou “polêmica⁷”, não

⁶ “Torcida organizada que fez história pela irreverência não voltará às arquibancadas.” Diário de Santa Maria. Santa Maria, 30/01/2014. Disponível em: <https://diariosm.com.br/torcida-organizada-que-fez-hist%C3%B3ria-pela-irrever%C3%Aancia-n%C3%A3o-voltara-%C3%A0s-arquibancadas-1.2029554>. Acesso em 16/10/2021.

⁷ MARÉ Vermelha há cinco anos com o Inter. A Razão, Santa Maria, p.28, 4-5 set. 1982.

aprofundando a importância social que a torcida representou. As abordagens sobre grupos que não se adequavam à lógica cisnormativa eram escassas, ainda mais no período da Ditadura Civil Militar no Brasil. Além disso, os próprios membros da torcida não registraram no papel a trajetória da qual faziam parte, pois seu principal objetivo era torcer e se divertir enquanto grupo e local de socialização, e os historiadores e pesquisadores da história de Santa Maria também não abordaram a torcida em suas pesquisas e livros.

Estes fatos acabaram por invisibilizar a torcida nos grandes veículos de comunicação, tanto regionais quanto nacionais. Sua atuação está muito ligada à memória e relatos orais de pessoas que presenciaram o grupo organizado nas arquibancadas, e também na memória de seus próprios integrantes. Muitos santamarienses evocam na lembrança a atuação da Maré Vermelha como grupo organizado que apoiava o E. C. Internacional de Santa Maria, e seus relatos definem que a torcida era vista com dualidade frente a seus espectadores: com saudosismo e/ou chacota.

O primeiro exemplo pode ser percebido nas palavras de Nelson Leal de Souza, torcedor do Inter-SM desde 1979:

Eu acho que assim, da importância que eles tiveram pro Inter, pro clube, que eles ajudavam muito, davam muito apoio, e eu acho que pro movimento LGBT, porque foi tipo uma quebra de amarras, assim, porque até depois o pessoal comentava que sentia falta da Maré. (SOUZA, 2021, p. 6)

Já o segundo era externado nas arquibancadas e em outros espaços, como afirma João Mathias Pinheiro Vieira, membro da Maré Vermelha na década de 1980: “Claro que lá de vez em quando, existia uma piadinha, mas a gente sempre dava um jeito de não responder” (VIEIRA, 2021, p. 3).

Esta discussão traz à tona a importância do uso da história oral, especialmente para grupos que foram silenciados no passado. A Maré Vermelha era composta por pessoas que faziam parte de uma minoria social, que eram os homossexuais de Santa Maria. Este grupo, ao lado de outras minorias como negros, mulheres e qualquer outro que não se encaixasse no padrão social vigente, não possuía espaço para se expressar em nenhum local no qual sua voz alcançasse seus semelhantes. Os documentos da história oficial não abrangiam estas pessoas, o que ocasionava um apagamento histórico destes grupos. A história oral surge como uma alternativa para

que a atuação destes grupos seja registrada e compartilhada, demonstrando sua importância na sociedade. Etienne François (2006) afirma que:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada, a história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma história vista de baixo (...), numa perspectiva decididamente micro-histórica. (FRANÇOIS, 2006, p. 4-5)

Ou seja, a história oral surge como um instrumento utilizado pelo historiador para dar voz e protagonismo aos invisibilizados sociais e as pessoas que não tiveram sua história e seus feitos devidamente registrados. Documentar a história destes grupos é essencial para compreender a sociedade e o passado, e também prestar o devido reconhecimento que estas pessoas merecem na história.

As fontes oficiais prezam pela manutenção da que era considerada a normalidade, não abordando a história dos excluídos e grupos minoritários, como é o caso da Maré Vermelha. Apesar de existirem menções à torcida no jornal *A Razão*, existem lacunas sobre o reconhecimento que a torcida merece na atualidade. Estas lacunas históricas podem ser melhor compreendidas com o auxílio dos próprios membros da torcida, que contribuíram na pesquisa como protagonistas de sua própria história. Para tanto, foi utilizada a técnica da História Oral para dar voz e protagonismo a estas pessoas que fizeram parte da Maré Vermelha.

Esta técnica de pesquisa histórica surge como uma alternativa para que a torcida obtenha o devido reconhecimento que merece. Seus membros, nas entrevistas, assumem o papel de sujeitos atuantes de sua própria história, pois se reconhecem nos próprios relatos como protagonistas. Além disto, os relatos orais trazem novidades para o âmbito das fontes, podendo se revelar como novas visões sobre o assunto pesquisado. Com os relatos de seus próprios agentes, sua história é reconhecida e contemplada, dando-se o devido valor aos protagonistas da história.

Meihy (2005, p. 37) aponta que “aliada da democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias conhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes.” Compreende-se que os membros da Maré Vermelha não faziam parte de um grupo dominante de Santa Maria em nenhum de seus locais de atuação. Seja nas arquibancadas ou na escola de samba, seu espaço de atuação era limitado.

Pesa também o fato de que seus integrantes faziam parte de uma minoria social, o que diminuía ainda mais o alcance de sua voz. Justifica-se o uso da História Oral como necessária para que a atuação do grupo seja devidamente documentada e registrada como fator determinante na história LGBTQIA+ de Santa Maria, além de também demarcar a presença histórica da torcida na cidade.

Com poucas exceções, as fontes bibliográficas da cidade não mencionam a presença da torcida em seus registros, sendo uma parte esquecida pelos escritores santa-marienses. Isto explica a necessidade do uso da história oral como mediadora da obtenção de fontes por meio das entrevistas, pois o principal local onde a Maré Vermelha encontra-se é na memória das pessoas que vivenciaram sua atuação. Para tanto, as entrevistas não se restringiram somente aos relatos dos membros da torcida, mas se expandiram para torcedores que estavam presentes quando a Maré Vermelha era atuante, a fim de perceber por meio de outras vozes o contexto de surgimento do grupo.

Ao trabalhar com memórias, é necessário tomar alguns cuidados. Delgado (1999) define a relação história-memória da seguinte forma:

Considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que em sua relação com a História, a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, através de uma interrelação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. (DELGADO, 1999, p. 1061)

Assim, a memória é uma representação de experiências vividas por um indivíduo, sendo as lembranças mais marcantes e impactantes as que mais serão externadas pelo colaborador. As entrevistas produzem narrativas orais que são os relatos externados destas memórias e, posteriormente, serão fontes documentais, após o processo de transcrição. Estas narrativas representam a visão que o colaborador possui das experiências que viveu, representando um ponto de vista pessoal sobre fatos que marcaram sua vida ao ponto de guardá-los em sua memória. Estas ponderações vão ao encontro das afirmações de Oliveira (2015):

A memória é, então, um processo de seleção e escolha, e cada um recorda aquilo que considera importante para a coletividade, fazendo emergir uma formação identitária a partir dessas experiências coletivas. Aí surge, portanto, uma forma simbólica de identidade cultural. A memória pode representar, assim, a consciência de um sentimento de identidade, permitindo identificar

os grupos e suas tantas distinções e pontos de encontro. (OLIVEIRA, 2015, p. 24)

Os colaboradores elaboram sua narrativa de acordo com uma representação que sua memória constrói do passado, não podendo, então, serem analisadas como uma visão verdadeira em sua totalidade. Entretanto, fatos se repetem nos relatos dos integrantes, que podem ser considerados marcos da memória coletiva do passado da Maré Vermelha, e devem ser considerados na análise historiográfica. Meihy (2005, p. 61) alerta que “o passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces”.

Por ser uma visão pessoal do passado, leva-se em conta que somente o relato em si não é suficiente para compreender um cenário tão complexo que está sendo analisado. A memória, analisada somente por si mesma e sem nenhuma confrontação com outros tipos de fonte, não pode representar o cenário do passado. Meihy (2005, p. 56) afirma que “a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si”, e que a “memória individual só interessa na medida em que permite o conhecimento do fenômeno social” (MEIHY, 2005, p. 64).

Assim, sem a mediação da história oral, do trabalho crítico sobre as entrevistas e o confronto com outras fontes (como as jornalísticas utilizadas neste trabalho) não se pode compreender o período histórico e o sistema social no qual a Maré Vermelha surgiu e se afirmou como coletivo organizado. Reconstituir o passado a partir do presente é tarefa árdua, mas existem elementos que auxiliam este desafio, como o uso das fontes orais e escritas. Delgado (2003) consegue resumir esta tentativa de reconstituir o passado:

O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado (DELGADO, 2003. p.10-11).

O objetivo desta pesquisa não é reconstruir passo a passo toda a trajetória da Maré Vermelha, mas compreender o contexto social na qual ela estava inserida em seu surgimento, dando visibilidade para o importante papel social e de enfrentamento ao preconceito que a torcida representou, além de dar voz aos sujeitos ativos do grupo. Os relatos orais auxiliam esta rememoração da torcida com uma visão e

representação pessoal do passado, não podendo ser considerada a história em si. Mas é a partir destes “fragmentos” citados acima, aliados às demais fontes documentais, que se pode compreender o passado da Maré Vermelha. A memória humana é subjetiva, e trabalhar com fatos que ocorreram a quase quarenta anos pode ocasionar informações e fatos que não condizem com a realidade. Entretanto, o objetivo da utilização da História Oral nesta pesquisa é o de construir uma narrativa que analise o cenário no qual a Maré Vermelha surgiu pela voz de seus integrantes, reconstruindo a história e memória coletiva da torcida.

Michael Pollak (1992, p. 203) afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. O que nos leva a afirmação de que os colaboradores das entrevistas não lembram de toda a sua trajetória na torcida, sendo impossível reconstruir passo a passo sua trajetória no grupo, o que não é o objetivo deste estudo. Mas existem marcos na memória que se destacam e se repetem nos relatos de vários integrantes, que são considerados fatos que constituem a memória da Maré Vermelha. São estes fatos que se repetem que constroem a memória coletiva que circunda as lembranças de seus membros, e constituem pontos que devem ser analisados profundamente.

Analisada individualmente, a memória gravada em entrevista é somente um relato, um fragmento pessoal do colaborador que representa uma visão que o mesmo possui do seu passado e das experiências vivenciadas. Esta visão foi moldada e modificada com o tempo, pois o ser humano está em constante mudança, e com isto suas lembranças também se modificam. Compreender estas mudanças faz parte do processo de analisar as fontes e compreender o passado.

Os integrantes da Maré Vermelha estavam reunidos como torcida organizada por meio de um fator identitário: todos eram homossexuais. Ser um sujeito que não seguisse a norma cisnormativa da sociedade era fator de inclusão neste grupo, que se fechava em seu gueto. Ser homossexual consistia em fator de identidade dos integrantes do grupo, fato que os mantinha unidos como coletividade. As memórias mais marcantes dos integrantes do grupo deste período estão ligadas a este fator de identidade, pois era isto que os unia em torno da Maré Vermelha. Delgado (1999) afirma que:

Na dinâmica da produção de documentos orais, a questão da identidade adquire, portanto, uma dimensão especial, traduzida pelo reconhecimento das similitudes e das diferenças, por meio do afloramento de lembranças e da construção das representações sobre o passado. (DELGADO, 1999, p. 1062)

A identidade, aliada à memória, está sempre em mudança. Ela altera-se com o tempo, muda suas percepções, mas não deixa de ser um fator que define o indivíduo e o faz se reconhecer como sujeito da história. O fator identitário está muito ligado a um recorte social que pode ser feito a partir destas análises e, no caso específico da Maré Vermelha, um recorte de gênero. A torcida representava uma parcela da população santa-mariense que não se reconhecia nos padrões cisgênero, e isto os diferenciava em qualquer lugar que fossem, pois não deixavam de externar a sua essência. Ser homossexual os excluía da sociedade, mas ao mesmo tempo os unia como grupo organizado, tanto na torcida ou na escola de samba. A identidade de gênero permeia suas vidas até a atualidade, e nesta época os tornava elementos diferentes na sociedade, especialmente nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas.

Ser diferente do padrão cisnormativo social trouxe necessidades para a população homossexual de Santa Maria. Eles precisavam de locais de socialização e acolhimento, pois os locais já existentes na cidade com este intuito poderiam não acolher pessoas LGBTQIA+, com exceção da Ala Maravilha da Vila Brasil, que se encontrava mais ativa somente na época do carnaval, deixando a cidade com a ausência de locais específicos para homossexuais no resto do ano. Já o futebol profissional possui um calendário de jogos que se estende por quase todo o ano, o que os deixaria por mais tempo unidos em torno de um objetivo, que era se reunir como grupo organizado para torcer pelo Inter-SM. Então, fatores identitários de torcedores do Inter de Santa Maria e, sobretudo, ser homossexual, foram determinantes para que a torcida se mantivesse unida como coletivo por muito tempo.

O gênero da história oral temática foi escolhido como o mais adequado para analisar o processo de surgimento e afirmação da Maré Vermelha. Meihy & Holanda (2015, p. 35) afirmam que “no caso da história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades”. Apesar de fatos pessoais dos colaboradores surgirem em meio às entrevistas (o que estaria mais próximo do gênero história oral de vida), existe um objetivo definido nesta pesquisa, que é compreender o processo de surgimento e afirmação da Torcida Organizada Maré Vermelha nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas. Os autores também afirmam que:

Assim, por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. Decorrência natural de sua existência, a história oral temática pura deve promover debates com redes capazes de nutrir opiniões diversas ou, no caso de história oral híbrida, precisa se mesclar com outras fontes, que, enfim rebaixam tanto seu uso como código (oral) específico quanto seu valor como documento original. (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 38)

Discutir o surgimento e afirmação da Maré Vermelha não é somente analisar uma torcida organizada, mas compreender como um grupo social que não se encaixava nos padrões cisgênero (e que por isso era excluída dos espaços que a cidade proporcionava) se organizou de maneira autônoma e se afirmou em espaços de lazer e sociabilização de Santa Maria. Analisar a Maré Vermelha é compreender como a sociedade santa-mariense se portava frente à questões relacionadas a gênero nas décadas de 1970 e 1980. Para tanto, é necessário que a pesquisa seja feita com um objetivo específico e as entrevistas sejam guiadas por um questionário com perguntas semiestruturadas.

O primeiro passo para começar a pesquisa foi localizar pessoas que fizeram parte da torcida. A primeira integrante a ser contatada foi Marquita Quevedo, que participou da torcida em meados dos anos 1980, e atualmente é uma das mais importantes ativistas LGBTQIA+ de Santa Maria. A partir deste primeiro contato, foi estabelecida a comunicação com outros membros. Por meio de conversas informais, tomou-se conhecimento de que vários integrantes da torcida já haviam falecido, inclusive suas principais lideranças.

Destaca-se o nome de Marcelino Cabral e Otávio Amaral (mais conhecido como Tavico), que foram as primeiras lideranças da torcida; além de Monovan Gomes, que chegou ao grupo um pouco depois da fundação, mas também exercia importante papel de liderança. Monovan, posteriormente, trabalhou como roupeiro do Inter-SM, vindo a falecer durante um jogo, em 2014.⁸ As outras pessoas selecionadas foram escolhidas de acordo com a disponibilidade para a entrevista, além da relevância que tinham dentro do grupo.

Os membros escolhidos para a entrevista foram Elizabeth Peres Flores, aposentada, 63 anos; Luiz Carlos Kunrath, professor, 58 anos; João Mathias Pinheiro

⁸ A história de Monovan Gomes foi contada em reportagem do jornalista Guilherme Granez intitulada “O roupeiro que levou seu time no coração”, do blog *Puntero Izquierdo*. Disponível em: <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-homem-que-levou-seu-time-no-cora%C3%A7%C3%A3o-e0441b3f315b>.

Vieira, aposentado, 55 anos e Marquita Quevedo, ativista, 54 anos. Todos foram membros da torcida em diferentes períodos. Nelson Leal de Souza, funcionário público, 56 anos e frequentador do Estádio Presidente Vargas desde 1979 foi escolhido a fim de propiciar uma análise de um olhar externo à Maré Vermelha.

Devido ao contexto da pandemia do vírus do Covid-19, as entrevistas com os membros da Maré Vermelha tiveram que ser realizadas por meio de videochamadas online. As entrevistas seguiram o modelo semiestruturado, que permite que o entrevistador e o colaborador estabeleçam um diálogo mais fluido. No ato da entrevista em si, buscou-se dar liberdade para o entrevistado construir sua narrativa, contando com algumas intervenções pontuais em forma de perguntas por parte do entrevistador. Este processo se torna necessário para que o colaborador sinta-se com liberdade de contar sua própria história, e com isso se veja representado como um protagonista de sua história. O debate com outros tipos de fontes que não as orais é feito com as fontes jornalísticas do jornal *A Razão*, as quais demonstram por vezes um ponto de vista diferente sobre a torcida, bem como as referências teóricas relacionadas aos conceitos que auxiliam na compreensão do tema.

2 - HOMOSSEXUALIDADES NO CURSO DA HISTÓRIA

Do macro ao micro, podemos traçar um breve relato sobre as homossexualidades na história da humanidade com o passar do tempo. Partindo da Antiguidade, é possível chegar até Santa Maria, cidade interiorana do Rio Grande do Sul. Apesar de analisarmos diferentes sociedades, com diferentes tempos históricos e diferentes práticas sociais, é possível perceber uma linearidade: a homossexualidade sempre fez parte da composição social, seja bem aceita ou não, estando presente desde as primeiras sociedades humanas. Também podemos constatar que o que é socialmente aceito no espectro das sexualidades varia de acordo com as normas sociais vigentes, determinando que os padrões da sexualidade são historicamente construídos, assim como sua aceitação ou não pela sociedade.

Será apresentado, neste capítulo, um breve histórico sobre a história das homossexualidades e suas nuances ao longo da história e como esta questão de gênero se modificou em sua trajetória; e também como a homossexualidade era vista no Brasil e, conseqüentemente, em Santa Maria.

2.1 A homossexualidade nas sociedades do passado

A história das homossexualidades assume diferentes nuances ao passar do tempo nas diversas sociedades que compuseram a história humana. Fato é que ela está presente como protagonista nos campos sociais e políticos de muitas organizações sociais. Assim, de acordo com as ideias de Judith Butler (2003), podemos afirmar que o gênero é uma construção social que se modifica de acordo com as especificidades de sua época histórica. Por exemplo, nas sociedades que compunham a Antiguidade Clássica, os homens homossexuais eram vistos com naturalidade desde que seguissem regras sociais pré-estabelecidas. Faro (2015, p. 125) afirma que “parece haver consenso entre os historiadores de que na Antiguidade Greco-Romana não se proibia o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, havendo, inclusive, tolerância social para esse tipo de relação”. Em Esparta, as relações homo fortaleciam o vínculo dos guerreiros, e esta tática era utilizada nas diversas batalhas que eles travavam. Em Atenas, o vínculo entre aluno e professor

poderia ultrapassar a barreira do ensino e ir até a relação amorosa, constituindo um importante fator de formação cidadã desta sociedade.

Também no Oriente este assunto era visto com naturalidade. Na Índia, a homossexualidade e bissexualidade estavam fortemente ligadas a religião. É recorrente notar no panteão sagrado hindu deidades que modificam seu gênero de acordo com a situação, tendo Kali e Shiva como exemplos. Em várias histórias desta religião, os deuses assumem relações homossexuais e abençoam uniões entre pessoas do mesmo sexo. O ponto alto da ligação da religião hindu com a sexualidade é o Kama Sutra, livro que aborda temas da sexualidade humana. Na China, Faro (2015, p. 127) afirma que “há fortes evidências da institucionalização de casamentos homossexuais na China durante as Dinastias Yuan e Ming (1264-1644)”. Também, nesta região, é registrada a presença de um Deus Coelho chamado de Tu'er Shen, que seria o responsável por administrar os sentimentos homossexuais.

A partir da ascensão da Igreja Católica como força política que ditava a vida social, as práticas homossexuais passaram a ser vistas como abominação. Seguindo preceitos bíblicos, qualquer ato sexual que não tivesse o objetivo da procriação era pecado. O sexo só deveria ser consumado dentro do casamento, e este casamento só poderia ser entre um homem e uma mulher. A união matrimonial era um dos pilares da religião católica, e profaná-la renderia punições, como a morte. Iotti (2021) afirma que:

Na Idade Média, o preconceito contra qualquer ato sexual que não fosse aquele praticado dentro do casamento, na posição mais ortodoxa e com a finalidade exclusiva da procriação, aumentou em grandes proporções, pois a sociedade humana já estava doutrinação pelos dogmas arbitrários e preconceituosos da Igreja Católica contra tudo aquilo que esta não julgava correto. (IOTTI, 2021, p. 96)

Esta ideia prevaleceu durante todo o período da Idade Média, e não ficou restrita a este período. Muitos preconceitos atuais sobre a população LGBT são semelhantes aos surgidos das ideias da Igreja Católica. Entretanto, nada foi mais cruel que as ideias eugenistas surgidas a partir do século XVIII. Classificada como patologia, a homossexualidade sofreu seu maior golpe por parte da ciência. Segundo Toniette (2006):

A ciência médica se apropriou desse espaço, indo além do tratamento de doenças sexualmente transmissíveis, chegando ao campo moral que se acreditou ser a raiz dos desvios sexuais. Assim, a homossexualidade acabou se tornando no século XIX um marcador-chave para a heterossexualidade normativa, e um elemento importante para a

produção e reprodução do regime dominante de vida sexual na sociedade ocidental contemporânea. (TONIETTE, 2006, p. 46)

Homens e mulheres eram classificados como doentes pelo simples fato de amarem alguém do mesmo gênero. Já no século XIX, a homossexualidade passou a ser considerada crime em alguns países, como a Alemanha. E é neste mesmo país que ocorreu um dos maiores genocídios da história da humanidade: durante a Segunda Guerra Mundial, minorias sociais (incluindo homossexuais) foram perseguidas e mandadas a campos de concentração pelos nazistas, que se baseavam nas ideias fascistas e eugenistas de supremacia branca e ariana. Somente em 1973 a homossexualidade foi retirada da lista de patologias por parte da Associação Americana de Psiquiatria.

Mas é a partir da década de 1960 que os grupos LGBT começam a se organizar como movimento social. Em 1969 ocorreu a Rebelião de Stonewall, evento que representou um ponto de mudança para a população LGBT. Stonewall era um bar localizado em Nova York famoso por ser um ponto de encontro LGBT. Batidas policiais violentas eram frequentes neste local. Até que em junho de 1969, após uma dessas visitas indesejáveis dos policiais, um grupo de pessoas LGBT reagiu e se organizou frente a arbitrariedade, se organizando política e socialmente (PERRONI *et al.*, 2019).

Esta pequena revolta (em quantidade de pessoas, mas gigante em seu significado) cresceu e se tornou o embrião do que hoje são as Paradas LGBTQIA+ que ocorrem em várias partes do mundo. Este acontecimento ilustra o espírito de revolta e mudança da década de 1960 no mundo, tendo como marco maior o ano de 1968, chamado de “o ano que não acabou”. A contracultura cresce nesta década (KRUGER, 2010), embalada pela Guerra Fria e os constantes conflitos, como a Guerra do Vietnã e as Ditaduras na América Latina.

A Maré Vermelha surgiu alguns anos após estes eventos mundiais, especificamente na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. O país estava mergulhado em um período ditatorial desde 1964, quando militares brasileiros, apoiados pelo governo norte-americano, dão um Golpe de Estado no presidente democraticamente eleito João Goulart. Liberdades individuais passaram a ser desrespeitadas; a imprensa perde sua autonomia para noticiar os absurdos governamentais; partidos políticos foram extintos e opositores foram presos, torturados e mortos, tudo isto sob o véu da impunidade.

Um dos períodos mais sangrentos da história do Brasil é também no qual surgem muitos grupos clandestinos de minorias clamando por liberdade civil e respeito. A Maré Vermelha surgiu aproximadamente em 1979, período em que a Ditadura Civil-Militar estava enfraquecida, tanto na visão nacional quanto na internacional, e a abertura política estava em curso. Entretanto, ainda existe neste período forte repressão às liberdades individuais e às opções políticas.

A Ditadura Civil-Militar representou um enorme atraso para o Brasil em diversos aspectos. Da área econômica à cultural, os estragos foram muitos. Para a população LGBTQIA+, que sofreu e sofre preconceito pelo simples fato de existir, a presença dos militares na política e nos órgãos de repressão foi mais um perigo dentre os quais já estava acostumada a enfrentar. Com o passar dos anos ditatoriais, a repressão aumentou de maneira expressiva. O Ato Institucional Nº 5 representou o terror para as esquerdas e minorias sociais.

Eventualmente, as homossexualidades eram associadas ao chamado fantasma do comunismo, que pairava sobre o imaginário dos militares e “dos cidadãos de bem”. Benjamin Cowan (2014) afirma que a polícia política da Ditadura, em diversos relatórios de espionagem de grupos jovens e considerados “subversivos”, associou o “homossexualismo” a um plano internacional de dominação comunista que colocava em risco a moral e bons costumes do Brasil. Esta análise dos militares se dava pelo fato de os homossexuais, muitas vezes, frequentarem os mesmos espaços que os grupos organizados de minorias, considerados subversivos, e conseqüentemente, comunistas. Segundo ele,

A atividade homossexual não foi a razão principal por que tantos brasileiros sofreram vigilância, detenção, tortura e morte. O indispensável aqui, porém, é como as forças de repressão, especialmente as da linha-dura, viam na homossexualidade um componente de um complô mais amplo, inspirado pelo comunismo internacional e baseado na dissolução moral - e calculado para destruir o Brasil do interior.” (COWAN, 2014, p. 49)

O policiamento sobre a população homossexual era intenso. Como o principal meio de entretenimento deste grupo eram as atividades noturnas, é comum ler em artigos de jornais, nas páginas policiais, batidas realizadas pelas forças da Ditadura em boates e bares onde os homossexuais se reuniam. Denunciados principalmente pelos cidadãos de bem, estes atos eram noticiados justamente para se manter a “moral e bons costumes” cristãos, vigentes na sociedade conservadora brasileira.

Com isso, a população LGBT, que saía à noite visando diversão, era posta ao mesmo lado de criminosos nas páginas policiais. Operações policiais que realizavam

ações arbitrárias em locais de convívio LGBT foram planejadas e executadas, e como maior exemplo estão a “Operação Rondão” e “Operação Tarântula”, ambas em São Paulo. Rafael Freitas Ocanha (2014) exemplifica o que eram, em sua essência, estas operações policiais:

Nesta década (1970), a homossexualidade havia rompido o tradicional silêncio que pairava no espaço público e as rondas de policiamento ostensivo foram a principal forma de combate à homossexualidade utilizada na cidade de São Paulo na fase de abertura da ditadura militar. Os diversos segmentos LGBTs sofreram rondas específicas por parte da polícia civil e militar, não se limitando aos que se encontravam em situação de prostituição. (OCANHA, 2014, p. 154)

Mas não só de repressão viveram os grupos LGBTs que vivenciaram a Ditadura Civil-Militar. A partir do final da década de 1970, começam a surgir no Brasil os primeiros movimentos em favor dos homossexuais. O ano de 1978 marca o nascimento de dois movimentos importantíssimos para a história LGBT brasileira: o *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*; e *O Lâmpião da Esquina*, periódico independente. O primeiro é considerado o primeiro movimento organizado de gays no Brasil, participando de protestos contra a violência de gênero e também dos movimentos que buscavam a redemocratização. Do *Somos* nasce uma dissidência, que se chama *Grupo de Ação Lésbico Feminista*, formado por mulheres.

Já o segundo foi um jornal independente que circulou principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo voltado para o público homossexual. Dentro de suas páginas podia-se encontrar reportagens sobre a homossexualidade em geral, que iam desde seções de cartas para encontros amorosos a denúncias de ações arbitrárias com os editores ou algum determinado grupo na noite. Estes dois movimentos se complementam, pois um surge a partir da movimentação do outro, representando um fio de esperança para a população LGBTQIA+ que vivia no regime ditatorial.

É importante ressaltar que o contexto nacional é de abertura política, e isto está exemplificado na diminuição da censura e no aumento das liberdades individuais, mesmo que seja o mínimo possível. Leonardo da Silva Martinelli (2019) analisa, em seu artigo intitulado “*Um gay power à brasileira*”: *Veja e a representação dos homossexuais em meados de 1977*”, a repercussão de uma matéria sobre o convívio homossexual. Fato curioso é de que a *Revista Veja* nasceu nos anos da censura, em 1968, e com o passar do tempo foi se adequando à abertura e à pouca liberdade de

imprensa permitida. Se esta matéria fosse feita cinco anos antes, com certeza seria vetada e seus autores seriam interrogados e taxados de subversivos de maneira mais enfática. Com esta abertura, assuntos que envolviam questões de gênero puderam ser debatidos e publicados.

Com estas leituras, podemos ter uma breve noção da realidade LGBT no contexto da Ditadura Civil-Militar. Porém, é necessário fazer a ressalva que estas ações aqui exemplificadas não correspondem à totalidade do cenário brasileiro em relação à repressão sofrida pela população LGBT. O período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) não foi regular de acordo com suas ideias iniciais. O nível de repressão e censura variava de acordo com as especificidades do período, e estas mudanças também se aplicam às diversas regiões do país.

Não podemos comparar a lógica das capitais paulista ou carioca com a realidade de Santa Maria, uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul. Fato é que a cidade gaúcha possui suas próprias particularidades que diferem muito das capitais. Isto determina que a cidade tem uma lógica social diferente que altera e dita seus padrões de convívio. Entretanto, Santa Maria está inserida dentro do contexto ditatorial, assim como São Paulo e Rio de Janeiro. A cidade gaúcha também experimenta o terror da Ditadura, em suas diferentes formas. Então, analisar o contexto santa-mariense nos anos de repressão ajuda a compreender mais uma parte da Ditadura no Brasil, do micro ao macro.

2.2 – Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980: militar, ferroviária, estudantil e homossexual?

Pouco se sabe sobre a história das homossexualidades em Santa Maria, sendo um assunto pouquíssimo abordado na história do município. Alguns autores, como Passamani (2011), abordam questões da atualidade sobre a população LGBTQIA+ da cidade. Entretanto, o passado das homossexualidades de Santa Maria não possui estudos aprofundados, o que ocasiona a invisibilidade dessa questão na cidade. Analisar o processo de surgimento e consolidação da Maré Vermelha é extremamente necessário para entender a sociabilidade homossexual santamariense.

Considerada uma das primeiras organizações gay do município, a Torcida Organizada Maré Vermelha possui uma importância ímpar na história das homossexualidades no Brasil. Infelizmente, o véu do esquecimento caiu sobre a

torcida, sendo somente lembrada em reuniões da velha guarda de Santa Maria em conversas casuais de mesas de bares, muitas vezes em tom de chacota e desdém, demonstrando o desconhecimento da intensa coragem e luta que os membros da Maré ousaram ter e enfrentar nas arquibancadas. Rememorar a trajetória da torcida se faz necessário frente a um cenário de obscuridade e negacionismo da atualidade, e também para homenagear os membros que já partiram deste mundo e os que ainda vivem e guardam na memória vivências na torcida.

Para compreender o surgimento de uma torcida organizada gay em Santa Maria, é necessário contextualizar o cotidiano santamariense no final da década de 1970 e início da década de 1980. A cidade possuía uma variedade de grupos sociais que compunham a sociedade do município: estudantes, militares e ferroviários eram os mais expressivos, além da classe comerciária. Esta teia social por vezes provocava tensão entre estes grupos, ainda mais potencializados em um contexto histórico de Ditadura Civil-Militar. Neste subcapítulo, analisaremos o contexto social da cidade para compreender o surgimento do objeto de estudo desta pesquisa, a Maré Vermelha.

O contexto de surgimento da Maré Vermelha (1979) é de intensa movimentação política. O Brasil estava mergulhado em uma Ditadura Civil-Militar desde 1964, quando o exército, contando com o apoio estrangeiro norte-americano, depôs por meio da força o presidente democraticamente eleito João Goulart. Desde então, prisões arbitrárias, censura à imprensa, fim das liberdades individuais, tortura e morte de opositores políticos passaram a ser normalidades no dia a dia brasileiro.

As ditaduras na América Latina estavam inseridas no contexto da Guerra Fria, quando Estados Unidos e União Soviética polarizaram a política mundial e criaram conflitos em várias partes do mundo. Para o caso brasileiro, é importante levarmos em conta que não somente as grandes metrópoles da época participaram ativamente do Golpe. Para existir o sentimento de nacionalismo neste acontecimento, era necessário que a diversidade brasileira estivesse representada nas forças armadas golpistas.

Santa Maria, cidade interiorana do Rio Grande do Sul e onde posteriormente surgiria a Maré Vermelha, é exemplo deste caso. Este município, localizado na região central do Estado, possuía forte contingente militar, pois abrigava a 3^o Divisão do Exército, que apoiou fortemente o golpe ocorrido em 1964. Para exemplificar a

influência do exército na cidade, utilizamos este trecho do trabalho de Antonio Augusto Berni (2015):

Situação bem conhecida, Santa Maria ao longo da história brasileira converteu-se em um importante polo militar do sul do Brasil, sendo sede da 3ª Divisão de Infantaria do Exército (3ª DI) que se constituía em uma das duas guarnições de infantaria do Rio Grande do Sul que abrigava, por sua vez, a maior parte do contingente do III Exército Brasileiro. (BERNI, 2015, p. 3)

O contingente militar de Santa Maria também estava presente em acontecimentos de ordem nacional. Segundo Machado (2012, p. 31) “as unidades militares federais hoje aqui instaladas reportam-se à história colonial, imperial e republicana do Brasil, através da materialização de algumas delas que no passado desempenharam importante papel na conquista e defesa das fronteiras no sul do país.” Fato é que a origem da cidade está fortemente ligada aos militares, que estavam presentes na região desde a realização do Tratado de Santo Idelfonso (1777), que definia as fronteiras de Portugal e Espanha.

Guerra da Cisplatina (1825-1828); Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852) e Guerra do Paraguai (1864-1870): estes três conflitos possuem a característica de possuírem motivações territoriais e de fronteira, e todos tiveram a participação do exército que estava instalado na região que hoje é Santa Maria. Prova da importância geográfica da cidade como defensora das fronteiras portuguesas, e posteriormente do Império Brasileiro. Ao decorrer do século XX e XXI a cidade vai adquirindo cada vez mais importância junto ao exército, com a instalação de diversas bases e quartéis.⁹

Possuindo grande importância no cenário nacional, o contingente militar santamariense se fez presente no golpe militar de 1964. Santa Maria era um importante ponto estratégico nacional, pois abrigava uma imensa rede ferroviária que interligava o Estado para outras regiões do país. Segundo Cerezer (2012, p. 220), o golpe repercutiu fortemente na cidade. Os militares ficaram de prontidão e obedeceram às ordens do alto escalão, como a cassação de direitos políticos de opositores, prisões arbitrárias, intervenção nos órgãos estaduais e federais que

⁹ Para mais informações sobre as relações da região de Santa Maria e o exército, consultar: MACHADO, Márcia Kaipers. A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria. *In*: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

tinham sede na cidade e até a cassação dos mandatos do prefeito e vice da cidade. Um dos primeiros pontos tomados pelos militares foi a Gare da Viação Férrea, local de onde partiam os trens de carga e passageiros. Tropas partiram para apoiar o golpe em outros estados. Após os acontecimentos iniciais da Ditadura, os setores conservadores dominaram o pensamento dos principais meios de comunicação da cidade.

Devido a já mencionada localização geográfica de Santa Maria, a cidade se tornou um local importante economicamente para o país. Além de abrigar grande parte do contingente militar nacional, sua posição central no estado possibilitou que a cidade recebesse a ferrovia que percorria boa parte do território nacional. Isto ampliou a força econômica da cidade, fazendo crescer sua população. Segundo Viero & Figueiredo (2012):

Santa Maria foi a cidade do interior gaúcho mais beneficiada pela ferrovia. Em 13 de outubro de 1885, data considerada como um dia de glória, chegou à cidade a primeira linha férrea à cidade que tinha como procedência Porto Alegre. O grande desenvolvimento da cidade de Santa Maria se deve ao surgimento da ferrovia. Com ela surgem segmentos que são importantes até hoje no município. (VIERO & FIGUEIREDO, 2012, p. 122-123)

Com a vinda da ferrovia, a população da cidade aumentou, devido aos trabalhadores da mesma e também dos comerciantes de Porto Alegre e de São Paulo, que viram a oportunidade de atender a demanda da população. A maioria dos novos ferroviários que chegavam à cidade se instalaram na Vila Belga, um conjunto de casas operárias construídas pelos donos da ferrovia. Boa parte deste aumento populacional se deve à chegada dos militares, ferroviários e estudantes, que abordaremos a seguir.

Com a chegada da ferrovia na cidade, diversas outras instituições se instalaram na região. Além do aumento dos quadros militares e dos comerciantes, os estudantes de outros locais passaram a fazer parte do cotidiano santa-mariense, o que lhe conferiu o status de “cidade universitária”. As instituições de ensino superior apresentaram um aumento a partir da década de 1950 na cidade, porém já estavam presentes desde a década de 1930, com a fundação da Faculdade de Farmácia, em 1932. Logo após, outras instituições são fundadas, como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição - FIC (1955); Escola de Enfermagem “Nossa Senhora Medianeira” - FACEM (1955); Faculdade de Direito (1959) e a Universidade Federal de Santa Maria (1960)¹⁰. Este grande número de locais de ensino na cidade

¹⁰ Informações detalhadas sobre a formação das instituições de ensino superior em Santa Maria podem ser encontradas em QUADROS, Claudemir. Ensino Superior em Santa Maria: iniciativa e trabalho de

ocasionou um aumento populacional, especialmente de estudantes. O quadro estudantil da cidade é enorme inclusive nos dias atuais, representando uma grande força social e econômica.

Estes três grandes grupos sociais de Santa Maria relacionam-se diversas vezes ao passar do tempo. Na Ditadura Civil-Militar, os conflitos entre eles são constantes. Os militares, temendo a força sindical que os ferroviários representavam na cidade, tratam de vigiá-los antes mesmo do golpe. Berni (2015) afirma que os ferroviários demonstraram uma posição contrária ao iminente golpe à democracia:

Na passagem do dia 31 de março para o dia primeiro de abril de 1964 atendendo a uma conclamação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), os ferroviários de Santa Maria e, por extensão, de todo o estado do Rio Grande do Sul, aderiram à paralisação contra a possibilidade cada dia mais iminente de ruptura da ordem democrática e institucional através de um Golpe de Estado. (BERNI, 2015, p. 129)

A área educacional também se fez presente nos eventos do golpe. José Mariano da Rocha Filho, reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) participou como orador da "Marcha do Agradecimento", ocorrido após o golpe (BERNI, 2013, p. 8). Alguns grupos de estudantes da UFSM, no contexto municipal, eram o contraponto ao conservadorismo dos militares na cidade. Apesar do próprio reitor da universidade estar ao lado dos militares no golpe, muitos de seus estudantes não compactuavam com estas ideias. Prova disto é que o movimento estudantil santamariense estava na clandestinidade desde a publicação do AI-5, em 1968. Segundo Petró (2012):

Em fevereiro de 1969, o governo baixou o decreto 477, elaborado pelo Conselho de Segurança Nacional e que estabelecia a proibição da participação de estudantes, funcionários e professores em protestos no interior dos estabelecimentos públicos. A punição para quem desobedecesse a lei era o desligamento e a proibição de matricular-se em qualquer estabelecimento de ensino por três anos, no caso dos estudantes, e a demissão e a proibição de ser nomeado, admitido ou contratado por outro estabelecimento pelo prazo de cinco anos, no caso dos professores. (PETRÓ, 2012, p. 7)

Esta proibição nacional afetou, obviamente, a cidade de Santa Maria. Os estudantes da cidade estavam impedidos de se organizarem politicamente, correndo

muitas pessoas. *In*: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 343-356.

o risco de serem presos, torturados ou mortos. Somente em 1979 ocorrem novas eleições para o DCE da UFSM, fato que demonstra a abertura política que o Brasil estava vivenciando. É neste mesmo ano que surge a Torcida Organizada Maré Vermelha, em sintonia com os novos ventos de abertura política do Brasil, mesmo que de forma não declarada.

Entretanto, é necessário pontuar que conflitos entre estes três grupos eram constantes, muito pelo contexto histórico no qual estavam inseridos e pelas divergências de ideias sobre o rumo da política brasileira. E são estes mesmos grupos que estarão ao redor da Maré Vermelha em sua fundação. Os estádios de futebol representavam um ponto de lazer e trégua para os conflitos existentes. Grande parte da população santamariense acompanhava os times da cidade dentro dos seus respectivos estádios. Esta população, predominantemente masculina, formava os grupos torcedores que recepcionaram (de forma negativa e positiva) os integrantes da Maré Vermelha.

2.3 – Espaços de expressão cultural em Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980: o carnaval de rua e as arquibancadas dos estádios de futebol

Santa Maria, assim como em grande parte do território brasileiro, tinha o futebol e o carnaval como grandes eventos que mobilizavam grande parte da população, especialmente na década de 1980. O carnaval de rua, que acontecia em meados de fevereiro de todo ano, era noticiado desde o início de janeiro, no jornal A Razão. Matérias especiais sobre as escolas de samba, as alas, os tipos de desfile, a preparação para o evento: tudo era noticiado em grandes reportagens detalhadas.

Já o futebol adquiriu intensa força e apoio nesta década, pois o Inter-SM estava disputando as principais competições a nível estadual e nacional. Times tradicionais do Brasil vieram a Santa Maria, mobilizando a população para apoiar e prestigiar ótimas partidas no Estádio Presidente Vargas. Estas duas modalidades representavam uma grande parcela das opções santa-marienses de lazer, e possuíam grande prestígio entre a população. É importante destacar que o lazer santa-mariense não se restringia a estas duas atividades, e o fato das duas estarem destacadas nesse trecho é pela importância que ambas apresentam na origem da torcida organizada.

Abordaremos neste subcapítulo a importância destes dois exemplos para a cidade, e também como eles se entrelaçam e são fatores importantíssimos para a formação da Maré Vermelha.

Esporte Clube Internacional de Santa Maria e Riograndense Futebol Clube são os dois times de futebol mais tradicionais da cidade. Ambos construíram uma grande rivalidade com o passar do tempo, perdurando até a atualidade. Porém, antes de abordar a rivalidade entre times santamarienses, é necessário entender como este esporte chegou à cidade.

Os responsáveis por trazer o futebol para Santa Maria foram os Irmãos Maristas do Colégio Santa Maria. Esta escola, fundada em 1904, abrangia as classes mais elevadas da cidade e também algumas crianças de baixa renda, fruto dos ideais de caridade marista. A prática de atividades físicas era um dos serviços ofertados pelo Colégio, e o futebol adentrou como prática educacional. Segundo Sobrinho (1989, p. 29): “Em nosso entender, os colégios dos irmãos maristas de Porto Alegre, Canoas, Santa Maria e Uruguaiana prestaram grande contribuição à formação de jogadores nos primeiros tempos do futebol do Rio Grande do Sul.”

Segundo o mesmo autor, o primeiro clube de futebol fundado em Santa Maria foi o *S.C. Internacional*, em 1911, seguido pelo *Santa Maria Sport Clube*, no mesmo ano (SOBRINHO, 1989, p. 38). Um time de alunos do Colégio Marista fechava a trinca de equipes santamarienses, que se enfrentavam nos finais de semana na cidade. No ano seguinte surge um dos clubes mais antigos da cidade: o *Riograndense Futebol Clube*, que era vinculado aos trabalhadores ferroviários de Santa Maria. Estes operários possuíam uma grande importância na área econômica santamariense e do Rio Grande do Sul, pois este setor representou a expansão sobre o território do sul do Brasil. Flôres (2008, p. 16) afirma que “a profissão ferroviária, na qual o labor de milhares de trabalhadores constitui-se num dos elementos marcantes do desenvolvimento social, econômico e cultural do Estado sulino, especialmente entre os setores populares”.

São estes mesmos trabalhadores que fundaram o esmeraldino, em 1912. O clube alcançou uma importância notável no estado, sendo reconhecido como um dos grandes times de futebol gaúcho. Dentre suas façanhas, chegou a uma final de Campeonato Gaúcho, em 1921, perdendo para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Possui diversas taças de campeão citadino de Santa Maria, demonstrando sua força nos primórdios do futebol da cidade.

A rivalidade futebolística santamariense entre clubes profissionais¹¹ se completa com o *Esporte Clube Internacional de Santa Maria*. Fundado em 1928 por comerciantes e jovens trabalhadores, surgiu para se opor à hegemonia do esmeraldino Riograndense. Seus principais feitos são participar da Taça de Prata (equivalente à Série B nacional atual) nos anos de 1981 e 1984; e também da Taça de Ouro (equivalente à Série A nacional atual) em 1982, chegando a ganhar da forte equipe carioca do *Club de Regatas Vasco da Gama* em Santa Maria. Além disso, já fez frente aos grandes clubes do estado nos diversos campeonatos gaúchos em que participou.

Em 1985, se destacou nacionalmente por possuir em sua presidência uma mulher, Sirlei Dalla Lana.¹² Esse fato ganhou notoriedade em uma época onde mulheres em cargos de destaque eram vistas com anormalidade. Isto foi noticiado até mesmo na *Revista Veja*, de grande circulação nacional. Também na década de 1980, o Inter-SM se fez notar com sua equipe de futebol feminina, que ficou em terceiro lugar do Campeonato Gaúcho de sua categoria, em 1984. Esta colocação deu à equipe feminina o título de campeãs do interior gaúcho. Já eram sinais do pioneirismo presentes no Inter-SM, pois ainda na década de 1980 existiam restrições para a prática de futebol feminino que vinham desde o primeiro governo de Getúlio Vargas.

Nas décadas de 1970 e 1980, os dois clubes profissionais da cidade promoveram embates dentro de campo que ficaram marcados na memória de muitos torcedores, o que impulsionou a rivalidade. Diferente da hegemonia Grenal presente em quase todo o Rio Grande do Sul, em Santa Maria se priorizava a rivalidade Rional (nome dado ao confronto entre os dois times santamarienses). A população se dividia em dias de Rional, alguns apoiando o esmeraldino, outros o alvirrubro. Fato é que as arquibancadas dos Estádio dos Eucaliptos ou do Estádio Presidente Vargas contavam com a presença massiva de torcedores fiéis, que com o passar do tempo fundaram torcidas organizadas que tinham o intuito de apoiar seus clubes.

O Inter de Santa Maria, no período analisado para esta pesquisa, possuía em suas arquibancadas as respectivas torcidas: *Fiá-Fiá*, *Garra Jovem* e *Maré Vermelha*. Não foi possível obter resultados sobre torcidas organizadas do lado esmeraldino.

¹¹ Menção honrosa deve ser feita ao Guarany Atlântico Futebol Clube, time que atuou no futebol profissional do estado entre 1933 e meados da década de 1960, participando do Campeonato Gaúcho de Futebol e rivalizando intensamente com a dupla Rional.

¹² Para mais informações, consultar JUNIOR, Dérico Dutra Berlese: "Futebol, "gênero brasileiro": o caso Sirlei Dalla Lana no Esporte Clube Internacional em Santa Maria (1985)".

Estes grupos representavam um movimento que estava aumentando cada vez mais nas arquibancadas dos estádios do Brasil, que era o advento das Torcidas Organizadas.

Como já fora citado, o Brasil vivenciou uma Ditadura Civil-Militar entre as décadas de 1960 a 1980, sendo o pior período entre 1968 até 1974, marcado por prisões arbitrárias de opositores, tortura, censura e mortes nos porões dos DOPS e do DOI-CODI. Entretanto, com o desgaste da ditadura no cenário nacional e internacional, o Brasil passa a viver uma abertura nos campos político e dos costumes. A censura se torna mais branda, e os crimes contra opositores políticos passam a diminuir. É dada mais liberdade à população, sendo permitido o divertimento de maneira mais integral.

No futebol não foi diferente. Os militares usaram e abusaram da imagem da Seleção Brasileira, tricampeã mundial de futebol em 1970, sendo imposta como a extensão do governo nos gramados do México. Os clubes também foram utilizados como propaganda do regime. Algumas exceções surgiram, como o movimento Democracia Corinthiana, na década de 1980, liderado pelos jogadores Sócrates, Casagrande e Wladimir.¹³

Os apreciadores de futebol também sentiram o impacto da Ditadura em seu esporte preferido. Era nítida a repressão aos torcedores que não se encaixavam no padrão da moral e dos bons costumes. Aglomerações de torcedores eram mal vistas pelos órgãos de repressão do Estado, que tratavam de dispersar seus membros com atitudes violentas. Entretanto, segundo Hollanda (2017) é a partir da década de 1960, especialmente no Rio de Janeiro, que surgem diversos grupos organizados em torno do futebol, contrariando a lógica vigente.

O autor afirma que os primeiros grupamentos torcedores que surgem no Brasil datam da década de 1940, com as chamadas Torcidas Uniformizadas e as Charangas, sendo a mais popular a “Charanga do Flamengo”¹⁴ de Jaime de Carvalho, o chefe da torcida. Esta figura do chefe de torcida se caracterizava por ser exaltado

¹³ Para compreender este movimento, consultar FERRAZ, Guilherme Parnov. “REVISTA PLACAR (1978-1983): a importância da democracia corinthiana como um dos instrumentos para o avanço dos direitos políticos no Brasil.”

¹⁴ Para mais informações sobre as Charangas, consultar HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; e SILVA, Melba Fernanda da. “No tempo da Charanga” (Apontamentos biográficos de Jaime de Carvalho, pioneiro na criação de torcidas organizadas no Brasil, revelam como a música foi levada para os estádios de futebol). *Esporte e Sociedade*, Ano 2, número 4, Nov 2006/Fev 2007.

pelos cronistas da época por conta do seu altruísmo e dedicação pelo seu time, sendo suas principais missões “(...) cooperar com a polícia no sentido de organizar as massas no espaço público das arquibancadas” e “(...) representar a quintessência da pureza amadoras do futebol, naquele universo cada vez mais profissionalizado e mercantilizado” (HOLLANDA, 2017, p. 375-376).

Percebemos que a figura de um torcedor símbolo fora usada para manter a ordem no estádio, ao mesmo tempo que representava um “herói” das classes populares no esporte. Também fica evidenciado que os primeiros grupos organizados em torno do futebol tinham como característica o apoio incessante aos jogadores e clubes, criando uma situação muito mais passional do que conflituosa.

A partir da década de 1960 um movimento diferente de torcedores começa a surgir nas arquibancadas. São as chamadas Torcidas Jovens, que aparecem em um primeiro momento no Rio de Janeiro. Como o próprio nome evidencia, estes grupos são formados por jovens que foram influenciados pelo clima de contestação de 1968, captando este sentimento para seu grupamento. Estes grupos diferenciam-se das Torcidas Uniformizadas e das Charangas, segundo Hollanda (2017), pelos seguintes motivos:

Se as Charangas e as Torcidas Organizadas se restringiam ao princípio de “apoio incondicional” ao time, suas dissidências, as “Torcidas Jovens, criticavam os dirigentes, questionavam o desempenho das equipes e punham em xeque a atuação do antigo chefe de torcida do mesmo time. Com isto, invertiam a concepção inicial de torcida organizada até então, vaiando, fazendo passeatas e protestos. (HOLLANDA, 2017, p. 383)

As torcidas organizadas presentes em Santa Maria estavam alinhadas com o último exemplo citado. As três expoentes do movimento de torcedores organizados do Inter de Santa Maria participavam ativamente dos assuntos relacionados ao clube, seja na arquibancada ou fora dela. Seus membros, em sua maioria jovens, eram presença frequente nas arquibancadas. Uma nota do jornal A Razão noticiou assim a participação destes grupos no estádio:

TORCIDAS - Organizadas do Internacional em todas as frentes prestigiando o colorado na última quarta-feira. Fiá-Fiá, Maré Vermelha, Garra Jovem e Camisa Dez marcaram suas presenças no estádio Presidente Vargas. (TORCIDAS..., 1980, p. 13)

Mas não era somente nas arquibancadas que os torcedores organizados estavam presentes. Em 1979, o Inter de Santa Maria permaneceu 14 dias desfilado

da Federação Gaúcha de Futebol¹⁵. Esta desfiliação ocorreu devido a irregularidades que o Inter-SM alegou terem ocorrido em uma súmula de uma partida que perdeu, e consequentemente foi desclassificado do campeonato. A FGF não reconheceu este erro, o que levou o clube alvirrubro à justiça comum. O presidente da FGF, Rubens Hoffmeister, ameaçou e cumpriu o que disse: o clube seria desfiliado se acionasse a justiça comum. A reação dos torcedores alvirrubros foi intensa. Luz (2008, p. 289) exemplifica o que ocorreu: “Houve grande mobilização em Santa Maria, com nota oficial da direção colorada, passeata de protesto com bonecos representando o presidente da FGF e Hoffmeister considerado “persona non gratta” no município, pela Câmara de Vereadores.” O jornal *A Razão* noticiou estes fatos, dando ênfase à participação das organizadas:

Às 18h a torcida do Internacional de Santa Maria começou a concentrar na Praça Saturnino de Brito para protestar contra o desfilamento do clube. Minutos após chegou ao local uma cabeça de Hoffmeister, conduzido por um carrinho de duas rodas pela torcida organizada, Fiá-Fiá e Maré Vermelha. (TORCIDA INCENDIOU HOFFMEISTER, 1979, p. 1)

Este protesto evidencia a intensa participação das organizadas do clube nos fatores extracampo, já que não estavam presentes nos setores internos do clube como dirigentes ou conselheiros. Mas mesmo na posição de torcedores, mostravam sua importância para o clube defendendo suas cores até fora do estádio. Este protesto no centro da cidade só poderia ocorrer em um ambiente político que respeitasse a liberdade individual da população, ou pelo menos em um período de abertura política, que foi o que o Brasil vivenciou no final da década de 1970 e início da década de 1980.

É seguindo este clima de abertura política que surgem grupos torcedores diferentes dos já presentes nas arquibancadas citados pelos autores. São as Torcidas Organizadas Gay, formadas por homossexuais assumidos que também querem ocupar os estádios. Luiza Aguiar dos Anjos (2018), em sua pesquisa de tese de doutorado, afirma que localizou menções a 21 torcidas gays no Brasil (ANJOS, 2018, p. 152). As torcidas gays mais conhecidas no cenário brasileiro são a Coligay e a Fla-Gay, representando respectivamente Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Clube de Regatas do Flamengo.

A Coligay é objeto de estudo de Anjos (2018), sendo a torcida gay que mais se

¹⁵ Para maiores detalhes do desfilamento da FGF do Inter-SM, consultar o trabalho intitulado “O Ditador de Operetas”: o desligamento do Inter-SM da Federação Gaúcha de Futebol em 1979, com autoria de Richard Nozário da Silva Prestes (2018).

fez notar. Surgida em 1977, esteve presente em momentos importantes da história gremista, como o fim da seca de Campeonatos Gaúchos, em 1977, e nos mais importantes títulos do clube: a Taça de Ouro de 1981; a Taça Libertadores da América e a Taça Intercontinental, ambas de 1983. Estar presente com o clube lhe rendeu a alcunha de “pé-quente”, pois trazia sorte ao time. Este ótimo período vivido pelo Grêmio pode ser um dos fatores que influenciou a boa recepção que a Coligay vivenciou nas arquibancadas do Estádio Olímpico, e que se estendeu até São Paulo, quando a torcida foi convidada pela diretoria do Sport Club Corinthians Paulista a apoiar o time nas finais do Campeonato Paulista de 1977.

Já a Fla-Gay, representando um dos clubes mais conhecidos e adorados do Brasil, não teve tanto sucesso. Surgida alguns anos depois da Coligay, em 1979, durou pouco tempo devido ao preconceito. Tendo o famoso carnavalesco Clóvis Bornay (botafoguense que mudou de clube pela torcida) como membro, sofreu represálias da diretoria rubro negra e dos torcedores. Márcio Braga, presidente do Clube de Regatas do Flamengo, declarou à imprensa esportiva que não apoiaria a torcida, inclusive convocando as forças policiais e lideranças das outras organizadas do clube para se oporem à presença da Fla-Gay nas arquibancadas. Segundo Pinto (2018), existiram diversos fatores que ocasionaram o fracasso da torcida no Rio de Janeiro:

A ênfase no caráter festivo e de espetáculo atribuído à presença da FlaGay sugere que a cobertura do Jornal dos Sports não dava a devida credibilidade à torcida, dificultando que esta fosse reconhecida e legitimada como uma torcida organizada pelo campo futebolístico, como aconteceu com a Coligay. A presença de um “vira-casaca” como um dos padrinhos da torcida pode ser considerada mais um fator que contribuiu para a rejeição à existência pública da torcida gay do Flamengo. (PINTO, 2018, p. 112)

Outro fator que pode ser considerado para o insucesso da torcida é o fato do Flamengo ter perdido para seu rival, Fluminense Football Club, por 3 a 0. Este jogo marcou a estreia da Fla-Gay nas arquibancadas, e a torcida foi considerada culpada pela derrota. Diferentemente da Coligay, a Fla-Gay não teve uma atuação longa nas arquibancadas, muito mais por fatores externos que utilizaram o preconceito como escudo do que culpa da própria torcida. Entretanto, estes dois movimentos que eclodiram nas arquibancadas são considerados pioneiros no mundo do futebol e do torcer, representando uma parte da sociedade que está invisível no dia a dia.

Em um Brasil que experimentava uma abertura política ao mesmo tempo que vivenciava o fim de uma ditadura, Coligay e Fla-Gay foram movimentos, sobretudo,

de coragem. Apesar da imprensa não ser rápida e conectada como nos dias atuais, estes dois movimentos podem ter chegado por meios de periódicos aos jovens homossexuais santa-marienses, e os influenciado a fundar uma torcida organizada gay na cidade. Sendo um fator de influência ou não na Maré Vermelha, as torcidas gays gremistas e rubro negras fizeram parte de um movimento amplo de mudanças do torcer que o Brasil vivenciou.

O carnaval é uma das festas mais populares do Brasil. Marcada pela alegria, é uma festividade que abrange diversos grupos sociais, que podem festejá-la em bares, clubes e até mesmo na rua. Junto a esta festa está atrelada a figura das escolas de samba, que além de ditarem o tom musical nas festas, são também locais de convívio dos foliões. Sua origem remonta à década de 1920, tendo como fundadores pessoas que moravam nas favelas e no subúrbio do Rio de Janeiro. Nelson da Nóbrega Fernandes (2001), analisando a origem destas agremiações na capital carioca, afirma que:

Talvez, mais do que em qualquer outra situação, aqui resida a possibilidade de se compreender a perplexidade provocada quando se tenta entender, mesmo ainda hoje, como um tipo de espetáculo produzido por negros e mestiços do Rio de Janeiro, habitantes dos subúrbios, favelas e bairros populares, pode ser tão rápido e eficaz na conquista da hegemonia cultural da cidade. (FERNANDES, 2001, p. 48)

A origem das escolas de samba evidencia que, em seus primórdios, possuíam a característica de abrigar a população pobre e menos favorecida que queria participar do carnaval como sujeito ativo. Os Cordões e os Ranchos Carnavalescos eram agremiações que também tinham o intuito de celebrar o carnaval, porém eram grupos restritos às classes médias e altas.

Como já citado anteriormente, Santa Maria possuía um forte cenário carnavalesco. Diversas escolas faziam parte dos desfiles de rua que ocorriam na cidade. Segundo o jornal *A Razão*, a escola que possuía característica de abrigar as pessoas pobres e grupos excluídos da sociedade era a Escola de Samba Vila Brasil, fundada em 1959. O jornal atribui à escola, em matéria de 1980, as alcunhas de ser “(.) uma escola sem donos, é de povo e somente para o povo”; e também “Vila Brasil, escola do povão” (A VILA..., *A Razão*, 1981, p. 6), evidenciando o fato de que a escola possuía as características citadas anteriormente por Fernandes (2001). Além disso, a escola se notabilizou por possuir uma ala formada inteiramente por homossexuais,

denominada *Ala Maravilha*, o que representava uma inovação para uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul.

A existência desta ala representou a abertura existente na Vila Brasil para os homossexuais de Santa Maria, pois eles também estavam nos setores organizacionais da escola. Então, podemos afirmar que os membros de ambas as instituições citadas (Vila Brasil e Maré Vermelha) transitavam por elas, estabelecendo uma relação de ajuda mútua. O fato de não existirem uma variedade de espaços de convívio LGBTQIA+ na cidade pode explicar a presença dos membros nos dois grupos, pois estes espaços acolhiam de maneira integral a população homossexual da cidade. Também podemos atribuir o fato de que existe uma relação histórica no Brasil de aproximação entre escolas de samba e torcidas organizadas.

Podemos notar que em várias cidades do país, especialmente as que possuem um cenário carnavalesco muito forte e atuante, as escolas de samba são muito próximas das torcidas organizadas, compartilhando os mesmos membros e até os locais de convívio. Regras e diretrizes também possuem similaridade. Em São Paulo, por exemplo, possuímos o exemplo mais famoso, que é o da Gaviões da Fiel. Sendo ao mesmo tempo escola de samba e torcida organizada, representa o Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas e nos sambódromos. Fundada em 1969, se encontra ativa na atualidade em ambas as frentes.

Esta relação conjunta remonta aos primórdios do futebol nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, como afirma Luiz Henrique de Toledo (1996). O autor afirma que ambos são “fenômenos tipicamente urbanos” (TOLEDO, 1996, p. 88), e que várias escolas de samba surgiram como resultado das relações sociais presentes no futebol, principalmente o amador e de várzea. Com o advento da profissionalização do esporte, as escolas e o futebol se distanciaram. Apesar do carnaval se tornar um grande espetáculo comercial (sobretudo no Rio de Janeiro), as escolas ainda conservam um sistema organizacional mais próximo de seus membros atuantes, diferente dos clubes profissionais, nos quais as diretorias se afastam de seus torcedores comuns. Estes não participam diretamente da estrutura organizacional dos clubes, mas podem ser membros ativos e atuantes nas arquibancadas, sendo grupos organizados ou não. Ainda segundo Toledo (1996):

Algumas das Torcidas Organizadas em São Paulo encerram uma peculiaridade: são organizações populares criadas em torno do futebol profissional e, algumas delas, também participam, enquanto coletividade, do

universo do samba paulistano, organizadas em blocos carnavalescos e escola. (TOLEDO, 1996, p. 90)

Esta relação de cooperação servia para fortalecer, no cenário social, ambas as instituições e também como um espaço de socialização e lazer. Hollanda & Medeiros (2018, p. 27-28) afirmam que o processo de mescla entre as organizadas e as escolas de samba se explica em alguns pontos, especialmente na cidade de São Paulo: a semelhança entre os jogos de futebol e a competição presente nos desfiles; as músicas e gritos de guerra, presente em ambas as agremiações e por último um fato recente, que serviu para intensificar ainda mais a cooperação entre as organizações, que foi o impedimento jurídico para as organizadas de atuarem nas arquibancadas devido a episódios recorrentes de violência. A saída para os adeptos foi participarem do cotidiano carnavalesco como forma de manterem-se ativos.

Entretanto, é notável que ainda existe uma lacuna nas pesquisas sobre as relações entre escolas de samba e torcidas organizadas em outros locais do Brasil, sendo necessário que a historiografia se aprofunde nesta questão. Podemos deduzir que as escolas de samba de cidades interioranas se inspiravam nas grandes escolas paulistas e cariocas, utilizando suas formas de organização. Em Santa Maria, podemos entender que as escolas da cidade possuíam organização semelhante às das grandes capitais. Inclusive, a relação existente entre as escolas e o futebol pode ser notada na cidade. Em artigo do jornal *A Razão* de 1981 fica explícito a parceria entre o Inter de Santa Maria e as escolas de samba:

CHOPP E CAIPIRINHA NA VITÓRIA DO INTER: A direção do Internacional já tomou todas as providências em relação ao jogo deste domingo contra o São Borja na Baixada Melancólica. Os dirigentes, pensando em proporcionar momentos agradáveis à sua torcida especialmente após o jogo, organizou um CARNAVAL¹⁶ para comemorar a classificação para a Taça de Ouro. Além das torcidas organizadas Garra Jovem, Maré Vermelha e Camisa Dez os mentores colorados providenciaram em convidar também as escolas de samba para ajudar no incentivo aos jogadores. (CHOPP..., 1981, p. 16)

O referido “CARNAVAL” da reportagem serviria para comemorar um dos mais importantes jogos do Internacional de Santa Maria. Com uma vitória sobre a Associação Esportiva São Borja, o clube alvirrubro conseguiu a tão almejada classificação para a Taça de Ouro de 1982, equivalente a atual Série A do Campeonato Brasileiro. O fato de escolas de samba serem chamadas por dirigentes

¹⁶ Foi dada ênfase à palavra carnaval pelo próprio jornal, sendo escrita em letras maiúsculas.

para animarem a torcida na comemoração demonstra que existia uma boa relação entre as escolas, o clube e os torcedores. Infelizmente, a reportagem não cita quais escolas estavam presentes no evento. Mas a Vila Brasil era a escola mais próxima das arquibancadas, devido à relação de cooperação existente com a Maré Vermelha. As pessoas frequentavam ambas as instituições e utilizavam a charanga no carnaval de rua e nas arquibancadas. Além disso, suas cores eram as mesmas do Inter-SM, o que reforça a sua presença nesta comemoração.

A análise sobre estes dois espaços de expressão cultural santa-marienses demonstra que havia intensa troca entre ambos. Muitos membros circulavam em seus espaços, além da presença dos grupos nos locais de atuação do outro, como as arquibancadas e as sedes das escolas. Para a população LGBTQIA+ da cidade, estes dois espaços representavam locais de convívio e sociabilidade, tendo seus espaços demarcados. Fora deles, é possível que não tivessem tamanha liberdade e protagonismo, nem mesmo a possibilidade de poder agir como realmente eram.

Até a presente pesquisa, podemos afirmar que a Torcida Organizada Maré Vermelha e a Ala Maravilha da Vila Brasil foram os primeiros locais de sociabilidade com grande presença de homossexuais atuantes, constituindo-se nas primeiras organizações LGBTQIA+ da cidade, mesmo que não possuíssem um intuito político. O objetivo destes grupamentos era a sociabilidade e interação entre seus semelhantes, que necessitavam de espaços para se sentirem acolhidos. Isto demonstra que Santa Maria, uma cidade interiorana, militar e inserida num contexto ditatorial, possuía uma rede de sociabilização homossexual demarcada e forte, afirmando que existia um contraponto ao conservadorismo de sua sociedade.

3 - CONFLITO E ACEITAÇÃO: A RECEPÇÃO DOS TORCEDORES ALVIRRUBROS A UM GRUPO GAY FORA DO ARMÁRIO

As principais dúvidas existentes no processo em estudo, conforme já anunciado na introdução, são: como os homossexuais foram aceitos na Baixada Melancólica¹⁷? Seria a rivalidade Rional fator de aceitação para a Maré Vermelha? Houve a aceitação completa dos membros da Maré, ou havia conflito com os torcedores comuns? Estas perguntas serão respondidas ao decorrer desta pesquisa, mas antes é necessário saber como era o funcionamento das arquibancadas da Baixada Melancólica e qual era o público que a frequentava.

Também é necessário citar que o Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, vivia o chamado *desbunde gay*, como afirma o jornalista João Silvério Trevisan em sua obra *Devassos no Paraíso* (1986). Áreas como o teatro, cinema, e programas de televisão apresentavam personagens ligados à homossexualidade, apesar de muitos servirem apenas como alívio cômico aos espectadores. Mas foi nesta inusitada visibilidade que os homossexuais protagonizaram um sentido de luta e resistência, chamando a atenção do público brasileiro e, de certa forma, conseguindo uma aceitação. Na música a atenção foi ainda maior. Artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil, além de grupos musicais como Dzy Croquettes e Secos & Molhados (tendo a sua maior representação no cantor Ney Matogrosso) chocavam o público não habituado com o universo LGBTQIA+.

Apesar da repressão e do preconceito, estes artistas quebraram a barreira que não possibilitava que a visão ampla da sociedade pudesse perceber a população homossexual do Brasil. Com a diminuição da censura, pessoas homossexuais passaram a estar mais presentes nas artes em geral, tornando-se algo comum aos olhos do público, o que impactou o surgimento da Maré Vermelha no estádio.

O Estádio Presidente Vargas possui capacidade de lotação de 6 mil pessoas, atualmente. No passado, quando não existia a fiscalização atual, o público ultrapassava esse número. O local se divide em um setor social, com cadeiras e

¹⁷ Esta alcunha se explica pela localização do estádio: o Cemitério Ecumênico Municipal está localizado na rua que fica atrás de uma das goleiras do campo, sendo possível ver as lápides das arquibancadas.

coberto, reservado aos dirigentes e sócios com maior poder aquisitivo; e as arquibancadas comuns, de cimento, não cobertas e com valores de entrada mais baratos, geralmente frequentadas por torcedores com menor poder aquisitivo. Os membros da Maré Vermelha se instalaram nas arquibancadas da “*Liberdade*” (em alusão à Avenida Liberdade, rua paralela a este lado da arquibancada), na extremidade do local.

Este setor era destinado às torcidas organizadas do clube, como a *Fiá-Fiá*, *Garra Jovem* e *Camisa 10*. A opção por ficar perto das outras organizadas dava legitimidade à Maré Vermelha, pois a conferia o mesmo status de grupo organizado em apoio ao Inter-SM. Entretanto, é curioso que um grupo de gays assumidos foi aceito em um ambiente tão machista como as arquibancadas de um estádio de futebol. Este capítulo aborda como funcionava o universo do Estádio Presidente Vargas, analisando quem o frequentava, seus hábitos na arquibancada e como ocorria a recepção a elementos estranhos do já habitual frequentador comum.

Para tanto, é necessário compreender como o futebol chega ao Rio Grande do Sul, e quais as influências que o tornam singular comparado ao futebol praticado no restante do país. O estilo gaúcho de futebol se diferencia das outras regiões brasileiras, e é justamente este estilo que permeia as ideias das pessoas que compõem este espaço. Além disso, é necessário entender como funcionava a complexa rede social homossexual de Santa Maria: seriam a Maré Vermelha e a Ala Maravilha a ponta do iceberg de uma verdadeira sociedade homossexual que atuava concomitantemente à sociedade heterossexual santamariense?

3.1 – Origens do futebol gaúcho: raça e virilidade

A versão mais difundida sobre a origem do futebol no Brasil remonta aos grandes pólos urbanos do país. Oscar Cox, no Rio de Janeiro; e Charles Miller, em São Paulo, são apontados como os responsáveis pela vinda do esporte bretão a esta região (GUTERMAN, 2009). Este dualismo torna invisível o aparecimento do esporte em outras regiões, como se a partir das regiões citadas o esporte tenha se difundido para todas as localidades do país. Devido a estudos recentes, pode-se afirmar que o esporte se difundiu pelo país surgindo em outras regiões. Mas podemos perceber algumas similaridades no surgimento do esporte: eles chegam ao país com intensa influência inglesa, a mesma nacionalidade de Cox e Miller; seus primeiros registros

são de cidades portuárias, onde ocorriam trocas culturais com os marinheiros; e também as regiões de ferrovia, que possuíam grande presença de trabalhadores ingleses.

No Rio Grande do Sul, o esporte teve origem nas regiões portuárias e fronteiriças. A partir do século XX, surgem em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre alguns clubes de futebol. Com grande presença de marinheiros ingleses nos portos, o esporte foi assimilado pela população local, e posteriormente pelos clubes de elite, como espaço de socialização. Prodanov & Fernandes (2009) explicam que a chegada do futebol pela fronteira “dá-se pela expansão das ferrovias nos países vizinhos até o estado, o que justifica a existência de relatos dessas práticas esportivas nas cidades de Uruguaiana e Santana do Livramento antes de 1900” (PRODANOV; FERNANDES, 2009, p. 2-3).

Esta relação econômica e laboral de fronteira com a Argentina e o Uruguai possibilitou que o esporte adentrasse a região do Rio Grande do Sul pelas cidades citadas, e a partir deste contato, se expandisse para o interior do estado. Pode-se afirmar que o futebol gaúcho possui mais influências platinas do que paulistas ou cariocas, devido à proximidade local e cultural com os países citados. O estilo de jogo com que a Seleção Brasileira se popularizou no mundo é o futebol-arte, marcado pelos inúmeros dribles, firulas e lances plásticos, que demonstram extrema beleza em campo. Entretanto, no Rio Grande do Sul, predomina outro tipo de futebol. Os jogadores e torcedores gaúchos prezam pelo futebol-força, que demonstra muita seriedade e raça, conceito amplamente difundido nos gramados sulinos. Estas características são herdadas do futebol uruguaio e argentino, que possuem os mesmos ideais. Damo (1999) afirma que:

Num país tão extenso geograficamente, socialmente estratificado e culturalmente diversificado, o futebol expressaria as diversidades regionais, as hierarquias sócio-econômicas e as diferenças étnicas e raciais. De acordo com essa segunda perspectiva, já não se poderia mais falar em futebol no singular, e sim em "futebóis" no plural, ou, se se preferir, em "estilos de futebol". (DAMO, 1999, p. 88)

Baseados nesta ideia, o futebol seria uma extensão da sociedade local na qual está inserido, e incorpora elementos que a definem. A figura do homem gaúcho é construída de acordo com os positivistas que moldaram o homem do passado de acordo com suas necessidades, e foi assimilada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Os pensadores positivistas construíram, em suas narrativas, um

gaúcho idealizado: livre, viril, vagante. O que não obedecia às regras e não se prendia a lugar algum. Esta figura é um mito construído para atender as necessidades de existir uma figura em comum entre a população rio-grandense, e que acaba se espalhando como senso comum para o restante do país

As características do homem gaúcho se estendem a outros setores sociais, e o futebol gaúcho não foge dessa lógica dominante. O estilo de futebol apreciado nesta região é o viril, truncado, que preza mais pelo contato físico violento do que o futebol mais técnico. Muitas vezes, as partidas tornam-se brigas entre os jogadores, e os torcedores apreciam este fato. Seguindo as ideias do já citado Damo (1999), ele afirma:

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas - sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos -, de um discurso preestabelecido de culto às tradições. Tais discursos, que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais unidades federativas e, até mesmo, em contraposição ao Brasil, resgatam certos aspectos constitutivos da identidade social dos rio-grandenses do sul, "esquecendo-se" de outros tantos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria. (DAMO, 1999, p. 95)

Alguns eventos que ocorreram no passado do futebol brasileiro serviram para fortalecer o distanciamento dos gaúchos ao restante do Brasil. Guazzelli (2000) cita o caso da não convocação de Everaldo, atleta do Grêmio de Porto Alegre, para a Seleção Brasileira, em 1972. Este fato causou indignação dos gaúchos, que julgavam que o jogador gremista deveria estar entre os melhores do Brasil em sua posição. A indignação foi tanta, que uma seleção gaúcha foi formada para enfrentar a seleção brasileira. Segundo o autor:

A "crise" gerada por ocasião da Mini-Copa fez aflorar uma "identidade" rio-grandense, configurada num futebol "gaúcho", específico dos pagos sulinos diferente e não aceito pelos brasileiros em geral. Reproduzia-se o de sempre: negava-se o reconhecimento do futebol "gaúcho", analogamente ao não conhecimento dos "gaúchos" em outros campos e circunstâncias, pela existência de uma identidade regional que não podia confundir-se com uma nacional. (GUAZZELLI, 2000, p. 23-24)

O autor afirma que este evento ocasionou o fortalecimento da imagem que os gaúchos possuem de não pertencerem ao Brasil, pois se consideram diferentes, e muitas vezes excluídos. Existe uma relação entre os elementos culturais que constituem a identidade riograndense e o futebol praticado nos gramados sulinos. Esta relação não fica restrita às quatro linhas, se espalhando pelas arquibancadas. Os torcedores rio-grandenses prezam por este tipo de futebol praticado no estado, e

suas atitudes nas arquibancadas são semelhantes às do jogo. O tipo de torcedor existente nas arquibancadas do Estado é uma extensão do jogo praticado, sendo cultuada a violência e virilidade, atributos relacionados ao homem torcedor.

Isto denota que o espaço das arquibancadas do Rio Grande do Sul, sendo uma extensão do campo e do jogo, é um local que já possui seu perfil de frequentadores demarcado. O elemento diferente ao padrão não seria bem visto pelos demais, correndo sérios riscos de ser violentado fisicamente. Existe uma ausência de pesquisas sobre o perfil dos torcedores santa-marienses, mas seguindo o padrão aqui apresentado, parte-se do princípio que os torcedores de Santa Maria estão inseridos nele. Os membros da Maré Vermelha não seguiam este padrão instituído, pois se afirmavam enquanto uma torcida gay, e não escondiam o que eram no espaço das arquibancadas.

Então, por ser um grupo diferente da grande massa de torcedores do Presidente Vargas, os torcedores da Maré Vermelha vivenciaram um início turbulento. Apesar de estarem no estádio com o mesmo objetivo que os demais torcedores, eles representavam algo diferente, algo em que os torcedores comuns não se reconheciam, e portanto, não gostariam de visualizar ou conviver. Hostilidades foram comuns ao longo do tempo em que os membros da Maré Vermelha ficaram no estádio, sendo o período inicial mais turbulento. Devido a persistência e imposição dos “gays” da Maré, a torcida pode se afirmar como um dos grupos organizados gay com maior duração nas arquibancadas.

3.2 A lógica torcedora nas arquibancadas da Baixada Melancólica

O Estádio Municipal Presidente Vargas é considerado a casa do Inter de Santa Maria. Foi inaugurado em 1947 e, nos dias atuais, pode-se perceber nas arquibancadas a presença de homens e mulheres. Porém, nem sempre a presença do elemento “não-masculino” se fez notar no estádio. Nos primórdios do futebol brasileiro, as mulheres eram presença constante nas arquibancadas. Inclusive, o termo “torcedor” é referente às mulheres que ficavam nas arquibancadas torcendo suas luvas durante as partidas, parte integrante do traje social feminino no início do século XX. Entretanto, as mulheres perderam espaço nas arquibancadas brasileiras ao passar dos anos e do avanço do esporte como prática social popular.

Um dos fatores para esta exclusão das mulheres do futebol e também dos esportes em geral está no Decreto-Lei nº 3.199, baixado pelo presidente Getúlio Vargas, em 1941, que proibia a prática esportiva feminina com o intuito de preservar o dom natural das mulheres, a maternidade (BROCK, 2021). Esta determinação, que não possuía nenhum embasamento científico, atrasou a presença feminina no futebol por 38 anos. Esta exclusão também teve reflexos nas arquibancadas, pois as mulheres sentiam-se acuadas a adentrar os estádios e participar ativamente do universo do futebol.

Esta lógica das arquibancadas também se aplica à população LGBTQIA+ que não segue o padrão instituído da virilidade masculina. Já vimos que os elementos sociais do futebol gaúcho cultuam o modelo futebolístico de virilidade e extrema raça, conceito amplamente difundido nos periódicos sulinos. Esta lógica gaúcha do futebol se aplica às arquibancadas, principal local de atuação dos apreciadores do esporte, e podemos compreender que os estádios são uma representação da realidade social, nos quais seus agentes assumem papéis e atitudes que também o fazem no seu dia a dia.

A ação dos membros da Maré Vermelha de adentrar o estádio e se fixar nas arquibancadas como grupo organizado, e sobretudo, um grupo gay, é um claro exemplo de quebra do padrão natural vigente que privilegia os homens. A Maré representava o oposto do que já era visto no estádio até então: não era viril ou uma torcida de “machos”; mas sim alegre e espalhafatosa. Seus hábitos e atitudes podem ser encaixados nos conceitos da *Teoria Queer*.

Esta naturalidade dos membros da Maré era vista com estranheza pelos torcedores comuns da Baixada Melancólica, tanto é que podemos encontrar aqui um meio de explicar o significado da palavra *queer*. Segundo Rocha (2014), este termo pode ser definido da seguinte forma:

O termo *queer* é uma apropriação radical de uma palavra normalmente usada para insultar e ofender e que, ao ser apropriada, torna-se resistente a definições fáceis. A construção (ainda, e em constante, elaboração) do significado alternativo e positivo de *queer* se fez, a princípio, em um contexto específico das lutas dos movimentos gay, lésbico e feminista nos Estados Unidos e das reflexões dos correlatos grupos acadêmicos. (ROCHA, 2014, p. 509)

A historiadora Guacira Lopes Louro (2016) complementa o conceito:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2016, p. 7-8)

Estas definições afirmam a visão inicial que os torcedores tiveram da Maré: um grupo de estranhos e desajustados sociais que adentraram um espaço sagrado dos homens héteros. Usada inicialmente como ofensa, a palavra *queer* foi, nos últimos tempos, ressignificada como um termo que representa as múltiplas possibilidades que o gênero pode proporcionar. No final dos anos de 1980 e início da década de 1990 surgem pesquisas, especialmente nas ciências sociais, que se debruçaram sobre este tema, especialmente com os trabalhos de autoras feministas. Estes estudos foram denominados “*Teoria Queer*”, e estabeleceram um marco nas teorias de gênero. Para Miskolci (2014), a Teoria Queer pode ser definida desta forma:

É possível afirmar que Teoria Queer é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem, em especial no menor reconhecimento político e de direitos daquelas pessoas cuja sexualidade e/ou o gênero entram em desacordo com as normas sociais. (MISKOLCI, 2014, p. 8-9)

Diversos autores escrevem sobre esta teoria, definindo seus parâmetros e suas abordagens. Judith Butler, filósofa estadunidense, é uma das principais teóricas desta teoria. Sua obra *Problemas de Gênero* (1990) é uma das mais completas sobre o assunto, e define termos que podem ser aplicados na realidade santamariense da Maré Vermelha. Segundo ela, o gênero é algo construído culturalmente de acordo com sua realidade social e seu tempo histórico, podendo ser caracterizado como fluído e performado. Os seres humanos adaptam-se e moldam seu gênero de acordo com seu local e tempo histórico, sendo intensamente influenciados por estes fatores, definindo padrões e normas de sociabilidade.

O espaço das arquibancadas, na década de 1980, possuía sua lógica de gênero, e seu padrão aceito era a heterossexualidade. Entretanto, pode-se afirmar que este padrão foi historicamente construído ao longo do tempo, sofrendo influências externas e internas, e definindo como os torcedores devem se portar em um estádio

de futebol. Pierre Bourdieu, filósofo francês, analisa em sua obra “*A Dominação Masculina*” (1999), a origem da dominação dos homens que está presente em vários setores da sociedade, desde as relações sociais até as pessoais. Família, trabalho, igreja, lazer: tudo está inserido nesta lógica que põe o elemento masculino em condições superiores e com mais liberdade em todas as suas ações e rebaixa o elemento feminino a funções subalternas e consideradas mais frágeis.

Nesta obra, Bourdieu historiciza esta dicotomia presente nas relações sociais. Segundo ele, esta ordem não é algo natural, ou algo que já nasceu com o advento da civilização. Esta ordem se impôs de maneira violenta e autoritária, subjugando as mulheres a posições inferiores com o passar do tempo. Desde a divisão de trabalho e das tarefas domésticas, passando pelas relações sociais e locais de convívio permitidos ou não, esta ordem passou a imperar e ser passada de geração em geração, tanto é que confrontar esta lógica era batalha de uma pessoa só contra um exército masculino e também era algo comum que mulheres aceitassem tal lógica como algo natural, pois estava entranhada nos mais profundos pensamentos e já era algo pré-concebido nas sociedades humanas. Ações simples do cotidiano foram utilizadas para perpetuar esta ordem, como as vestimentas adequadas, a postura correta, o espaço utilizado com o corpo. As regras são diferentes para homens e mulheres, o que justifica a divisão social no binarismo homem/mulher.

Mas não foi somente por violência física que esta ordem se perpetuou. O autor utiliza o conceito chamado de “*violência simbólica*”. Este tipo de violência seria algo mais suave em relação à violência física. É um tipo de ação exercida na maneira de pensar, em como determinar que a mente humana assimile a dominação masculina como algo natural e que age nas entrelinhas. Esta relação é naturalizada a ponto do dominado não perceber que esta organização de repressão não é natural. Então, a violência simbólica está presente nas formas de tratamento, na forma de falar entre um gênero e outro, nas posições de trabalho pré-determinadas para homens e mulheres e também nos locais que ambos podem frequentar.

Bourdieu define a violência simbólica da seguinte forma: “Entendendo ‘simbólico’, por oposição ao real, efetivo, supõe-se que a violência simbólica seria uma violência puramente espiritual e, em última análise, sem efeitos reais” (BOURDIEU, 1999, p. 29). O dominado, naturalizado com as relações sociais de subjugação, muitas vezes não percebe que está sendo vítima da violência simbólica, pois já foi ensinado qual é seu lugar social. O dominado não ousa ocupar espaços que não foram feitos

para ele e, quando tenta fazer isso, sofre represálias e xingamentos. Acontece que muitas vezes, o dominado contribui para a manutenção desse sistema, mesmo involuntariamente. Obviamente que isto não tira a carga de culpa que os dominantes possuem em suas costas, ao manterem o status de superioridade perante os outros. A não ação dos dominados acaba por também ser um exemplo de violência simbólica.

No estádio, a violência simbólica também se manifesta: nos cânticos, nos gritos homofóbicos, no uso de linguagem pejorativa contra o elemento diferente ao masculino e dominante, na constante dúvida que existe sobre as mulheres ou homens homossexuais em relação a realmente gostarem do esporte. A *virilidade* impera nas ações do torcer, em que os homens acreditam estar em um ambiente de guerra e que devem combater o elemento diferente. Bourdieu afirma que a virilidade é “entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência, é antes do mais um (en)cargo” (BOURDIEU, 1999, p. 43).

Demonstrações de afeto entre homens, como abraços, só podem existir em comemorações de gol, fora desse exemplo são vistas com desconfiança. O autor complementa o conceito de virilidade afirmando que “é ela que conduz, paradoxalmente, ao investimento, por vezes exacerbado, de todos os jogos de violência masculinos, tais como nas nossas sociedades os desportos, e muito especialmente os mais de molde a produzirem os sinais vitais da masculinidade” (BOURDIEU, 1999, p. 43-44). Estas ações que causam constrangimento e medo por parte de quem é diferente ao elemento masculino resultam no afastamento das mulheres e pessoas LGBTQIA+ dos estádios, que se tornam um ambiente acolhedor apenas para os homens. Pinto (2014), analisando os tipos de violência simbólica no estádio e o advento de torcidas autodenominadas *queer* chega a esta conclusão:

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá pela negação da legitimidade do direito à apropriação dessa manifestação cultural – tão significativa na constituição da sociedade brasileira – por pessoas que não se conformam a esse modelo. Por meio da violência simbólica (potencial ou real), mulheres e homens homossexuais vêm-se constrangidos e mesmo sem legitimidade para frequentar os estádios na condição de torcedor. (PINTO, 2014, p. 3)

É por meio da violência simbólica que o Estádio Presidente Vargas se torna um espaço dominado pela figura masculina. Seja pela “lógica masculina” que dominava o pensamento dos frequentadores do local, seja pelo receio de levar alguma mulher ao

estádio e sofrer um imenso assédio verbal e moral, a Baixada Melancólica torna-se um local de convívio de homens. Qualquer indivíduo que fugisse da lógica masculina estaria fadado a enfrentar uma multidão armada com xingamentos, restos de laranja e pedras, além de ser desmoralizado e violentado moralmente e fisicamente. A heterormatividade do estádio não necessita ser justificada, mas um grupo de “bichas” deve justificar sua presença em um estádio de futebol: são agentes estranhos a este ambiente.

Isso denota que a presença “não-masculina” em um estádio dominado por homens era vista como algo anormal, que não deveria estar ali e ocupar um espaço que seria naturalmente de homens. Essa ideia está entranhada nos mais profundos pensamentos humanos, e tende a ser encarada como algo natural, uma ideia que já foi concebida nos primórdios do futebol e deve continuar assim para manter a ordem.

Mas o que ocorre quando uma pessoa que se reconhece como homem, porém homossexual, adentra a Baixada e tenta assistir e torcer livremente para seu time de futebol em um ambiente destes? Voltamos a Butler e a *Teoria Queer*. Como já citado neste capítulo, o gênero, para a autora, é performado e fluído. Vimos que a masculinidade, para Bourdieu, foi impondo sua dominância ao longo do tempo. Essa masculinidade e toda sua carga histórica é construída socialmente e performaticamente. Os hábitos e costumes dos homens frequentadores da Baixada são aceitos dentro do espaço do estádio: ações como cantar, torcer, xingar árbitros e torcida adversária, abraçar-se a outros torcedores do mesmo time são ações consideradas masculinas e que são aceitas dentro deste espaço.

Fora disso, as outras ações são vistas como fora do padrão heterossexual e não aceitas como masculinas. Então, as ações torcedoras do estádio podem ser consideradas performáticas, uma nuance dentro das ações de gênero que só podem ser realizadas neste espaço de sociabilização torcedora. Os membros da Maré Vermelha faziam o mesmo que os torcedores comuns da Baixada Melancólica: torciam, gritavam, xingavam, comemoravam. Entretanto, sua identidade de gênero e orientação sexual eram das mais diversas, e não deixavam de externar isto em suas ações. Butler (2003) afirma que:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeito da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (BUTLER, 2003, p. 195)

O gênero, para a autora, é uma representação externada, sendo uma variação da verdade do sujeito. As práticas instituídas no Estádio Presidente Vargas representavam ações performáticas, tanto para os torcedores comuns como para os membros da Maré Vermelha. Sendo das mais diversas orientações de gênero, os frequentadores da Baixada representavam uma ampla variedade de performances, sendo que a grande maioria estava inserida no contexto da heterossexualidade compulsória. As normas sociais instituem que o padrão hétero é visto com naturalidade e não é contestado, mas não seria a heterossexualidade também uma performance? Para se manter “seguro” em uma sociedade que apresenta a heterossexualidade como “normal”, o indivíduo externa suas ações dentro deste padrão, o que pode ser definido como uma performance. Sara Salih (2002) afirma que:

Diante dessas violentas reações, torna-se ainda mais importante investigar as formulações da "normalidade" sexual para revelar o que, sobretudo aquelas identidades que se apresentam ostensivamente como héteros, legítimas, singulares e estáveis, têm de queer por debaixo de sua aparente "normalidade". (SALIH, 2002, p. 20)

Por esta lógica, os membros da Maré Vermelha não seriam tão diferentes dos torcedores comuns da arquibancada do Estádio Presidente Vargas. Seus objetivos eram os mesmos: torcer para o Esporte Clube Internacional de Santa Maria dentro de um espaço delimitado para socialização de apreciadores do esporte. Seu fator de distinção seria a identidade de gênero, fato que os colocava em posição diferente dentro do estádio, nos seus anos iniciais, e os fazia sofrer a violência física e simbólica exercida pelos membros que seguiam o padrão heteronormativo.

Bourdieu (1999, p. 6-7) afirma que a ordem masculina não precisa ser legitimada, pois já está posta como a regra natural da humanidade. Portanto, homens no Estádio Presidente Vargas no final da década de 1970 e início da década de 1980 não precisam justificar sua presença nas arquibancadas. Entretanto, se uma mulher ou um homossexual (que demonstre ser homossexual) passar os portões do estádio e sentar na arquibancada de concreto, é necessária uma justificativa, que não será bem aceita, e esta presença será digna de chacota e difamação. Para quebrar esta lógica masculina, segundo Bourdieu (1999), é necessário:

É desejar [as mulheres] que saibam trabalhar em vista de inventarem e de imporem, no interior do próprio movimento social, e apoiando-se nas organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, da qual são, com os e as homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletiva e armas eficazes, nomeadamente simbólicas, capazes de abalar as instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar a sua subordinação. (BOURDIEU, 1999, p.viii)

Seus membros dançavam e desfilavam pelas arquibancadas, provocando risadas e assobios dos outros torcedores. Se vestiam a caráter em datas festivas e não tinham medo de demonstrar no estádio quem realmente eram. A permanência da torcida nas arquibancadas criou um espaço de acolhimento e aceitação, apesar da violência (física e simbólica) que existia por parte de alguns torcedores. O sentimento de união pode explicar o aumento significativo de membros que frequentavam o estádio, já que a torcida teve muitos membros ao longo dos seus 12 anos. Também podemos afirmar que, apesar de serem um grupo de homossexuais assumidos, diferente do público que dominava a arquibancada, os membros da Maré Vermelha se adequaram, ao seu estilo.

Afinal, os homossexuais estavam no estádio como um grupo de torcedores organizados com o mesmo objetivo dos outros grupos organizados e dos torcedores em geral: torcer e apoiar o Internacional de Santa Maria e desmoralizar o time adversário. Ao menos, era o objetivo geral, apesar de alguns homossexuais estarem junto ao grupo pela diversão e pela sociabilidade com seus semelhantes. Entretanto, não podemos afirmar que a arquibancada modificou sua lógica em relação à presença do elemento não-masculino no estádio, ou seja, os torcedores não deixaram de ser machistas e preconceituosos pelo simples fato de aceitarem minimamente a presença de um grupo organizado gay em seu espaço de apreciação do futebol. O que ocorreu é que os torcedores diminuíram a *violência simbólica* exercida sobre este grupo.

Resta a dúvida se esta diminuição da *violência simbólica* se deu pelo fato de: ou os membros da Maré Vermelha terem sido expulsos do estádio do Riograndense, maior rival do Inter-SM, e assim foram acolhidos pelos torcedores alvirrubros; ou os membros da Maré Vermelha eram vistos como alívio cômico para os torcedores comuns, que os ridicularizavam pelo seu jeito de ser, e os aceitavam nas arquibancadas; ou ainda pelos membros da Maré Vermelha terem se imposto na arquibancada por meio da violência e intimidação, se adequando às práticas da Baixada Melancólica. Estas dúvidas serão respondidas com as entrevistas feitas com

os torcedores da torcida gay, que serão apresentadas a posteriori, no quarto capítulo desta pesquisa.

4 - A TRAJETÓRIA DA MARÉ VERMELHA NA VOZ DE SEUS INTEGRANTES: NAS PÁGINAS DO JORNAL A RAZÃO

Neste capítulo serão apresentadas as discussões resultantes da utilização das principais fontes deste trabalho, as quais são jornalísticas e orais, para a compreensão da trajetória da Maré Vermelha. Olhares internos e externos da torcida compõem este capítulo, a fim de compreender o contexto social do surgimento do grupo, além do funcionamento da torcida nos espaços que ela ocupava.

As escolhas dos entrevistados para as entrevistas orais foram feitas de acordo com os membros mais antigos e ativos da torcida. A primeira pessoa localizada foi Marquita Quevedo, ativista, 54 anos, que participou da torcida a partir de meados da década de 1980 até o fim do grupo. A partir de conversas informais com a ativista e de uma postagem na rede social *Facebook* da mesma, foi possível localizar outros membros do grupo.

A prioridade na escolha dos entrevistados seguiu critérios como: participações mais antigas no grupo e maior tempo ativo na torcida. Os fundadores, em sua maioria, já faleceram. A única fundadora ainda viva é Elizabeth Peres Flores, aposentada, 63 anos, que foi considerada primordial para esta pesquisa. Flores foi localizada através da rede social *Facebook* em um comentário da postagem de Marquita Quevedo.

Os outros membros da torcida escolhidos foram: Luiz Carlos Kunrath, professor, 58 anos e João Mathias Pinheiro Vieira, aposentado, 55 anos, ambos membros da torcida na década de 1980. Para analisar uma visão externa à Maré Vermelha, foi escolhido o torcedor do Inter-SM Nelson Leal de Souza, funcionário público, 56 anos. Nelson frequenta o Estádio Presidente Vargas desde 1978, um ano antes dos primeiros registros da Maré Vermelha em Santa Maria.

Por meio das entrevistas semiestruturadas, buscou-se responder às principais questões que nortearam este trabalho: como surgiu a ideia de fundar uma torcida organizada na cidade? Como ocorreu a recepção aos gays da torcida organizada? Houve aceitação do grupo nas arquibancadas, ou houve conflitos físicos e verbais com os torcedores comuns da arquibancada? Entretanto, o principal objetivo ao entrevistar os membros da Maré Vermelha foi dar voz a estas pessoas, com o intuito de permitir que o protagonismo histórico destas delas seja demonstrado e reconhecido.

4.1 – Surgimento de uma torcida gay em Santa Maria

Uma das maiores dúvidas sobre a Maré Vermelha é a sua data de fundação. Em algumas reportagens realizadas na atualidade, esta dúvida sempre vinha à tona. O texto online da autoria dos jornalistas Kauane Müller e Lucas Delgado publicado em 2017 no *Portal Desacato* sobre a torcida organizada começa da seguinte maneira: “Final da década de 70 ou início dos anos 80: a dúvida sobre o ano de criação da torcida organizada Maré Vermelha é uma questão pouco relevante se pensarmos no tamanho do que ela representa” (PORTAL DESACATO, 2017).

As pessoas entrevistadas não souberam precisar com exatidão o ano de surgimento, mas todos tinham o consenso de que o período seria o mesmo citado pelo *Desacato*. Nelson Leal de Souza, torcedor do Inter-SM que presenciou os anos iniciais da Maré Vermelha, afirmou:

Eu acredito que tenha sido em 79, eu tinha meus 15 anos, acredito que tenha sido em 79. 78 tinha a..., 79 até 80 tinha a Fiá-Fiá, que era a única que tinha. Aí depois surgiu a Maré, depois surgiram as outras também. Mas a Maré me parece que foi em 79. (SOUZA, 22 jan. 2021, p.2)

Elizabeth Peres Flores, a Beth, estava presente na torcida organizada desde sua fundação. Convidada por seu irmão, Amadeu Flores, ela presenciou os anos iniciais da torcida e relatou detalhes dos primeiros jogos:

Tá, o meu irmão..., também era gay. E ele era amigo do Tavico e do Marcelino. Aí, volta e meia eles iam lá na Baixada assistir jogos. Aí, numa dessas, surgiu a ideia de fazer uma torcida gay. Aí se reuniram, e eu nem tomava conhecimento de que eles tavam [sic] fazendo, de que tinham esses planos. Ai uma tarde o meu irmão pegou e disse assim: “Amanhã nós vamos estrear lá na Baixada”. E eu disse assim: “Vão estrear o que? Vão virar jogador de futebol?” E ele disse assim: “Não, nós vamos pra torcida! Primeira torcida gay do interior do estado, que Porto Alegre já tem a Coligay.” (FLORES, 15 mar. 2021, p.1)

Na sequência, a entrevistada acrescenta:

E fui, né, e amei! Fiquei com eles lá um tempão. Aí foi dia 30 de agosto de 79. A gente se reunia lá na casa do Tavico, na Rua 7 de setembro. Aí eles mandaram confeccionar bandeiras, com o nome da Maré Vermelha, mais bandeiras gigantescas do Internacional de Santa Maria, e aí fomos pro jogo, numa quarta-feira à noite, chovendo, frio! E estávamos lá prestigiando o

Coloradinho contra o Esportivo de Bento Gonçalves. (FLORES, 15 mar. 2021, p.2)

Beth relatou com riqueza de detalhes as suas memórias sobre a estréia da torcida, citando data e adversário. Entretanto, a primeira menção da torcida em fontes documentais foi feita em outra data. O jornal *A Razão* informou em uma pequena nota que, em 3 de abril de 1979, a Maré Vermelha estrearia contra a equipe do Esporte Clube Juventude, em jogo válido pelo Campeonato Gaúcho no Estádio Presidente Vargas. A nota afirma que a torcida: “estará presente amanhã, na Baixada, para incentivar os jogadores do Inter na partida diante do Juventude. Será o ‘*debut*’ deste grupo de torcedores do Inter” (MARÉ VERMELHA, 1979, p. 7).

As memórias, com o passar do tempo, se modificam e se moldam de acordo com as experiências vividas, o que pode causar informações desencontradas e esquecimentos. Meihy (2005) afirma que:

Na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, nesse caso, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos e documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; de fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos. (MEIHY, 2005, p. 75)

Apesar de Beth relatar detalhes sobre a estréia da torcida, as informações não condizem com o registrado na fonte jornalística. Entretanto, o ano de 1979 é consenso entre os relatos orais dos colaboradores e as fontes jornalísticas como ano de fundação da torcida, o que pode ser considerado um marco de memória para os membros da Maré Vermelha.

Voltando à nota do jornal, alguns detalhes chamam atenção. Nenhuma menção sobre a torcida ser composta por homossexuais é feita na nota. Fato interessante é que a mesma notícia foi veiculada um dia depois no jornal porto alegreense *Zero Hora*¹⁸, que possui maior alcance no estado do Rio Grande do Sul. Nesta nota, é mencionado que a torcida era “gay”, diferentemente do periódico santa-mariense. O fato de já existir a Coligay (torcida organizada gay do Grêmio FBPA) em Porto Alegre pode explicar o fato de o jornal mencionar que a Maré Vermelha também era composta por

¹⁸ Esta nota foi localizada por Luiza Aguiar dos Anjos em sua pesquisa sobre a torcida organizada Coligay, vinculada ao Grêmio de Football Porto-Alegrense, cujo trabalho já foi citado nesta pesquisa e está presente nas referências bibliográficas.

homossexuais, pois a aceitação na capital seria maior que em Santa Maria. A nota do jornal *Zero Hora* afirma o seguinte:

Maré Vermelha, a alegre torcida “gay” do Internacional de Santa Maria, estreou com sucesso, quarta-feira, no jogo contra o Juventude. Falam na cidade que ela é “pé-quente”, pois a partida terminou empatada em 0 a 0. Domingo que vem, contra o Cachoeira, a “Maré” promete invadir o Estádio Joaquim Vidal com charanga, uniforme e bandeiras. Já estão garantidos cinco ônibus lotados. (MARÉ..., 1979, apud ANJOS, 2018, p. 162)

Percebe-se que os periódicos escolhem o que querem ou não publicar, como afirma Luca (2018), o que está de acordo com os registros dos jornais citados.

Luiz Carlos Kunrath, membro da Maré Vermelha na década de 1980, afirmou sobre o fato de os torcedores da Maré serem homossexuais dizendo: “sim, todos que eram da Maré sim, não tinha ninguém que não era. Tinha os que ficavam ali no meio, eram de outras torcidas, mas na Maré tinha que ser”. (KUNRATH, 8 fev. 2021, p. 2). Isto se confirma também no já citado relato de Beth acima. Conclui-se que o jornal *A Razão* não noticiou este fato por escolha própria, omitindo o fato de que a Maré Vermelha seria uma torcida gay.

As menções seguintes sobre a Maré Vermelha no jornal *A Razão* seguem a mesma linha, o que confirma a omissão da identidade de gênero da torcida por decisão do periódico. Nos jogos seguintes do Inter-SM à primeira aparição da Maré, contra Cachoeira Futebol Clube e Estrela Futebol Clube, respectivamente, a presença da torcida foi noticiada com pequenas notas, mas nada além disto. Contra o Cachoeira, a nota afirmou que “os componentes da Maré Vermelha já asseguraram presença” (TORCIDA..., 1979, p.11). Contra o Estrela, no mesmo tom: “Hoje estarão firmes na Baixada os integrantes da Maré Vermelha” (ESTA..., 1979, p.5).

Outro acontecimento citado no surgimento da Maré Vermelha por seus membros foi a tentativa de Marcelino Cabral, fundador da torcida, funcionário público, já falecido, de adentrar o Estádio dos Eucaliptos, casa do Riograndense F.C. para assistir um jogo com um amigo. Marquita Quevedo afirmou, em entrevista que: “segundo relato, foi criada da própria... outras situações de preconceito que a torcida acabou sendo Maré Vermelha para o Inter, né. Porque num primeiro momento, ela seria do Riograndense, então tem todos esses relatos” (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 2).

Beth também cita este fato, dizendo que “(...) eles tentaram fazer a torcida lá no Riograndense, aí não gostaram da ideia, aí eles foram pro Coloradinho” (FLORES,

15 mar. 2021, p. 3). Este caso de preconceito contra Marcelino Cabral e seu amigo não foi noticiado nos periódicos de Santa Maria, sendo apenas lembrado nas memórias dos membros da torcida. Fato é que ele é citado por vários membros, o que é considerado um marco de memória coletiva da torcida, podendo ser considerado um fator primordial para a fundação do grupo e que os mantinha unidos.

Fica nítido que, se algum homossexual tentasse adentrar sozinho o espaço de sociabilização onde os homens exerciam sua dominação seria duramente repreendido e agredido. Esta é uma representação real da *dominação masculina*, que é um dos pilares do estudo da obra de Pierre Bourdieu. O autor afirma que “a força da ordem masculina deixa-se ver pelo fato de dispensar justificação, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não precisa de se enunciar em discursos visando legitimá-la” (BOURDIEU, 1999, p. 8-9).

Ou seja, não seria necessário justificar a presença do elemento cisgênero nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, mas o homossexual necessitaria de algum pretexto para estar ali. Estar no estádio como torcida organizada com o objetivo de torcer para o Inter-SM dava certa legitimidade para os membros da Maré Vermelha perante os demais torcedores.

Como um grupo organizado, com vários homossexuais unindo-se para assistir a partida e protegendo uns aos outros, seria possível adentrar este espaço, apesar das violências direcionadas a eles. Marcelino Cabral e Tavico Amaral perceberam que os homossexuais unidos como coletivo organizado seriam melhor aceitos no estádio, e poderiam adentrar o espaço anteriormente dominado somente por homens cisgênero.

4.2 – Carnaval e futebol como pilares dos espaços homossexuais de Santa Maria

A Maré Vermelha possuía uma relação de parceria com o carnaval santamariense. Esta relação pode ser notada nesta nota do jornal *A Razão*:

MARÉ VERMELHA: está voltando ao estádio da Baixada para incentivar o Inter nos jogos do Gauchão. Tavico Amaral, presidente, e Marcelino Cabral, relações públicas, estão prometendo inúmeras atrações da Maré nas partidas do campeonato. A principal atração da Maré será a presença da bateria da Escola de Samba Vila Brasil. (MARÉ..., 1981, p.7)

Ao ler esta notícia, dúvidas surgem: por que estas duas agremiações mantinham uma relação de parceria em suas atividades? E por que a escola de Samba Vila Brasil, visto que o carnaval santa-mariense possuía várias escolas? As fontes jornalísticas e os relatos orais respondem estes questionamentos.

Fundada em 1959, a Vila Brasil é uma das escolas de samba mais antigas de Santa Maria. Participava ativamente do carnaval de rua da cidade, inclusive ganhando várias competições. A escola de samba, segundo as palavras do presidente do grupo carnavalesco João Casapuz Flores ao jornal *A Razão* em 1981, era caracterizada por ser “uma escola de massa, do povo”. (HOMENAGENS..., 1981, p.13). Marquita Quevedo relatou com mais clareza esta alcunha da escola:

E era uma escola de periferia, de povão. Daí todos os gays estavam lá, as prostitutas, todo mundo que se dizia periférico, né. Elas estavam naquele espaço. Tanto que a Vila Brasil a gente diz, era a mais querida, né. E a mais popular de Santa Maria. Então todo mundo que não era... que não se agregava noutra espaço, foram acolhidas dentro da Maré Vermelha. Até por ser a questão do povo, “ah, na Vila Brasil é povão!”. Então todo mundo estava lá, esses que hoje a gente fala que seria [sic] excluídos, né, essa população periférica, da vila, que estava lá, prostituta, gay, negro. Tanto que a Vila Brasil, a gente falava “ah, a escola dos negros”. Porque? Por essa questão de ser povão, sabe? (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 2-3)

Ou seja, a escola era responsável por agregar os excluídos da sociedade santa-mariense na época do carnaval, e desta união vem a denominação “do povão”. Dentro da escola existiam alas que se apresentavam na rua, e uma delas era a Ala Maravilha. Esta ala era composta por homossexuais que frequentavam a Vila Brasil, e pode ser considerado o primeiro grupo formado por homossexuais de Santa Maria. É dela que surgem as principais lideranças da Maré Vermelha e que estariam presente nas arquibancadas. Luiz Carlos Kunrath, membro da torcida em meados da década de 1980, exemplificou como funcionava a relação entre os dois grupos:

É que ali na Vila Brasil tinha uma ala gay, então era normal que a maioria dos participantes da Maré eram [sic] da Vila Brasil, né. Eu, no caso, nunca fui da Vila Brasil, eu era do Itaimbé. Mas era só a escola, entendeu, não era uma coisa vinculada a Vila Brasil. É que a maioria, a Vila Brasil era da (Vila) Oliveira, o estádio é na Oliveira então é questão de espaço geográfico, e era a escola que tinha mais aceitação né. (KUNRATH, 8 fev. 2021, p. 3)

Mathias Vieira também cita a presença dos homossexuais de Santa Maria nos dois grupos, e também a importância da Vila Brasil na consolidação da Maré Vermelha nas arquibancadas:

Tinha alguns [sic] pessoal da bateria da Vila Brasil, né, que muitos participantes da Maré Vermelha, na época do carnaval, saiam na Ala Gay da Vila Brasil. [...] a gente sempre teve um apoio assim dentro da escola de samba, né, então a gente sempre teve apoio, no que a gente precisasse ou no que eles precisassem a gente tava ali. Até a gente fez algumas participações com eles de arrecadação de roupas, de alimentos, né, então a gente sempre tinha essa parceria. (VIEIRA, 19 ago. 2021, p. 2-3)

Muitos membros da Maré Vermelha frequentavam a Escola de Samba Vila Brasil, especificamente a Ala Maravilha, espaço destinado aos homossexuais. Os nomes das lideranças da torcida podem ser notados em reportagens sobre a Vila Brasil, na época do carnaval, possuindo papel de destaque na escola. Otávio “Tavico” Amaral, um dos fundadores da torcida, por exemplo, é apresentado como “responsável pela Secretaria de Divulgação da Vila Brasil” (VILA..., 1982, p. 12).

As Escolas de Samba também participam da alegria da Maré, prova disto é que os *Embaixadores do Ritmo* e especialmente a *Vila Brasil* sempre deram seu apoio e incentivo aos fundadores da Maré desde seu início. (MARÉ VERMELHA HÁ CINCO ANOS COM O INTER, 1982, p. 28)

Diferentemente da Maré Vermelha, a Ala Maravilha já era noticiada no jornal *A Razão* como uma ala gay. Uma citação do jornal, datada de 1981 afirma que: “Seguem-se a Ala dos Passistas e a Ala Maravilha, com muitos gays” (A VILA..., 1981). Também pode ser notada em outra reportagem no mesmo ano: “Ala Maravilha: A ala-gay, destaque para uma escola aberta e democrática, num testemunho da abertura aos que sabem e querem sambar” (CARNAVAL..., 1981, p. 6).

Como definiu Roberto DaMatta (1973), o carnaval é um período onde “tudo fica invertido” (DAMATTA, 1973 p. 30) e que esta “inversão” é utilizada para “romper com a rotina da vida diária e ingressar no contexto onde tudo é possível” (DAMATTA, 1973, p. 32). É neste período de “inversão” das normas sociais que a Ala Maravilha é noticiada como realmente é nas páginas do jornal *A Razão*. Já a composição da Maré Vermelha, ativa durante todo o ano, é omitida no mesmo periódico, pois estaria em uma época de “normalidade” e informando um público com lógica heteronormativa.

Ainda não se sabe o ano de surgimento da Ala Maravilha, mas entende-se que, em conjunto com a Maré Vermelha, estes dois grupos, de alguma maneira, se constituíram como locais seguros para os homossexuais de Santa Maria, e a cooperação entre os coletivos era primordial para que continuassem existindo. Em ampla reportagem sobre a torcida organizada publicada no *A Razão* de 1982, os

membros deram suas impressões sobre a mesma. Dentre elas, está a participação das escolas de samba como apoiadores do grupo:

Marquita Quevedo, participante da Ala Maravilha e da Maré Vermelha, afirmou que:

Então são os dois espaços que na época se construiu em Santa Maria de movimento, de nem digo de movimento, também era um movimento, uma questão de espaço, de estar ali. Até de visibilidade pra época. Era os dois momentos que a população LGBT de Santa Maria tinha onde aparecer. Era durante o carnaval, na ala gay, que o pessoal esperava, na década de 70, 80, depois vem vindo, e a questão do futebol. E o futebol eu acho que ela passou, ela transcendeu por que foi permanente, ela foi o ano todo. A gente não era só na época do carnaval, a Maré Vermelha estava o ano todo. (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 4)

A união entre escolas de samba e torcidas organizadas é um fenômeno que ocorre em grande centros do país, como afirma Luiz Henrique de Toledo (1996):

Algumas das Torcidas Organizadas em São Paulo encerram uma peculiaridade interessante: são organizações populares criadas em torno do futebol profissional e, algumas delas, também participam, enquanto coletividade, do universo do samba paulistano, organizadas em bloco carnavalesco e escola. (TOLEDO, 1996, p. 90)

Entretanto, isto também ocorreu em Santa Maria, cidade do interior do Rio Grande do Sul, o que demonstra que o movimento carnavalesco da cidade estava alinhado às ideias das capitais.

A necessidade da existência de espaços específicos para a população LGBTQIA+ em Santa Maria demonstra que os locais de socialização não forneciam espaço para os homossexuais, os excluindo e os deixando fechados em seus guetos. Com isto, surgiu a necessidade da criação de espaços específicos, pois eles tinham desejo e vontade de fazer parte dos locais sociais de Santa Maria. Mathias Vieira, ao ser questionado em entrevista sobre a existência de outros locais para a população homossexual de Santa Maria, afirmou que:

Não, da minha época tinha algum barzinho, que de vez em quando a gente ia lá. Ah, aniversário de alguém, vamos no barzinho, né. Mas que eu me lembre assim, não tinha boate, então a gente sempre ia na casa de alguém. Mas então era assim, às vezes era algum barzinho que a gente ia, ou aniversário de alguém, ou se reunia fim de semana, mas não tinha aquele local específico só nosso, né. (VIEIRA, 19 ago. 2021, p. 5)

Segundo o entrevistado, havia uma carência de espaços de sociabilidade para o grupo e dá a entender que mesmo fazendo parte da torcida e da Ala Maravilha, o coletivo procurava formas de manter a identidade de grupo fora das arquibancadas.

4.3 – Preconceito e aceitação nas arquibancadas

“A Maré tá aí, a Maré chegou, pra alegrar a senhora e também o senhor.”

João Mathias Pinheiro Vieira, 2021.

Este pequeno verso, citado por Mathias Vieira em entrevista gravada para esta pesquisa, era entoado pelos membros da Maré Vermelha toda vez que a torcida adentrava o Estádio Presidente Vargas. Este espaço, escolhido pelos gays da Maré Vermelha para ocuparem e se expressarem, é um dos mais preconceituosos existentes. Já foi debatido neste trabalho a identificação do futebol gaúcho com a virilidade e o “futebol-força” e como isto extrapola o limite das quatro linhas e atua na construção de um imaginário coletivo entre os torcedores das arquibancadas. Soma-se a isso o fato de o Brasil estar mergulhado em um período de intenso autoritarismo da Ditadura Civil-Militar; e a cidade de Santa Maria ser um imenso pólo militar com forte tradição conservadora e com uma população com grande quantidades de homens que frequentavam a Baixada Melancólica. Em contraponto, a Maré representava o oposto a isso tudo, o que certamente proporcionou conflitos entre os dois grupos.

O período da Ditadura Civil-Militar, aliado ao preconceito contra a população LGBT já existente na sociedade brasileira tornaram este período um dos mais difíceis para estas minorias sociais. Quinalha & Green (2014) afirmam que:

Para os gays e as lésbicas, a repressão abafou as possibilidades de imaginar novos modos de vida, formas de expressar o desejo e os afetos, bem como movimentos sociais identitários. As arbitrariedades dos órgãos de estado criaram uma paranoia e um pânico entre as pessoas, o que dificultou qualquer oportunidade de organização política para contestar as atitudes homofóbicas, conservadoras e moralistas, tanto da ditadura quanto da sociedade como um todo. (QUINALHA; GREEN, 2014, p. 22)

Entretanto, com o passar dos anos, a Maré Vermelha conseguiu certa aceitação dos torcedores do Inter-SM e também dos moradores da cidade, pois teve 12 anos de existência junto ao clube. Como isso foi possível, frente a um cenário contrário à existência da população LGBTQIA+? Os relatos orais auxiliam a compreender como a torcida rompeu estas barreiras de preconceito. Elizabeth Peres Flores estava presente na primeira aparição da Maré Vermelha no estádio:

Quando viram, ficou todo mundo assim ó: (Beth faz uma expressão de espanto, seguido de risos). Quando viram chegando [sic] aquela turma, não era a torcida do Corinthians, mas era um bando de loucos. E aí todo mundo ficou olhando, né. Aí entramos, ficamos ali na entrada, ali pelas Sociais, do estádio, da Baixada, ali no Presidente Vargas. Ficamos à esquerda. E ali foi feita a bagunça, pulando, gritando e incentivando o Coloradinho. (FLORES, 15 mar. 2021, p. 2)

Com um olhar externo à torcida, Nelson Leal de Souza, torcedor do Inter-SM desde 1978, presenciou as primeiras aparições do grupo no estádio. Ele afirma que:

Todos eram preconceituosos na época. E o pessoal, principalmente o pessoal mais antigo, xingava muito eles, quando eles entravam. Aqueles palavrões homofóbicos, né. No primeiro ano, eles tinha [sic] muita reação assim, de o pessoal até xingar. Eles ficavam lá no cantinho deles. Aos poucos, aos poucos, isso foi caindo. (SOUZA, 22 jan. 2021, p. 2)

Nelson relembra de um evento que marcou sua memória e o define como um marco da presença da Maré Vermelha nas arquibancadas:

E eu presenciei isso, ninguém me contou, eu presenciei uma vez. Eles estavam chegando, e dois homens, rapazes, desceram pra xingar, e dois deles subiram pra enfrentar esses dois, fisicamente. E o que aconteceu, os dois apanharam, tomaram uns tapas dos gays. Aí o pessoal ficou naquela gozação, aí foi indo, eles foram conquistando meio que na força, meio que na força. O tempo foi passando, o pessoal foi aceitando e depois era uma festa. A Maré entrava, era uma festa. (SOUZA, 22 jan. 2021, p. 3)

A reação de espanto dos torcedores citada por Beth provavelmente ocorreu devido à forma de expressão dos membros da Maré, muito diferente do que era visto no estádio. Marquita Quevedo exemplificou como os membros da torcida se apresentavam no Presidente Vargas:

A gente fazia [sic] horrores, fazia [sic] alegoria, passava a noite toda, as vezes não dormíamos picando papel! “Ah, tem que levar farinha, tem não sei o que”,

nós passava [sic] acho que assim... domingo, tinha um jogo importante, sábado nós estávamos todas mobilizadas pra aquele jogo. Nós fazia [sic] sombrinha, nós [sic] se vestia de prenda, nós [sic] se vestia de coelhinha. Tu imagina, um gay, com maiô branco, dentro de um estádio jogando balas pro povo? (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 10)

Já o conflito na arquibancada citado pelo torcedor Nelson pode ter sido um divisor de águas para, pelo menos, os torcedores comuns não interferirem com violência física contra os membros da Maré. Entretanto, os insultos, as piadinhas e a chacota (meios de propagar a *violência simbólica*) não deixaram de existir no cotidiano da torcida, como afirma Mathias Vieira:

Mas dentro dessa concepção, a gente sempre botou em mente assim: se nós quisermos ser respeitados, nós temos que respeitar. Claro, que lá de vez em quando, existia uma piadinha, mas a gente sempre dava um jeito de não responder. Mas assim, ó, vamos dizer que 90% tinha [sic] uma boa aceitação, né. Porque quando a gente chegava, era uma festa, eles aplaudiam. Então a gente se sentia acolhido pelos torcedores, né. (VIEIRA, 19 ago. 2021, p. 3)

Luiz Carlos Kunrath também segue a mesma linha de pensamento de Mathias Vieira:

Lá dentro era bem seguro, bem tranquilo, a gente [sic] entrava, desfilava, fazia [sic] foto, ali no campo todo mundo gritava, não tinha violência, não tinha nada. Todo mundo sabia que existia a Maré, aí depois a gente ia lá pro canto da gente, que era nesse canto aqui onde tinha os blocos, a gente ficava bem lá em cima, torcendo como outra torcida qualquer, lógico. Mas rolava um monte de coisa, né. Mas ninguém hostilizava a gente. Dava briga nas outras torcidas, com a gente nunca dava. Era legal, tu se divertia, tu ia pra se divertir. (KUNRATH, 8 fev. 2021, p. 2)

É importante frisar que Luiz e Mathias estiveram presentes na Maré Vermelha no mesmo período, entre meados da década de 1980 até o final do grupo, no início da década de 1990. O tom que os dois assumem sobre o assunto do preconceito nas arquibancadas é o mesmo, com a Maré Vermelha sendo mais respeitada e aceita pelos torcedores. Diferentemente da situação inicial descrita por Beth e Nelson, a torcida já estava com um espaço consolidado neste período, apesar de ser um espaço restrito a um local específico das arquibancadas. Marquita Quevedo afirma que, apesar de existir este espaço da Maré no estádio, a violência não desapareceu por completo:

Nós sofríamos na rua, mas dentro do campo, até tinha aquelas coisas, gritavam. A gente dizia, tudo vai mudar, vai mudando o significado da palavra.

Na nossa gíria, “ai, era o baile”, davam um baile em nós, gritavam alguns nomes, alguma coisa assim, que pra nós não fazia diferença, sabe? Era uma coisa tão naturalizada aquilo, se a gente for parar pra pensar, gente! Mas fora daqui, sim, a gente sofreu agressão, a gente era apedrejado o ônibus, corriam nós [sic], sabe? (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 5)

Em outras cidades do Rio Grande do Sul por onde o Inter-SM jogou, a presença da torcida dividiu opiniões. Elizabeth Flores exemplificou esta dualidade em sua entrevista:

Nós fomos a Pelotas, a Caxias, a Rio Grande, a São Borja, Passo Fundo, Porto Alegre. Os únicos dois lugares que nós fomos mal tratados foi Passo Fundo e São Borja. Os únicos dois lugares. Porque os outros recepcionaram a gente assim muitíssimo bem, muito bem mesmo. Tanto a torcida adversária, tanto o povo na rua, tudo. Era muito, muito, muito bom, era muito bem recepcionado. (FLORES, 15 mar. 2021, p. 4)

A entrevistada afirma que além das agressões verbais, a violência física era um perigo constante: “era verbal, era agressão física, tudo! Em Passo Fundo nós não apanhamos porque saímos do estádio antes” (FLORES, 15 mar. 2021, p. 4). Em matéria do jornal *A Razão* de 1982, Otávio “Tavico” Amaral afirmou que em algumas cidades, “a Maré Vermelha teve problemas de relacionamento, pois sua maneira gentil causou problemas aos machistas, principalmente em São Borja e Passo Fundo” (MARÉ VERMELHA HÁ CINCO ANOS COM O INTER, 1982). Luiz Carlos Kunrath complementa os relatos afirmando que “às vezes era corrido, às vezes era apedrejado, não era muito boa a recepção em outras cidades. Ate por que tu sabe, um monte de bichas sempre dá um tumulto né” (KUNRATH, 8 fev. 2021, p. 3). Conflitos físicos chegaram a ocorrer, uma alternativa encontrada para a aceitação nas arquibancadas, como afirma Nelson Souza:

Em São Borja, eles brigaram em São Borja em 81 ou 82. Que a Brigada não deu segurança, e o pessoal do São Borja..., eles ganharam o jogo lá, foi pra cima. Tinha uns dois ônibus lá, o pessoal da Garra (Jovem, torcida organizada), e eles achavam que os caras eram gays e não iam brigar. Os caras bateram nos caras de São Borja, botaram a correr. (SOUZA, 22 jan. 2021, p. 4)

Porém, existem relatos de que o oposto ocorreu em algumas cidades, como “Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Caxias” (MARÉ VERMELHA HÁ CINCO ANOS COM O INTER, 1982, p. 4-5). Mathias Vieira afirmou que “por incrível que pareça, a Maré Vermelha sempre foi bem recebida” (VIEIRA, 19 ago. 2021, p. 4). Importante

frisar que, além do apoio recebido por parte de alguns torcedores, a imprensa também ajudou nessa construção da aceitação da Maré Vermelha. A já citada matéria de 1982 do jornal *A Razão* afirmou que “na imprensa esportiva, o trabalho sério desenvolvido por Régis Hoer, hoje na Rádio Gaúcha, e Renato Soares Oliveira, da Rádio Guarathan, foram de grande valia para que a Maré Vermelha chegasse ao seu devido lugar” (MARÉ VERMELHA HÁ CINCO ANOS COM O INTER, 1982, p. 4-5). Marquita Quevedo complementa esta questão afirmando que:

E a imprensa sempre foi super solícita conosco. ... me lembro que a Guaíba, não era tanto a Gaúcha. Bah, nós chegava, [sic] onde tava [sic] a Guaíba, eles iam lá correndo, “chegou a Maré Vermelha”, sabe? Porque a gente viajava em todo o estado, Porto Alegre, tudo. Então acho que a imprensa tinha, tanto que tu acha pouca coisa no jornal, a versão impressa, porque era do momento, ali, e a imprensa era aquilo ali. Davam uma nota, mas se tu chegar na questão do rádio, porque nós ficamos conhecidas por causa do rádio. (QUEVEDO, 11 out. 2021, p. 10)

Então, as rádios desempenharam importante papel na divulgação da torcida para os torcedores que acompanhavam os jogos pelas ondas do rádio. Deve-se levar em conta que as transmissões esportivas de rádio prezam por narrar os acontecimentos que mais marcam o momento, a fim de transmitir para os espectadores a festa e o espetáculo que a Maré Vermelha desempenhava nas arquibancadas. Esta “propaganda gratuita” da torcida nas transmissões auxiliou o grupo a obter popularidade e aceitação entre os torcedores, pois a Maré Vermelha tornou-se um elemento fundamental e símbolo nos jogos do Inter de Santa Maria.

4.4 – O legado da Maré Vermelha

A Maré Vermelha representou um ato de pioneirismo frente a seu período histórico. Organizações formadas por homossexuais eram vistas com desconfiança pelos órgãos governamentais, e fazer parte de uma era extremamente perigoso. Os grupos com temáticas homossexuais surgidos anos antes da Maré estavam na clandestinidade, como o *Grupo Somos* (RODRIGUES, 2014) e o jornal *O Lampião da Esquina* (GREEN, 2014). Com o abrandamento da Ditadura, grupos políticos puderam surgir no Brasil, representando os ares da abertura política.

A *Revista Prisma LGBT*, periódico de Santa Maria, publicou uma reportagem sobre a torcida no ano de 2021. Sobre a influência da Maré Vermelha no cenário LGBTQIA+ da cidade na atualidade, a revista afirmou:

A história da torcida Maré Vermelha hoje é pouco conhecida e restaram poucos registros fotográficos e escritos dessa luta tão importante para a militância LGBT de Santa Maria, por isso a Revista Prisma LGBT quis fazer esse resgate histórico, para que os LGBTs lembrem e respeitem as pessoas que batalharam até aqui para que todos nós tivéssemos espaços de militância na cidade. (REVISTA PRISMA LGBT, 2020, p. 38)

Como já foi afirmado nesta pesquisa, os primeiros grupos voltados para a população LGBTQIA+ em Santa Maria foram a Ala Maravilha, vinculada à Escola de Samba Vila Brasil; e a Torcida Organizada Maré Vermelha, que atuava nas arquibancadas do estádio do Inter-SM. Sendo dois grupamentos longevos, seus legados se estenderam à atualidade santa-mariense, influenciando diretamente seus membros e o cenário LGBTQIA+ da cidade.

Em matéria do jornal *A Razão* de 1982, os membros da torcida afirmaram que “a Maré Vermelha tem como objetivo maior proporcionar união e lazer entre os gays de Santa Maria” (MARÉ VERMELHA HÁ CINCO ANOS COM O INTER, 1982). Apesar de ser vista pelos próprios membros como um grupo de lazer e sociabilidade na época, a dimensão que a Maré alcançou foi outra, atuando como um local no qual seus integrantes adquiriram consciência social, além de servir como ajuda para a aceitação da sexualidade dos mesmos.

Marquita Quevedo, atualmente, é coordenadora da Rede Gay Sul, uma ONG que representa e auxilia homens gays na criação de políticas públicas. Além disso, é fundadora da ONG Igualdade, entidade de direitos LGBTQIA+ de Santa Maria. Marquita é uma das mais importantes ativistas dos Direitos Humanos da cidade, organizando eventos voltados para os homossexuais santa-marienses, como a Parada Livre da Região Central, que ocorre todos os anos, no mês de agosto. Esta preocupação social de Marquita começou na década de 1980, quando ingressou na Torcida Organizada Maré Vermelha. Ela afirma:

E na questão pra mim, Maré Vermelha, acho que me construiu, como a Marquita que eu sou hoje. Eu sempre digo isso. Tanto que me dizem, “ah, tu é da Maré Vermelha?”, eu adoro, “aí, eu fui da Maré”, porque as gays dessa época não tiveram, não têm esses espaços. Até elas poderiam construir, mas não sei se é outra... se elas estão pensando outras coisas. E eu acho que nós, LGBT, eu digo que a gente tem que estar em todos os espaços, todos! “Ah, a gente tá no futebol”, tem que estar no futebol. É um espaço masculino,

mas é um espaço de desconstrução, hoje. E eu digo que tenho orgulho de ter sido da Maré, fazer parte da Maré Vermelha, sabe? (QUEVEDO, 11 out. 2021, p.11)

E complementa, logo após:

E as pessoas ficam encantadas! Eu digo que “gente, vocês não viveram isso, foi muito bom!” E eu sempre digo, construiu a Marquita. Eu acho que nem imaginava... fico imaginando hoje, nós lá naquele campo, gritando bêbadas, e hoje a gente tá aqui falando. E deu possibilidades pra muitas, pra muitas. Eu digo que a Maré Vermelha não é Santa Maria, a Maré Vermelha colaborou para o movimento LGBT nacional, por durar tanto tempo. E quando é no interior, é mais difícil. A nossa vivência no interior é diferente. (QUEVEDO, 11 out. 2021, p.11)

Marquita afirma que a Maré Vermelha foi o ponto de partida para o seu ativismo, e ajudou a construir sua consciência política mesmo não compreendendo isto na época. Esta consciência política não ficou restrita à Marquita, pois os outros membros também citam a importância da Maré Vermelha em suas vidas pessoais. Mathias Vieira cita que:

E a Maré aos pouquinhos foi se, assim ó... porque ali foi uma visibilidade dentro de uma sociedade, que a gente precisava mostrar pra sociedade, tirar aquele rótulo de que ser gay é só colocar um salto alto, ou de escândalo. E que o gay não é totalmente afeminado como todo mundo imaginava. Então, ali era uma visibilidade pra nós ser [sic] aceito e começar a construir, pras gerações que estavam vindo depois, né. Então, eu como participante da Maré Vermelha, né, eu me aceitei muito ali pela maneira como as pessoas me aceitavam e me respeitavam. Então aquilo ali foi uma coisa assim, que era nossa segunda casa. (VIEIRA, 19 agos. 2021, p. 5)

Muito mais que uma torcida, a Maré Vermelha representou uma família, para Mathias. Ele complementa dizendo que:

O que eu digo assim, a Maré é uma coisa que ela terminou dentro do estádio. Mas dentro de mim, de muitos participantes, a Maré continua viva, né. Porque a Maré foi ali onde eu... me acolheu em um momento que eu precisava, né. O preconceito, principalmente dentro da minha família, que a minha família começou a me aceitar depois que eu entrei na Maré Vermelha, né. Por isso eu digo, a Maré Vermelha não era só uma torcida, a Maré Vermelha era uma família. Porque ali a gente tava com o mesmo objetivo, pra mostrar pra sociedade, e construir pra essa geração nova de gays que viriam, pra mostrar que a gente é capaz. É capaz, independente da tua sexualidade, independente da tua cor, se tu é hétero ou o que seja. (VIEIRA, 19 ago. 2021, p. 8)

A aceitação da orientação sexual dos integrantes da Maré Vermelha muitas vezes ocorria no grupo, antes mesmo da família. Elizabeth Flores afirma que:

Muitos tinham discriminação na família. Então eu amava eles como eu amava meu irmão, e pra mim a Maré foi aquela coisa que juntou toda aquela turma, que a maioria era discriminada pela família, a família não aceitava. Que tinham que ficar na moita, e extravasaram aquilo quando iam se juntar com a Maré, entendeu? (FLORES, 15 mar. 2021, p. 13)

Beth segue afirmando que, mais do que um lugar de aceitação, em “Santa Maria, a Maré representou uma coisa que ninguém imaginava possível: uma torcida gay, numa sociedade machista, machista que até hoje é, não adianta querer dizer que não” (FLORES, 15 mar. 2021, p. 13). A torcida serviu como um pontapé inicial para os diversos movimentos existentes hoje na cidade. Luiz Carlos Kunrath também cita a esta importância da Maré Vermelha para o cenário LGBTQIA+ atual:

Eu acho que ela representou a nossa afirmação enquanto LGBT aqui em Santa Maria, que foi um espaço que ficou marcado. A nossa força, nossa coragem pra esse povo que tá vindo aí, né, saber que a gente... pra eles estarem de mãozinha dada, e por aí afora, existia um pessoal que metia a cara, e fazia, enfrentava um estádio de futebol num domingo de tarde. Pra mim foi um marco maravilhoso por que, eu me assumi muito cedo, né. Daí a Maré te deu essa sustentação, né, e essa representatividade na cidade. (KUNRATH, 8 fev. 2021, p. 7)

Com uma visão externa à Maré Vermelha, Nelson Leal de Souza afirma que o grupo teve uma importância muito grande no E.C. Internacional de Santa Maria, pois “eles ajudavam muito, davam muito apoio” (SOUZA, 22 jan. 2021, p. 6), e que o movimento LGBTQIA+ da cidade “deve muito à Maré” (SOUZA, 22 jan. 2021, p. 6). Fato é que o grupo, surgido como o intuito de torcer para o Inter-SM e criar um espaço para os gays da cidade sociabilizarem e se sentirem acolhidos, ocasionou consequências positivas para o cenário LGBTQIA+ da cidade na atualidade. Atualmente, a cidade conta com diversos movimentos homossexuais firmes em seus objetivos, como são o caso dos grupos citados acima que tem participação de Marquita Quevedo. Eventos, passeatas e marchas ocorrem ao longo do ano na cidade, demarcando o espaço dos homossexuais. Todo movimento tem seu início, e a Maré Vermelha representou o começo do movimento LGBTQIA+ na cidade de Santa Maria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da sociedade santa-mariense das décadas de 1970 e 1980 mostrou que a cidade possuía um ambiente com predominância masculina, sendo os militares, os ferroviários e os estudantes seus maiores contingentes. Devido a isto, os espaços de sociabilidade de Santa Maria, principalmente o Estádio Presidente Vargas, funcionavam dentro de uma lógica masculina cisnormativa que excluía as pessoas que não se encaixassem no padrão da virilidade.

Em contraponto a isto, no mesmo período, surge a Torcida Organizada Maré Vermelha, um grupo de gays reunidos em torno do Internacional de Santa Maria que tinham o objetivo de torcer para o clube e criar um ambiente de sociabilização homossexual na cidade. A Maré Vermelha representava o contrário da lógica masculina presente nas arquibancadas, pois suas ações eram o oposto das ações dos torcedores comuns do estádio.

A análise das fontes orais e jornalísticas puderam estabelecer de que maneira a Maré Vermelha surgiu e consolidou seu espaço nas arquibancadas da Baixada Melancólica. A partir da iniciativa de pessoas que queriam adentrar os espaços de futebol da cidade, o grupo surgiu e foi aumentando à medida que os gays da Maré acompanhavam os jogos do Inter-SM. Sua presença foi noticiada nas rádios e jornais da cidade, aumentando sua popularidade. A aceitação do grupo não foi de maneira pacífica, existindo relatos de confrontos físicos e verbais, porém a torcida resistiu e se impôs no estádio confrontando o preconceito dos torcedores.

Também pôde-se perceber que existia outro espaço de sociabilização homossexual na cidade, que era a Ala Maravilha da Escola de Samba Via Brasil. Este espaço era mais atuante na época do carnaval da cidade, e junto com a Maré Vermelha representava os únicos espaços de sociabilização homossexual que existiam em Santa Maria. Os dois grupos eram, em sua maior parte, formados pelos mesmos membros, o que denotava que ambos frequentavam os mesmo espaços e constituíam uma rede de apoio homossexual na cidade. A união destes dois grupos foi fator primordial para que ambos os coletivos tivessem longa duração em seus espaços e representaram uma pequena ruptura na lógica cisnormativa presente na cidade.

A partir dos depoimentos, pode-se afirmar que a participação dos homossexuais nestes grupos representou um marco em suas trajetórias pessoais,

pois a partir disto muitos puderam se aceitar como realmente eram e também construíram sua identidade que perdura em suas vidas. O surgimento da Maré Vermelha marca o início dos grupos organizados em torno da causa homossexual em Santa Maria, estando alinhada com o clima de abertura política e redemocratização que estava presente no país no período analisado.

Assim, pode-se afirmar que a Maré Vermelha representou uma ruptura do padrão cisnormativo presente na cidade, principalmente nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas. Essa ruptura não ocorreu de maneira pacífica, tendo o grupo enfrentado preconceito e violência durante sua existência. Os homossexuais foram forçados a revidar o preconceito para estabelecerem seu espaço nas arquibancadas.

Ao questionarmos se a Maré representou uma pluralidade de gênero nos espaços de lazer e sociabilidade, é possível perceber que não. Porém, representou uma forma de resistência e sobrevivência a partir da ação coletiva. No caso da Maré Vermelha, seus integrantes atuando tanto no estádio, quanto na Ala Maravilha encontraram uma forma de se pronunciar para a sociedade predominantemente era hétero e masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, L. A. dos. **De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 388 p. 2018.

AUGUSTO TONIETTE, M. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/443. Acesso em: 19 nov. 2021.

BERNI, A. A. D. O Golpe Civil-Militar de 1964 em Santa Maria/RS: divisão de forças e sustentação política. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 5, n. 10, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10537>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

BROCK, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, nº 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. Imprensa e Estado autoritário: o jornal A Razão e o Golpe Militar de 1964. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 213-231.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: GREEN, James N., QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 27-52.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 6^o ed, 1997.

DAMATTA, Roberto. O carnaval como um rito de passagem. In: _____. **Ensaio de antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 19-66.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 23, p. 87-118, 1999. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/ah-eu-sou-gaucha-o-nacional-e-o-regional-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2003. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DELGADO, L. de A. N. Memória e História: substratos da identidade. In: **Simpósio Nacional de História**, 20., XX Simpósio Nacional de História. História: fronteiras. Florianópolis: ANPUH/UFSC, 1999. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1547483135_5c67e7a4d0f4ed0cc39498a175b4b652.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

FARO, J. P. Uma Nota sobre a Homossexualidade na História. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 124–129, 2015. DOI: 10.5020/23590777.15.1.124-129. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4527>. Acesso em: 17 nov. 2021.

FERNANDES, Néelson da Nóbrega. **Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados**. Rio de Janeiro: Coleção Memória Carioca, vol. 3, 2001.

FERRAZ, Guilherme Parnov. “**REVISTA PLACAR (1978-1983): a importância da democracia corintiana como um dos instrumentos para o avanço dos direitos políticos no Brasil.**” Orientadora: Roselaine Casanova Corrêa. 2020. 34 f. TFG (Graduação) - Curso de História, Universidade Franciscana, Santa Maria, 2020

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S. : profissão, mutualismo, cooperativismo**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da história oral”. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. 8º ed.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. Introdução. In _____. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 17-25.

GREEN, James N. O Grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 177-200.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da província de chuteiras. **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. N. 13, p. 21-50, jul. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6713>. Acesso em: 05 set. 2021.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HOLLANDA, B. B. B. de. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: Uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do *Jornal dos Sports* (1940-1980). **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 367–404, 2017. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/24171>. Acesso em: 25 nov. 2021.

HOLLANDA, B. B. B. de; MEDEIROS, J. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, nº 14, p. 23-47, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73873>. Acesso em: 26/11/2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; e SILVA, Melba Fernanda da. “No tempo da Charanga” (Apontamentos biográficos de Jaime de Carvalho, pioneiro na criação de torcidas organizadas no Brasil, revelam como a música foi levada para os estádios de futebol). **Esporte e Sociedade**, Ano 2, número 4, Nov 2006/Fev 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48009>. Acesso em: 24. nov 2021.

IOTTI, P. Da Homossexualidade à homoafetividade. Dos gregos à contemporaneidade. **Revista de Direito Civil**, v. 3, nº 1, p. 83-107, 2021. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaDirCivil/article/view/1756>. Acesso em: 19 nov. 2021.

JUNIOR, Dérico Dutra Berlese. **Futebol, “gênero brasileiro”: o caso Sirlei Dalla Lana no Esporte Clube Internacional em Santa Maria (1985)**. Orientador: Alexandre Maccari Ferreira. 2010. 46 f. TFG (Graduação) - Curso de História, Universidade Franciscana, Santa Maria, 2010.

KRUGER, C. Impressões de 1968: contracultura e identidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, 32(2), 139-145. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/7926>. Acesso em: 06 dez. 2021.

LEITE, C. H. F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Revista Escritas**, Tocantins, v.7, nº 1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629>. Acesso em: 15/11/2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3ª ed. , São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 111-154.

LUZ, Candido Otto da. **Almanaque dos 80 anos: E. C. Internacional**. 1ª ed. Santa Maria: Gráfica Palotti, 2008.

MACHADO, Márcia Kaipers. A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. Um gay power à brasileira: *Veja* e a representação dos homossexuais em meados de 1977. **Aedos**, Porto Alegre, v. 11, nº 24, p. 164-188, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/91027>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 5ª ed., 2005.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Revista Florestan**. São Carlos, ano 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62>. Acesso em: 28 nov. 2021.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982) In: GREEN, James N., QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 149-175.

OLIVEIRA, D. da S. de. **O papel da memória na formação da identidade cultural: diálogos entre possibilidades de leitura**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, p. 135. 2015.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Na Batida da Concha: sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

PEREIRA, V. de M. **O golpe ao presidente João Goulart sob a ótica do jornal A Razão**. Santa Maria, 2014. Monografia de Especialização. (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p. 79. 2014.

PERRONI, T. C.; APOLINÁRIO, E. B. R.; GRALAK, M. M.; MANFREDINI, G. A.; MINATOGAWA, M. C. As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015). **Epígrafe**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 97-108, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v7i7p97-108. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048>. Acesso em: 6 dez. 2021.

PETRÓ, Cleber Monticelli. O movimento estudantil universitário em Santa Maria no final da Ditadura Civil-Militar (1979-1984). *In*: Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio, 11., 2012, Rio Grande. **Anais Eletrônicos**, Rio Grande: 2012, p. 946- 963.

PINTO, M. R. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH)**, Cuiabá, v. 1, nº 4, p. 102-123, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9192>. Acesso em: 26/11/2021.

PINTO, M. R. Torcidas *Queer* e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol. **Ponto Urbe**, n. 14, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1268>. Acesso em: 28 nov. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PRESTES, R. N. da S. 2018. “**O Ditador de Operetas**”: o desligamento do Inter-SM da Federação Gaúcha de Futebol em 1979. Comunicação apresentada em XIV Encontro Estadual de História ANPUH RS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, julho de 2018. http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/conteudo/view?!ID_CONTEUDO=429.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FERNANDES, Luiz Fernando Framil. O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais. *In*: **Simpósio Nacional de História**, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_b046f3b84d1e66aca44441d95cda7b3d.pdf. Acesso em: 28 nov. 2021.

QUADROS, Claudemir. Ensino Superior em Santa Maria: iniciativa e trabalho de muitas pessoas. *In*: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 343-356

ROCHA, C. B. A. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 43, p. 507–516, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645178>. Acesso em: 28 nov. 2021.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014. p. 83-124.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

SOBRINHO, Hermito Lopes. **Futebol e Reminiscências**. 1ª ed. Santa Maria: Editora Grafos, 1989.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, Autores Associados / Anpocs, 1ª ed., 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Objetiva, 4ª ed., 2018.

VIERO, Lia Margot Dornelles, FIGUEIREDO, Vilma Dominga Monfardini. O perfil demográfico e a distribuição espacial da população do município de Santa Maria (RS). *In*: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 119-142.

PERIÓDICOS

A VILA Brasil é uma escola sem donos, é do povo e somente para o povo. **A Razão**, p. 10, 6 fev. 1981.

CHOPP... **A Razão**, Santa Maria, p. 16 28-29 set. 1981.

DELGADO, Lucas; MÜLLER, Kauane. Maré Vermelha: Uma parte (esquecida) da história do Inter-SM. **Portal Desacato**, 2017. Disponível em: <<http://desacato.info/mare-vermelha-uma-parte-esquecida-da-historia-do-inter-sm/>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

ESTA noite, na Baixada: Estrela busca reabilitação e Inter quer chegar aos 14 pontos. **A Razão**, Santa Maria, p.5, 11 abr. 1979.

HOMENAGENS as escolas do rio é para manter a tradição. **A Razão**, p.13, 21-22 fev. 1981.

MARÉ VERMELHA: A TORCIDA ARCO-ÍRIS DO INTER-SM. **Revista Prisma LGBT**. Santa Maria: 2020, 3ª ed.

MARÉ Vermelha. **A Razão**, Santa Maria, p.7, 3 abr. 1979.

MARÉ... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 4 jun. 1979.

MARÉ... **A Razão**, Santa Maria, p.7, 5 jun. 1981.

MARÉ Vermelha há cinco anos com o Inter. **A Razão**, Santa Maria, p.28, 4-5 set. 1982.

TORCIDA Organizada que fez história pela irreverência não voltará às arquibancadas. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 30/04/2014. Disponível em: <https://diariosm.com.br/torcida-organizada-que-fez-hist%C3%B3ria-pela-irrever%C3%Aancia-n%C3%A3o-voltara-%C3%A0s-arquibancadas-1.2029554>. Acesso em: 29 set. 2021.

TORCIDA vai a Cachoeira com o Inter. **A Razão**, Santa Maria, p.11, 7 abr. 1979.

TORCIDAS... **A Razão**, Santa Maria, p. 13, 26 set. 1980.

TORCIDA INCENDIOU HOFFMEISTER. **A Razão**, p. 1, 3 ago. 1979.

VILA Brasil é tetra-campeã no melhor carnaval de Santa Maria. **A Razão**, p. 12, 25 fev. 1982.

CARNAVAL continua sábado com festivais de música. **A Razão**, p. 6, 6 mar. 1981.

DEPOIMENTOS

FLORES, Elizabeth Peres. **Entrevista com Elisabeth Peres Flores** [mar. 2021]. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .mp4 (58 min.).

KUNRATH, Luiz Carlos. **Entrevista com Luiz Carlos Kunrath** [fev. 2021]. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .mp4 (25 min.).

SOUZA, Nelson Leal de. **Entrevista com Nelson Leal de Souza** [jan. 2021]. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .mp4 (25 min.).

QUEVEDO, Marquita. **Entrevista com Marquita Quevedo** [out. 2021]. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .mp3 (41 min.).

VIEIRA, João Mathias Pinheiro. **Entrevista com João Mathias Pinheiro Vieira** [ago. 2021]. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .mp4 (34 min.).

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA COM ELIZABETH PERES FLORES

Data: 15/03/2021

Entrevista feita via Plataforma Microsoft Teams, por videochamada.

Entrevistador: Vamos começar nossa entrevista então. Pra começar, eu queria que tu falasse teu nome e a tua idade, Beth. Nome completo.

Beth: Elizabeth Peres Flores, 63 anos.

Entrevistador: Ok. Então, como tu me falou anteriormente, tu fez parte da primeira geração da Maré, né?

Beth: (áudio inaudível)

Entrevistador: Desculpa, cortou teu áudio.

Beth: Na inauguração da Maré!

Entrevistador: Então, queria que tu me contasse como que aconteceu isso, como que tu ficou sabendo, como que foi o processo de criar essa torcida.

Beth: Tá, o meu irmão..., também era gay. E ele era amigo do Tavico e do Marcelino. Ai, volta e meia eles iam lá na Baixada assistir jogos. Ai numa dessas surgiu a ideia de fazer uma torcida gay. Ai se reuniram, e eu nem tomava conhecimento de que eles tavam fazendo, de que tinham esses planos. Ai uma tarde o meu irmão pegou e disse assim: “Amanhã nós vamos estrear lá na Baixada”. E eu disse assim: “Vão estrear o que? Vão virar jogador de futebol?” E ele disse assim: “Não, nós vamos pra torcida! Primeira torcida gay do interior do estado, que Porto Alegre já tem a Coligay.” Ai eu disse: “Ai, que legal!” E ele disse: “Quer ir junto?” E eu disse: “Tá, mas não é só gay?” “E dai? Vamo bora, vamo junto, que quê tem? Vai ter mulher junto, ‘vambora’. Ai eu disse: “Vamos!” E fui, né, e amei! Fiquei com eles lá um tempão. Ai foi dia 30 de agosto

de 79. A gente se reunia lá na casa do Tavico, na Rua 7 de setembro. Ai eles mandaram confeccionar bandeiras, com o nome da Maré Vermelha, mais bandeiras gigantescas do Internacional de Santa Maria, e ai fomos pro jogo, numa quarta feira a noite, chovendo, frio! E estavamos lá prestigiando o Coloradinho contra o Esportivo de Bento Gonçalves.

NESTE TRECHO, A CONEXÃO COM A INTERNET OSCILOU e A ENTREVISTA PAUSOU POR UM INSTANTE.

Entrevistador: Então, ali travou Beth, bem na hora que tu começou a falar. Tu começou a falar do teu irmão, tu falou que o teu irmão tava se reunindo com o Tavico...

Beth: Isso, e o Marcelino.

Entrevistador: E ai?

Beth: Ai ele me convidou pra ir, e eu: "Eu vou mesmo!". E fui, fiquei até 1980, eu fiquei com eles.

Entrevistador: O ano que eles começaram, tu sabe qual foi?

Beth: 1979, dia 30 de agosto.

Entrevistador: E quando começou, tu lembra quantos eram?

Beth: Ai, eram uns 15 no primeiro dia. Ai depois foi aumentando. Ai foram convidando outros gays pra irem, ai juntou uma cambada bem boa, né. Mais mulheres também que iam, além de mim né, e da Rainha! (risos)

Entrevistador: Coisa boa! Assim, no início, tu lembra como é que foi o primeiro jogo que vocês foram, como foi a recepção dos jogadores, da torcida em geral, o que eles falaram quando viram vocês?

Beth: Quando viram, ficou todo mundo assim ó: (Beth faz uma expressão de espanto, seguido de risos). Quando viram chegando aquela turma, não era a torcida do Corinthians, mas era um bando de loucos. Aquela gente toda entrando no estádio, com um monte de bandeiras, o bispo junto! (risos). Levaram até o bispo junto. Ah não, Marcelino foi lá no bispado e convidou o bispo, e o bispo disse que ia abençoar a torcida. E foi.

Entrevistador: Isso no primeiro dia?

Beth: No primeiro dia, numa quarta-feira de chuva, aquela chuva de inverno, aquela que vinha de tudo que era lado, que molhava a gente, que não adiantava guarda chuva. Nós tudo (inaudível) dentro do estádio. Mas muito bom mesmo que foi o bispo, conseguiram até um guarda-sol pra colocar lá pro bispo não se molhar (risos).

Entrevistador: E tu lembra o nome desse bispo?

Beth: Dom Ivo Lorscheiter!

Entrevistador: Ah é?

Beth: Aham! Era o Dom Ivo, Dom Ivo foi. E ai todo mundo ficou olhando, né. Ai entramos, ficamos ali na entrada, ali pelas Sociais, do estádio, da Baixada, ali no Presidente Vargas. A direita fica as (inaudível), dos sócios. Ficamos à esquerda. E ali foi feita a bagunça, pulando, gritando e incentivando o Coloradinho, agora não me lembro como foi o placar, não me lembro mesmo. Mas parece que o Coloradinho ganhou. Foi muito bom. Quer fazer outras perguntas?

Entrevistador: Claro, tem várias ainda. A ideia inicial partiu do Marcelino e do Tavico, é isso?

Beth: Isso.

Entrevistador: E tu não lembra se eles falaram alguma coisa sobre alguma vez que barraram eles lá no Riograndense, lá nos Eucaliptos?

Beth: Não, nós íamos lá no Riograndense! Também quando tinha Rional!

Entrevistador: Mas eu digo antes de eles fundarem a torcida, porque eu li uma matéria de antes de ele morrer, do Marcelino, que ele falou assim: “ a gente tentou ir lá nos Eucaliptos e nos barraram e dai a gente foi no Inter-SM e nos acolheram, né?”

Beth: Ah, eles tentaram fazer a torcida lá no Riograndense, ai não gostaram da ideia, ai eles foram pro Coloradinho.

Entrevistador: Ah, coisa boa. Foram melhor acolhidos ali então?

Beth: Ai fundaram a Maré Vermelha. Eles aproveitaram o nome, daquela maré vermelha que deu lá no litoral...

Entrevistador: No Hermenegildo?

Beth: Isto! Eles aproveitaram aquele nome da maré vermelha e colocaram na torcida (risos).

Entrevistador: Sim, tem a ver né. Tem a cor, a questão da maré, da onda de pessoas né.

Beth: Aham.

Entrevistador: E eles tinham ligação com as escolas de samba, né?

Beth: Ah sim, tinham ligação com as escolas de samba. E também tinha a outra torcida, que aquela ali era organizada, nós não éramos organizada. A gente ia lá torcer, e interagia, aquela função toda. Mas e também eles queriam colocar os gays entendeu, dentro do estádio. Entendeu? Eles queriam isso. Eles queriam levar assim, uma turma, e eles conseguiram levar. E tinha a Fiá-Fiá. Era o nome deles, a Fiá-Fiá. Porque eles tinham o costume de gritar “fiá da puta”, e não gritavam “filho da puta” pros jogador lá, pros adversários. Então eles começavam: “Fiá, fiá, fiá da puta!”, era

isso que eles gritavam. Ai pegou o nome da torcida deles de Fiá-Fiá. E a Fiá-Fiá também tinha uma cozinha de escola de samba que, quando a gente viajava, a Fiá-Fiá ia junto também. Ai se juntavam, se juntavam todos fora de Santa Maria. Tanto que ali na Baixada não, a Fiá-Fiá ficava do lado, nós do outro. Ai então juntava tudo e era festa. (trecho inaudível) a torcida do Internacional de Santa Maria toda numa só, era assim.

Entrevistador: E vocês viajavam bastante depois pra outras cidades?

Beth: Ah, viajamos! (risos) Nós fomos a Pelotas, a Caxias, a Rio Grande, a São Borja, Passo Fundo, Porto Alegre. Os únicos dois lugares que nós fomos mal tratados foi Passo Fundo e São Borja. Os únicos dois lugares. Porque os outros recepcionaram a gente assim muitíssimo bem, muito bem mesmo. Tanto a torcida adversária, tanto o povo na rua, tudo. Era muito, muito, muito bom, era muito bem recepcionado.

Entrevistador: E essa violência que eles recebiam vocês nessas duas cidades, como é que foi? Foi verbal, foi física?

Beth: Era verbal, era agressão física, tudo! Em Passo Fundo nós não apanhamos porque saímos do estádio antes. Que até tem uma história bem engraçada (risos), que foi junto com a gente no ônibus um rapaz que era agente penitenciário aqui em Santa Maria. Não lembro o nome dele agora, não lembro mesmo o nome dele. E eu sei que nós estávamos dentro do estádio lá do 14 de Julho, lá de Passo Fundo, mas nem me lembro mais o nome do estádio. E nós estávamos lá, quando vimos o rapaz esse, tava num canto assim, tinha uns cinco em cima dele, e o meu irmão olhou e disse assim: “Vamos dar o fora, vamos dar o fora porque a coisa vai pretiar”. E as pedras voando em nossa direção (risos). Era pedra mesmo! Ai meu irmão: “Vamos cair fora”, ai o Marcelino disse assim: “Pelo amor de Deus, vamos dar o fora daqui, vamos embora!”, antes do jogo acabar, faltava uns 15 minutos pro jogo acabar. E eles jogando pedra na gente, era a coisa mais horrível. Ai quando saímos assim, os guri..., o cara era, eu lembro que ele era negro, e os guri, naquela época não tinha essa frescura de hoje, de mimimi, de “ai, é racismo”, dava pra chamar de “negrão” né, e os guris: “vambora negrão, vambora negrão!”, e o negrão saiu de fininho né, nós tudo pra dentro do ônibus. Mas quando saímos também, ah não, não deu outra, quebraram o

ônibus da Expresso São Pedro. Vai lá no Expresso São Pedro e pergunta, quantos ônibus foram quebrados por causa da Maré Vermelha! (risos). Eles vão te contar que foi muitos! (risos)

Entrevistador: É melhor não perguntar, por que vão querer cobrar! (risos)

Beth: Eles jogavam pedra nos vidros do ônibus, era a coisa mais horrível do mundo! Jogavam pedra! Ai zunia pedra por cima do ônibus, ai o coitado do negrão lá: “Gente, eu achei que eu ia morrer!”, “Oh negão, o que que houve?”, dai ele contou. Ele disse assim: “Bah, vocês não fazem ideia, cinco caras chegaram pra cima de mim!”, “O que tu quer aqui negão?”, ai ele disse: “Eu vim olhar o jogo” (risos). Diz que os caras olharam pra ele e: “Olha aqui negão, tu é marginal negão!”. “Sou, sou!”, ele dizia. “Tu é bandido negão!”. “Sou, tudo que vocês quiserem eu sou!”, “O que eu ia fazer sozinho contra cinco?” (risos). (inaudível), ainda bem que quebravam só as janelas, não quebravam o parabrisa, porque o coitado do motorista não tinha nada a ver né? Ai tudo bem, viemos embora. Ai fomos a São Borja também, em São Borja nós chegamos lá de manhã, o jogo era a tarde. Ai a gente queria ir até o centro da cidade, e a gente parou numa praça lá, perto do estádio. Ai o senhor assim, andando, e os guris: “Vamos perguntar pra ele como ir pro centro, né, da cidade”, ai o Tavico disse assim: Vai tu, Mana.”, ele me chamava de Mana. Ou se não era Mona (risos), ou era Mona ou era Mana. “Vai tu Mana, tu é mulher, ele vai te dizer onde que é!”, e eu cheguei e disse: “Bom dia, senhor!” O homem me olhou com uma cara, parecia que ia me matar! Achou que eu era gay também, igual os guris (risos). “Oh senhor, o senhor sabe onde é que fica o centro da cidade, nós somos de Santa Maria e queremos conhecer a cidade.” O velho me olhou e disse: “Vão pra puta que pariu!” (risos) Putz grila! Ai eu olhei pra ele e disse assim: “Muito obrigada senhor, pela atenção, o senhor foi muito educado!” (risos) Não ia perder pra eles né, jamais! Não perdia! E o Tavico me olhou e me disse assim: “Eu vou dar na cara desse velho! Eu vou tirar o sutiã e dar de sutiã na cara dele!” (risos). Eles eram totalmente escandalosos pra falar! Qualquer coisinha eles diziam: “Eu vou tirar o sutiã e dar na cara deles!”. (risos) “Ai, cala a boca, tu não vai dar em ninguém, sossega!”. Tá tudo bem, aí fomos pro centro de São Borja, entramos na igreja, mas aquele pessoal que tava na igreja. menino, só faltou fuzilar nós com os olhos! Aquele monte de viado entrando na igreja era a coisa mais linda, acho que tinha uns trinta! (risos) Na verdade

já tinha crescido, ai, tá tudo bem. Rezamos, assistimos a missa, vamos caminhar. Ai almoçamos e tudo, ai fomos pro estádio. Estávamos muito bem assistindo o jogo, quando olhamos assim era chuva de pedra, chuva de pedra! A torcida do São Borja jogando pedra em nós! Os guris colocavam as bandeiras no chão, pisavam em cima, levantavam e se seguravam, as pedras batiam nas bandeiras e não acertavam em nós. Quebraram acho que uns... dez vidros do ônibus. Nós viemos embora, era uma noite fria, fria! Nós viemos embora de São Borja pra Santa Maria com as bandeiras tapando os ônibus, porque não tinha vidros, tudo quebrado! Foram os únicos dois lugares que nos trataram mal, porque em Pelotas a recepção foi maravilhosa, em Caxias também, Rio Grande também, Porto Alegre. A Coligay veio a Santa Maria também, juntou as duas no centro de Santa Maria, foi a coisa mais linda de ver. Era bicha pra tudo que era lado que ninguém sabia de onde vinha, quem era gremista e quem era do coloradinho! (risos)

Entrevistador: Fizeram um show no centro então?

Beth: E aquelas bichas olhavam pro Tavico e faziam assim, olhavam pra mim, pra Carminha..., quem mais que tava? A Nilsa. Ai olhava pra nós e dizia assim, olhava pro Tavico e dizia assim: “Essas ai são machorra?” (risos). Ai o Tavico dizia: “Não! Elas gostam da mesma fruta que nós!” (risos) “O que esses viados tão pensando, chamando nós de machorra?” Ai o Tavico dizia assim: “Ai mana, é que a maioria que anda com as bichas são machorras.” “Vai tomar banho, que discriminação!” (risos). Mas era muito bom, nem aqui no estádio, ali na Baixada, no Presidente Vargas nós nunca fomos hostilizados também, nunca, nunca. Quando nós entrávamos no estádio, que já tava a turma lá, ah, vou te contar né! Era a coisa mais linda de ver. Quando nós entrávamos assim oh, e viam nós, entrando aquela turma, claro né, era só homem aquela época, muita pouca mulher ia. Começavam a assobiar, os caras assobiavam e gritavam né. E as bichas atiravam beijinho (Beth faz o som de beijo), atiravam beijinho, olha vou te contar, era uma gozação só! Mas era assim, tudo no respeito. Não tinha ofensa, não tinha nada, pra eles. Nada, nada, nada. Nunca, nunca ofenderam ninguém lá dentro. Nunca! Pelo menos na minha época nunca teve ofensa. Eles passavam por nós assim, quando tinha muitos conhecidos da gente também, que estavam lá no estádio, ai nós sabia o nome. “Olha, lá vem o fulano!” Ai tudo gritavam o nome daquele, né! Ai os outros pegavam no pé dele: “Bah, conhecido da Maré!”.

Naquela gozação. Mas era tudo na brincadeira, não tinha discriminação. O Coloradinho acolheu muito bem a Maré, e nem por parte dos jogadores também. Nós saímos do jogo, saímos do jogo e sabíamos pra onde íamos. Aonde? Até quando chegava de viagem. Tinha um barzinho ali na Acampamento, o nome do barzinho era Academia. Era num prédio que subia a escada, era lá em cima. Ali era a reunião onde nós, a Maré Vermelha, a bicharada toda e os jogadores do Coloradinho. Eles iam pra lá tomar cerveja com a gente, conversar e dar risada. Nunca teve discriminação dos jogadores com nós, nunca, nunca! Com nenhum dos guris. Todos se davam bem, conversavam, brincavam, era assim.

Entrevistador: Esse bar era na Acampamento, que tu falou?

Beth: Oi?

Entrevistador: Esse bar era na Acampamento?

Entrevistador: É, Academia, era o nome. Era ali que a gente se reunia depois da...depois que eu saí eu não sei mais onde eles iam, porque a Academia fechou.

Entrevistador: E tinha algum outro local de encontro, assim, antes dos jogos, ah vamos nos organizar aqui...

Beth: Na casa do Otávio, do Tavico, lá na Rua 7. É que aí terminava o jogo, todo mundo ia lá na casa do Tavico, largar as bandeiras, tudo, tudo e todo mundo subia pra Academia. Era assim que a gente fazia.

Entrevistador: E como que eram as reuniões, vocês falavam o que ia fazer, que roupas iam usar, se tinham um...também se tinham um grito de guerra, algum canto? Ou iam mais na folia mesmo, pra se divertir?

Beth: Não, a maioria ia pra torcer mesmo. E pra fazer festa mesmo. Era pra tudo, era pra torcer e pra fazer festa.

Entrevistador: Mas tinham reuniões semanais pra se organizarem?

Beth: Tinha na casa do Tavico, mas quem fazia mais essas reuniões era o Tavico e o Marcelino. Eram eles que faziam.

Entrevistador: Eram as lideranças?

Beth: Oi?

Entrevistador: Eram as lideranças da torcida?

Beth: As lideranças eram o Tavico e o Marcelino, eram os dois.

Entrevistador: E tu citou algumas outras pessoas ali, outras mulheres também, e o teu irmão. Eles estão na cidade ainda?

Beth: Não, meu irmão já faleceu. Mas depois quando ele...ai assim, antes dele morrer, ele já tinha se afastado da Maré, aí eu saí também com ele, porque eu ia por causa dele mais assim. Eu ia (inaudível) mesmo. Aí ele se afastou e..., daquela época não existia a depressão, né? Aí surgiu a Aids, e com a Aids, sabe como é que é, é a peste gay, aquela coisa de ignorante, só se via dizer isso né. A peste gay..., ai ele entrou em depressão e não quis mais saber de nada..., aí foi complicada a coisa, foi complicado. Em 81 ele faleceu. Mas não faleceu de Aids, ele se matou.

Entrevistador: Meus sentimentos.

Beth: E outros depois, depois que ele morreu, uns quantos morreram de Aids, daquela turma da Maré. Uns quantos morreram de Aids.

Entrevistador: Foi bem no ano da epidemia, quando explodiu no Brasil né?

Beth: Só diziam que era a peste gay, a peste gay. Então aquilo ali discriminou muito eles, os gays. Discriminou muito eles. Ali muitos entraram em depressão, uns quantos. Mas até lá era tranquilo, tranquilo. Não tinha nada de (inaudível) se sentissem mal,

não tinha. Eu fiquei até maio, junho de 1980, que nós ficamos. E meu irmão se matou em agosto de 1981.

Entrevistador: Entendi. Eu tava lendo esses dias um estudo sobre a Coligay, do Grêmio, que tu também citou. E um dos motivos pra ela terminar foi a epidemia da Aids, que afetou muitas pessoas ali da Coligay e no fim ela não conseguiu se manter.

Beth: É isso mesmo, foi isso mesmo que aconteceu. A Maré também teve muitos que morreram de Aids, muitos, mas muitos mesmo. Ai o Marcelino conseguiu manter com outros que vinham chegando e foi mantendo ai, pra durar a Maré por mais um tempo.

Entrevistador: E como é que eles localizavam, tinha algum local de contato, de convívio só de gays aqui em Santa Maria?

Beth: (risos) O que mais tinha era barzinho de gay em Santa Maria naquela época! Primeiro era o Hot Point. Antes da Academia, antes de eles fazerem a Maré..., não, quando eles fizeram a Maré ainda tinha o Hot Point que era ali na Praça Saldanha Marinho, ali em frente a praça. Aí depois, Academia. Aí depois tinha um outro barzinho, JG, ali na Venâncio Aires. Aí era lá no JG que se juntavam. Sempre teve bar gay em Santa Maria, que só ía gay! (risos)

Entrevistador: Era fácil de ele recrutar pessoas então, ele já convivia nesses bares né.

Beth: Mas era tranquilo! E ele era assim, eles tinham um lema assim. Eu dizia: “Ah, como vocês são cruéis!” Eles davam risada. Morria uma, e eles diziam: “Uhh, meu Deus! Bicha é que nem barata: mata uma, aparece cinquenta!” (risos) Eles tinham esse costume! Aí tinha morrido uma lá não sei aonde, não sei onde que tinha morrido, aí o Tavico: “Mana, te prepara que vai aparecer umas cinquenta em Santa Maria!”; “Aonde Tavico, quem que vai aparecer?”; “Bicha! Mataram uma, morreu lá, então tu vai ver.” O dia que meu irmão morreu, o necrotério só dava bicha além da família (risos). Bom, era tudo amigo dele, em primeiro lugar. Ninguém se importou, tudo amigos dele. Ai lotou né, ficaram a noite toda lá com a gente. Bom, chegou bicha com a cara maquiada, que tavam lá na Presidente, lá passeando, né. Passeando entre aspas! (risos) Lá na Presidente, fazendo ponto na Presidente, que elas faziam! E

quando souberam da morte dele, correram pra lá! Ai me chegam lá, e o Tavico me olha pra uma delas e fala assim: “Oh bicha, me vai no banheiro e lava essa cara que tu tá maquiada, e tu chorou, bicha. E tu tá com essa cara toda escorrendo rímel e sombra.” A coitada da bichinha foi lá, nem sabia quem era, era nova na cidade, mas ela sabia que uma colega tinha morrido, tinha se matado, aí correu pra lá. Olha, vou te contar! Aí a bichinha..., eu tava chorando mas tive que rir, né! Mas o meu irmão era uma pessoa alegre. Bom, pelo menos o espírito dele deve estar vendo que estão de alegria aqui, mesmo com a morte dele. Então, assim, ele foi lá no banheiro, lavou a cara, tirou a maquiagem, mas ficou toda borrada igual. E o Tavico me olhava e fazia assim: “Ai meu Deus, Mana, olha a cara dessa bicha! Eu vou lá no banheiro pra tirar a maquiagem dela a tapa!”; “Cala boca Tavico, tu não vai fazer nada!” Eu que segurava o Tavico! Por que agora, eu fico me lembrando, que o Tavico, as selfies agora tudo tiram assim (Beth faz biquinho com a boca para a câmera), e o Tavico, naquela época, já tinha o costume. Antes da Valesca Popozuda fazer “Beijinho no Ombro”, o Tavico já fazia! Porque ele tinha o costume de fazer biquinho assim (Beth faz o movimento de beijar o ombro), toma! Eu não (inaudível) pra ninguém. Ai ele me olhou e disse: “Mana, eu vou dar na cara dessa bicha!”. Então, ele tinha esse costume. Ai lá no necrotério..., “Tavico, o Amadeu morreu, então agora vão aparecer cinquenta.”; “Ai não Mana, o nosso amigo não!”; “Não interessa, tu sempre fala dos outros, tem que falar dele também.” (risos) Fugi do assunto! Continua as perguntas, meu filho.

Entrevistador: Não, é bom saber! Qual era o nome do teu irmão?

Beth: Amadeu.

Entrevistador: Amadeu. É bom saber o nome das pessoas que fizeram parte, até se algum dia houver alguma homenagem a gente incluí o nome dele também. Várias pessoas já não estão aqui, né?

Beth: Eu vou te dizer os que já morreram: o Amadeu; o Tavico, que era o Otávio Amaral; o Marcelino; o Zeca, que eu não soube o nome, era Zeca; a Cris velha. “Como é teu nome?” Ele não dizia o nome de homem dele, só dizia o nome de mulher. “É Cris!” Aí aparece uma outra baixinha, magrinha, pequenininha, miudinha. “Como é teu

nome?”, “É Cris.” Ai botamos, a Cris nova e a Cris velha, pra gente não se perder. Quando falava, falava ou a Cris nova ou a Cris velha. Aí tinha o Ceno, tinha o Ceno também. O Ceno tava sempre junto com o Marcelino e o Tavico. Sempre, sempre juntos. Tinha o Jair, que o apelido dele era Avó, porque era de idade, então os guris apelidaram ele de Avó. Tá, tem mais. A Farrá, a Tetê. A Tetê eu sei que morreu..., a Mila! O Rui. Então, que eu saiba, que morreu, foi o Amadeu, Tavico, Marcelino, a Avó, o Ceno... quem mais que morreu?

Entrevistador: O Monovan não estava na fundação?

Beth: Quem?

Entrevistador: O Monovan Gomes.

Beth: Não, o Monovan foi depois, foi depois que ele entrou. Aí depois faziam as reuniões lá na casa do Mano, ali na Borges. Era perto do estádio, a casa dele.

Entrevistador: E tu tem contato com alguma pessoa, sabe se alguma pessoa ainda está viva, daquela época?

Beth: Não, nunca mais vi. Ah, tinha a Mila, tinha a Mila. A Mila era um negrão de quase dois metros de altura, ele dizia que o nome dele era Mila, era Ademir o nome dele, mas ele dizia: “Meu nome é Mila, eu sou a margarina que veio do milho!” (risos). Tem história, Eduardo, tu não faz ideia! (risos)

Entrevistador: Mas a Mila tá viva?

Beth: Mas eu não sei! Eu vi a Mila faz uns dois anos atrás, que eu encontrei ela no centro. Foi em 2019 que eu encontrei a Mila. Me enxergou de longe, e eu olhei e disse assim: “Mas é aquela bicha!”, ai ela me olhou e “Achei que tu ia gritar...”, e eu disse “Se eu faço isso agora eu vou presa”, ai ela disse: “Bandida!”, ai me abraçou, me beijou, ai, nem sonhava com pandemia, né? Foi o último abraço de bicha que eu ganhei, foi em 2019 quando encontrei a Mila no centro. Essa vou contar só pra ti. Nós estávamos no calçadão, e a Mila vinha vindo. Tava eu, a Nilsa e a Jô, nós três. E a

Nilsa me olha assim: “Mas olha lá aquela lá ó, olha o tamanho daquele negrão que vem vindo lá, a gente de longe enxerga.”, ai eu disse assim: “Vamos tirar um sarrinho da Mila?” e a Nilsa: “Só se tu tirar.”, ai ele vinha vindo perto, uns 10 metros longe, e eu espirrei assim: “Bicha!” (risos). Ai a Nilsa e a Jô espirraram também, né! “Bicha!”. Ai ele chegou e olhou pra nós: “Gurias queridas, como estão, amadas?”, “Mila, não tinha te visto, como tu tá?”, ai ficou aquela coisa, né. Ai ele olhou pra nós e disse assim: “Uma hora a gente se encontra, e eu vou me cobrar.”, “Tá bom, beijo, tchau!”. E ficou assim. Passou uns dez dias, nós estávamos no calçadão, nós não enxergamos a Mila, porque ela vinha pela Galeria do Comércio. Ai no final da galeria do calçadão ela enxergou nós, mas nós não tínhamos enxergado ela. Ai ela chegou perto de nós e deu aquele espirro. “Racha!”. Barbaridade, dai sim! A Nilsa queria sumir, e eu olhei: “Ai Mila, bicha!”, e a Jô: “Ai, eu vou sumir! Porque que tu fez isso?”, “Me chama de bicha que eu chamo vocês de racha!” (risos). Ai, vou te contar! Era uma coisa assim, a gente brincava, a gente ria, uma chamava uma de uma coisa, outra de outra coisa, e ninguém brigava, era tudo na santa paz, tudo na amizade, tudo na brincadeira. Erão tão bom aquela época...

Entrevistador: Era também, além de uma torcida organizada que torcia pro Inter-SM, era também um espaço de convivência de vocês, um espaço de diversão.

Beth: Era um espaço de convivência deles com todo mundo. E eles nunca foram de discriminar ninguém. Nem mulher, nem sapatão, tinha sapatão lá junto, lá dentro da torcida. Eles nunca discriminaram ninguém, e eles também não foram discriminados. Nós íamos junto com eles, e a gente eles não discriminavam. Tinha mulher junto, tinha sapatão junto lá. Nós íamos tudo junto! Então era gay, sapatão, era mulher, era tudo! Juntava tudo! Nós íamos pro estádio, nós descíamos a pé, nós descíamos pela Niederauer, e ia até lá, no Presidente Vargas. A Brigada... era nos ditos “Anos de Chumbo”, né, do governo militar. Nunca ninguém parou nós pra revistar, nunca. Ou pra complicar, porque era uma turma de gay, e tinha uns vestidos de mulher, outros não, sabe? Mas tudo de vermelho e branco, sempre tinha alguém de vermelho porque era a torcida do Colorado, entendeu? Então nunca fomos assediados, nem por polícia, nem por ninguém. Nem exército, nem ninguém. Passávamos ali do lado da 6ª Brigada, nunca ninguém fez nada pra nós, nunca. Em lugar nenhum. Nunca tiveram essa discriminação, da polícia, nunca, nunca.

Entrevistador: E quando vocês não estavam como torcida organizada existia alguma discriminação, ou não. Como, estou no centro com meu grupo de amigos, eles discriminavam de alguma forma, ou a noite, sozinhos?

Beth: Não, a gente ia todos os dias pro Calçadão, todas as tardes nós estávamos no Calçadão. O Marcelino não ia muito por que ele trabalhava na universidade. Mas os que não trabalhavam, que ganhavam tranquilamente iam pro Calçadão. O Amadeu não ia também porque trabalhava, o Tavico não trabalhava. Ai juntava eu, o Tavico, a Nilsa, a Jô, a Carminha... quem mais? Sempre aparecia uma com outro bichinha junto lá no meio. Sentávamos ali no meio do Calçadão ali óh, na esquina, bem na frente da Galera do Comércio, naqueles bancos, sentávamos ali. Ali nós ficávamos sentados, conversando, dando risada. Ai hoje onde é a Eny, que tem ali na esquina do Calçadão com a Galeria do Comércio, ali tinha o Café Cristal. Ai no inverno, nós sentávamos ali, “Vamos tomar um café?”, “Vamos!”, sentávamos no Café Cristal, juntava as mesas assim, às vezes ficava uns dez. Ai o Marcelino chegava do serviço, ai o Marcelino ia pra lá com a gente. A gente juntava dez mesas e ficava tomando café, comendo pastel. Se não era ali, era no Calçadão. Assim que a gente fazia, a gente tava sempre se encontrando.

Entrevistador: Então era uma turma que não era só da Maré, era de Santa Maria, de vários lugares.

Beth: Aham, era tranquilo, muito tranquilo. Que mais tu quer saber?

Entrevistador: Tu lembra se na fundação teve alguma documentação, alguma coisa escrita, pra registrar?

Beth: Olha, eu não lembro disso aí, eu só lembro que eu fui com meu irmão direto na casa do Tavico, e de lá nós saímos direto pra ir pro estádio. Eu não sei se teve alguma documentação, não sei mesmo. Não sei te dizer.

Entrevistador: E tinha alguma vestimenta, alguma camiseta que vocês usavam?

Beth: Não, na minha época não tinha.

Entrevistador: Eu já vi alguns colecionadores que tem camisetas da Maré, mas acho que é de depois.

Beth: Eles fizeram quando não tava mais, na segunda parte, quando a Marquita entrou. Porque eu, assim, todo mundo tinha um casaquinho vermelho ou uma blusa branca, ai a gente botava pra ir nos jogos. Assim que a gente fazia.

Entrevistador: Uhum. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa das perguntas..., eu acho que seria isso, Beth. Tu tem mais alguma história que tu queira contar, alguma coisa que tu vivenciou?

Beth: Ai , tem tanta história... (risos). Aí, Caxias! Caxias foi sensacional, a nossa ida a Caxias! O Inter foi jogar contra o Juventude no Alfredo Jaconi. Nós chegamos lá, era umas duas e pouco da tarde, o jogo era às quatro. E lá, a Fiá-Fiá foi junto. E a Fiá-Fiá, com a cozinha da escola de samba, ficou tocando na rua. E aquele monte de bicha sambando na rua, e o pessoal nas janelas dos prédios, nas casas, abanando e aplaudindo. Mas as bichas não queriam mais nada, né? Elas se sentiram realizadas da vida! (risos) Elas se sentiram realizadas! Se sentiram assim, na Sapucaí, né! (risos) Elas tudo com as bandeiras do Coloradinho, foi muito bonito de ver, lindo, lindo de ver. Foi maravilhoso! Só sei te dizer que eu tenho uma saudade daquela turma, uma saudade deles..., incrível. Estar ali com meu irmão junto, a gente viveu tanta coisa boa junto! Tanta coisa junto, bah! Com aquela turma, era uma turma sensacional. Tanto Marcelino, Tavico, todos eles. Nenhum pra tu dizer assim: “Ai, aquele ali era chato, aquele ali não era legal”, não! Eram todos, todos eram legais. Marcelino era minha paixão, né. Amava o Marcelino de paixão. Eu trabalhava no centro, aí vinha pra casa, eu tava na parada ali na Professor Braga, e ele vinha saindo ali do DCE, e eu atravesssei a rua, sai da fila do ônibus. Eu vou perder o ônibus, mas eu vou pra lá da um abraço e um beijo no meu amor, meu amigo. Atravessei a rua e cheguei: “Eu quero abraçar esse homem lindo!”; “Mas me diz onde que tá? Onde é que tem homem lindo aqui?” (risos). “É tu, minha paixão!”. Enchi ele de beijo e abraço. “Marcelino, quanto tempo!”; “Ai Beth, tenho saudade de quando a gente fazia bagunça juntos!”, “Eu também, tenho muita.” Ai depois eu não vi mais o Marcelino, quando foi um dia fiquei

sabendo da morte dele, fiquei tão triste, chorei muito. Ai disse: “Ai Marcelino, meu amigo...”. Depois soube que o Tavico já tinha morrido também, eu nem sabia nem do que o Tavico morreu. Ai depois a Mila me disse que o Tavico tinha morrido de Aids. A Mila que me contou que o Tavico morreu de Aids. Ninguém é eterno, né, mas eles podiam estar ai com a gente. Vovôzinhos, mas ai ainda junto com a gente.

Entrevistador: Com certeza. Fazem muita falta, né.

Beth: Ah fazem, fazem falta. Porque eram pessoas assim, sensacionais. Bah, eram fora de série.

Entrevistador: E o Mano morreu no mesmo ano do Marcelino, né?

Beth: Quem?

Entrevistador: O Manovan.

Beth: Pois é, o Manovan foi no mesmo ano que o Marcelino.

Entrevistador: Ele era roupeiro, morreu durante um jogo.

Beth: Foi, durante um jogo. É verdade. Pobrezinho do Mano, morreu do coração.

Entrevistador: Isso, ele teve um ataque no meio do jogo, uma pena. Então Beth, pra não tomar tanto teu tempo...

Beth: Capaz, to com tempo livre, se quiser fazer mais perguntas, faz! (risos)

Entrevistador: Eu só queria então, pra finalizar, que tu me dissesse o que representou a Maré pra ti, o que ela representou pra Santa Maria, o que ela representou pra comunidade gay que nós tínhamos aqui.

Beth: A Maré foi, pra mim foi... foi muito bom! Foi muito bom porque eu já tava mais próxima ainda do que eu já era do meu irmão, e dos amigos dele. Os amigos dele que

se tornaram meus amigos e meus irmãos também, porque eu amava eles assim de paixão, igualzinho ao meu irmão. Porque muitos tinham discriminação na família, entendeu? Muitos tinham discriminação na família. Então eu amava eles como eu amava meu irmão, e pra mim a Maré foi aquela coisa que juntou toda aquela turma, que a maioria era discriminada pela família, a família não aceitava. Que tinham que ficar na moita, e extravasavam aquilo quando iam se juntar com a Maré, entendeu? Então, não faziam aquilo em casa. E um deles, o Cláudio, Claudinho. O Claudinho era um, que em casa era menino, menino mesmo! Ele era homem! Em casa ele era homem. Ai ele se juntou com a turma da Maré. Ele era tão bonitinho, era baixinho, era um amor o gurizinho. E uma vez ele caiu lá das escadas da Academia, e o Tavico tava entrando. E o Claudinho me desabou a escada abaixo (risos). E quando o Tavico viu que ele vinha rolando, levantou a perna e disse: “Ui, tá chovendo homem! Ah não é, é uma bicha!. E eu: “Ai Tavico, pobrezinho! Claudinho, tu melhorou, Claudinho?”, não é “tu melhorou”, “Ai, tu tá bem, Claudinho? Vamos chamar uma ambulância.” Levantou o Claudinho: “Ai, eu to bem...”. “De que jeito tu caiu?”; “Ai, eu tropecei no pé!” (risos). Ai o Tavico me olha e fala assim: “Que nome que eu vou colocar nessa bicha? Ninguém pode ficar chamando ela de Cláudio. Agora já sei o teu nome: Jurubeba!”, ai ele olhou: “Ai, o que é isso?”. “Jurubeba Turmalina rolando escada abaixo!” (risos). Olha o nome que o Tavico me coloca na criatura. Aí pegou o Jurubeba! Mas ele com a gente se sentia amado, se sentia acolhido, se sentia querido. Porque a gente dava aquele acolhimento, a gente dava aquele amor pra ele, aquele carinho. Porque a gente se encontrava era abraços e beijos que não acabava mais. Todo mundo se abraçava, se beijava, tudo. E pra Santa Maria, a Maré representou uma coisa que ninguém imaginava possível: uma torcida gay, numa sociedade machista, machista que até hoje é, não adianta querer dizer que não. Até hoje é. Sabe que às vezes me representa que agora tá mais machista que naquela época, porque naquela época nunca nenhum deles sofreu algum tipo de violência física de ninguém, de homem nenhum. E hoje em dia os transsexuais sendo assassinados, homossexuais sendo agredidos e naquela época eles não foram agredidos. Então acho que eles vieram naquela coisa pra mostrar que eles eram gente, que não era só assim de dizer “ai, é bicha, viado”. Naquela época era assim que chamavam, eles se chamavam assim também, com eles não tinha frescura. Então, pra eles era pra mostrar que eles eram gente, que eles existiam. Pra mim, foi isso aí que a Maré representou pra Santa Maria. Pra mostrar

quem eles eram, que eram gente, seres humanos, que eles eram queridos, eles eram amados. Mais alguma coisa, Eduardo?

Entrevistador: Seria isso, Beth! Foi muito boa estas últimas palavras que tu falou, acho que representou bem o que foi a Maré aqui em Santa Maria.

Beth: Hein, tu não falou com o Renato Oliveira?

Entrevistador: Eu só conversei com ele pra ver se ele topava fazer a reunião, a entrevista, mas ainda não entrevistei ele. O jornalista, né?

Beth: Sim, é porque o Renato deu muita força pra Maré.

Entrevistador: Eu vou ver se a próxima entrevista eu faço com ele.

Beth: Porque ele trabalhava na Rádio Guarathan, agora ele tá na Rádio Imembuí.

Entrevistador: Eu só vou terminar a gravação aqui Beth, pra gente não emendar outro assunto. Vamos continuar conversando.

Beth: Tá.

ANEXO B – ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS KUNRATH

Data: 08/02/2021

Entrevista feita via Plataforma Microsoft Teams, por videochamada.

Entrevistador: Boa noite, Luiz!

Luiz: Boa noite!

Entrevistador: Queria que tu falasse teu nome completo e a tua idade, por favor.

Luiz Luiz Carlos Kunrath, 58 anos.

Entrevistador: Ok. Então, tu fez parte da Maré Vermelha pela década de 80, né? Tu lembra, mais ou menos, quando tu entrou e até quando tu participou da Maré?

Luiz: Eu entrei já tinha uns três anos, e dai a gurizada, me convidaram e a gente não tinha o que fazer no domingo, e descia pro estádio, ia pra lá no jogo, tranquilo. Foi assim, convite do centro, domingo de tarde não tinha nada pra fazer então vamos pro jogo, tinha a torcida, a gente se encontrava lá, era todo mundo conhecido e ia pra lá, só isso.

Entrevistador: Tu lembra o ano que tu entrou?

Luiz: Ai, eu nem me lembro isso..., faz tanto tempo, nem me lembro, não me lembro mesmo. Eu sei que já tinha a tempo, e eu fui mais pro final assim, ai depois que eu saí teve mais uns três anos e acabou.

Entrevistador: Tu foi mais no final da torcida, então.

Luiz: Mais pro final, não foi no início. No início eu acho que nem tava por aqui.

Entrevistador: Mas no teu convívio ali da Maré, tu lembra se chegaram a falar pra ti como ela começou, quem foram os fundadores quem é que iniciou essa ideia?

Luiz: Eu sabia que era o Marcelino, o Tavico, que tinham esse movimento, que cuidavam, Quando eu entrei eu lembro que era o Marcelino que era responsável por tudo, e que era o contato da gente com o clube, a gente chegava lá e era ele que decidia tudo, que falava, que trazia a bebida pra gente, ele que acertava tudo. A gente nem participava, a gente ia mais pro fervero né, mais pro jogo. Lá, essas outras partes não era comigo, a gente só ia pro jogo pra me divertir.

Entrevistador: Iam pela festa, então, na arquibancada (risos).

Luiz: É (risos). E na arquibancada tinha as outras torcidas, todo mundo se conhecia. Santa Maria é uma cidade de interior, né. Todo mundo se conhece.

Entrevistador: Então, falando de arquibancada, tu lembra como a Maré atuava, como a Maré se portava no Presidente Vargas, como ela se portava ali dentro, como ela enfrentava o preconceito que estivesse ali?

Luiz: Lá dentro era bem seguro, bem tranquilo, a gente entrava, desfilava, fazia foto, ali no campo todo mundo gritava, não tinha violência, não tinha nada. Todo mundo sabia que existia a Maré, ai depois a gente ia lá pro canto da gente, que era nesse canto aqui onde tinha os blocos, a gente ficava bem lá em cima, torcendo como outra torcida qualquer, lógico. Mas rolava um monte de coisa, né. Mas ninguém hostilizava a gente. Dava briga nas outras torcidas, com a gente nunca dava. Era legal, tu se divertia, tu ia pra se divertir.

Entrevistador: E a relação de vocês com as outras torcidas era pacífica? Vocês dialogavam?

Luiz: Sempre tem algum guri, mas a gente sempre procurava o chefe de torcida, procurava sempre pra auxiliar e dava tudo certo, no final. Todo mundo tinha seus namoradinhos, um aqui, outro ali, então tudo se ajeitava no final. Claro, muita bebida, muita loucura sempre dá um atrito, mas fora isso, era coisa que procuravam. Mas ir pro campo pra ser hostilizado, não, era algum ou outro que se passava de qualquer lado, que o álcool subia demais pra cabeça, era isso ai. Mas fora isso, ocorria tudo

normal. As outras torcidas brigavam, e a nossa não brigava. Por que a gente era rápido, a gente corria né. Quando dava alguma coisa a gente já... e a gente ficava mais no canto, mais próximo da goleira, aquela goleira do cemitério ali. Então a gente ficava do lado da (Avenida) Liberdade, no alto, mais próximo, qualquer coisa a gente já descia, já passava pros trás da goleira e já ia pra lá. Por que a gente entrava pelo portão lá... , a gente não entrava no portão das arquibancadas, a gente entrava lá pelos portões de trás, dos vestiários, e também sai por lá. Então os daqui não tinham acesso pra lá.

Entrevistador: De certa forma, já fugiam do confronto, eram espertos.

Luiz: Nem tinha como confrontar com eles, né. A gente ia sair sempre perdendo.

Entrevistador: E tu lembra quantos participantes tinha a Maré, em média, quando tu fez parte da torcida?

Luiz: Olha, era de 30 a 50, assim. Dependia do dia assim, sabe. Nem todo mundo ia pra lá no domingo, era bastante gente. A gente se encontrava no centro, ai tinha jogo no outro dia, ai ia todo mundo pro jogo, e lá era lotado, até porque a gente não pagava né. Era mais fácil de tu ir. Era entrada liberada.

Entrevistador: E esses integrantes, em sua maioria, eram homossexuais, né?

Luiz: Sim, todos que eram da Maré sim, não tinha ninguém que não era. Tinha os que ficavam ali no meio, eram de outras torcidas, mas na Maré tinha que ser.

Entrevistador: Então esse era um critério para ser integrante da torcida, ser homossexual?

Luiz: Isso ai. Era semelhante a torcida do Grêmio, que era parecida. Segundo os que tavam, mais antigos, foi a Maré primeiro que a Coligay, né. Mas enfim, eu não sei essa parte histórica, como é que é. Mas era semelhante, tinha que ser gay pra estar na Maré.

Entrevistador: E tu percebia a presença de mulheres no meio da torcida ou era a maioria homens?

Luiz: Não, só as gay.

Entrevistador: Só homens, entendi.

Luiz: Nunca vi.

Entrevistador: E além da atuação da Maré ali dentro do estádio, tu participava de alguma coisa fora do estádio, ou era somente ir ao jogo?

Luiz: Só era os jogos, excursões quando era em outra cidade, aí a gente ia também.

Entrevistador: E nas outras cidades, como é que vocês foram recebidos?

Luiz: Às vezes era corrido, às vezes era apedrejado, não era muito boa a recepção em outras cidades. Até por que tu sabe, um monte de bichas sempre dá um tumulto né (risos). Mas a gente ia igual. Uns entravam outros não entravam, outros ficavam andando pela cidade, outros ônibus vinham, ficavam. Sempre dava um problema quando a gente ia, mas a gente ia.

Entrevistador: Mas eu tenho algumas informações que a Maré também participava da Vila Brasil, a escola de samba.

Luiz: Ah sim, tinha, mas não era bem participar. É que ali na Vila Brasil tinha uma ala gay, então era normal que a maioria dos participantes da Maré eram da Vila Brasil, né. Eu, no caso, nunca fui da Vila Brasil, eu era do Itaimbé. Mas era só a escola, entendeu, não era uma coisa vinculada a Vila Brasil. É que a maioria, a Vila Brasil era da (Vila) Oliveira, o estádio é na Oliveira então é questão de espaço geográfico, e era a escola que tinha mais aceitação né. Eu nunca sai na Vila, eu sempre sai na Mocidade ou no Itaimbé, nunca sai na Vila Brasil.

Entrevistador: Eu acho que a questão das cores, a Vila é vermelho e branco...

Luiz: É vermelho e branco eu até via assim, mas não aquela coisa de ser da Maré e ser da Vila Brasil, não existia isso.

Entrevistador: E na Itaimbé também tinha uma ala gay, ou era só na Vila Brasil?

Luiz: Não, a gente sai nas alas, ou era destaque. Eu sai em ala, e nós que era da Itaimbé tinha o costume de sair pra ter o controle de toda a escola, um em cada ala, pra gente estar ali com todo mundo, se dar com todo mundo. A gente saia em ala ou saia em destaque, eu sempre sai em ala. A minha ala era o pessoal dos fundadores, né, o Carlos Valente, que era um dos fundadores, então, como eles moram aqui perto da minha casa, aqui perto da UFN, no campus II, perto do (bairro) Rosário, então os guris saiam daqui, e eu saia junto com eles, que era uma ala familiar, eram todos meus amigos. Tinha outras alas, e a fantasia tava nas outras alas. E a Vila Brasil era a única que tinha a ala específica né.

Entrevistador: Em em relação as relações que a Maré tinha com os outros setores do Inter-SM, nessa época que tu participou, como era essa relação com os dirigentes, com os jogadores, tinha algum diálogo ou não?

Luiz: Com o jogadores a gente se dava super bem, eles iam lá e saudavam a gente, no início do jogo, no final do jogo, a gente conhecia todos eles. E a direção, só quando eles chamavam a gente, às vezes faziam uma janta a gente ia. Mas isso era tudo o Marcelino que resolvia. A gente ia mais era pra ferver, entendeu? A gente nem se intrometia em nada, as vezes a gente nem olhava o jogo, ia mais era pra beber e enlouquecer. E torcer, se ganhar, ganhou, se perdeu, perdeu. O que importava era aquele domingo de tarde, aquela beberagem, aquela loucurada toda que acontecia.

Entrevistador: Então era mais um espaço de convívio pra quem era da Maré, um espaço de convivência?

Luiz: Sim, tinha lá o Marcelino que ele ia lá falar, falava com a direção, eles mandavam bebida pra gente, davam coisa pra gente, né. Tudo que a gente precisava, o Inter

sempre patrocinava. Não muita coisa, mas era o que dava. E a gente era tudo novo, a gente nem queria saber o que que era, a gente só queria saber de se divertir.

Entrevistador: Legal. Então eu vou fazer uma ligação com a outra entrevista que eu fiz, eu entrevistei um torcedor que frequentava a Baixada. Ele frequentava desde o início da Maré, que é no final dos anos 70, pelo que eu já pesquisei. Ele me disse que, no início, a Maré sofreu um pouco de repressão, de violência, por parte dos torcedores. Como tu já falou que é de uma época mais do final da Maré, tu disse que não existia...

Luiz: No início devem ter sofrido, uma cidade do interior, é normal que isso aconteça, né Eduardo. Até tu consolidar o teu espaço, tu ficar e tu se afirmar como uma torcida gay no interior do estado, lógico que tu vai ter uma luta pra isso acontecer, né. Quando eu cheguei, isso já tava pronto.

Entrevistador: Quando tu chegou, já tava consolidado o espaço da Maré na Presidente Vargas então?

Luiz: Isso. Até porque a gente podia ir sozinho, saia de noite de lá, nunca me acontecia nada. Os guris até subiam com a gente até ali, naquele lado de baixo era meio deserto, né. Então a gente só ia ver civilização, como eu brinco, depois da (Rua) Niederauer, depois da (Avenida) Borges, lá pra cima né. Era isso, ia todo mundo, bem tranquilo. Dava briga como hoje, tu sabe que um campo de futebol é um local de violência, até nos dias de hoje. Dava isso ai, mas não era nada que envolvesse a gente. Lógico que ali no meio tu tinha que ter cuidado e picar a mula, quando dava. Até tu, qualquer um que vai no estádio, dá uma briga generalizada, tu tem que sair da zona de conforto. Era isso que acontecia, no meu tempo era isso. Mas nada direcionado assim, sabe.

Entrevistador: E tu presenciou o fim da Maré, tu lembra de como ela acabou?

Luiz: Só repete porque tocou meu celular.

Entrevistador: Ah tá, desculpa. Tu presenciou o fim da Maré, ou presenciou como ela acabou, e de que forma ela acabou?

Luiz:Eu acho, que eu não tava, depois eu fui embora pra Porto Alegre, eu entrei na universidade, ai já não era mais, e o Inter já não tava na..., porque na minha época era Primeira Divisão, a gente via todos os times do Rio Grande do Sul, depois ele foi caindo pra Segunda Divisão, Terceira Divisão, e o pessoal foi ficando mais velho, e não aconteceu um fim assim, fim Maré. O que que aconteceu: as pessoas foram ficando mais velhas, e aquela diversão não contava mais. Eu acho que foi assim, no meu caso foi assim. Aquilo já não me satisfazia mais, quando era mais novo, tudo tranquilo. Depois eu achava que não cabia mais, o pessoal foi saindo, foi saindo e não houve uma renovação, entendeu? As outras gays não tinham interesse em ir, nós fomos saindo, outros foram morrendo, né, e assim caminha a humanidade. Eu não lembro de como..., tanto que até o Badeco ficou por lá, sempre tava lá no “coisa”, o Manovan morreu como roupeiro do Inter, todas essas coisas, que eram pessoas que também eram da Maré e ficaram lá. Mas daí, eram pessoas assim, que eram figuras já lendárias. Nós era mais diversão. Eu o (inaudível), o Paulo, o Cléber..., nós era mais por divertimento assim, nada, não tinha nem um cunho de luta pelo time. Tanto fazia se perdia ou não, nós não importava, a gente não sabia nem o resultado. Ah, tinha uns mais ferrenhos que torciam, faziam e aconteciam. Mas não era o meu caso.

Entrevistador: Eu já ouvi falar que ela terminou depois de uma briga, que o Marcelino se envolveu com um dirigente, que um dirigente agrediu ele...

Luiz:Ah claro! Ele era muito metido, né? (risos). Ai ele foi lá e brigou, e dizem né, eu não sei, diz que brigou lá e e ai não deixaram. Porque era ele que era o elo de ligação da direção com a torcida. E assim, acabou mas nem existia mais, né. Então, acho que ficou aquilo..., tu és da História?

Entrevistador: Isso.

Luiz:Aqui da UFN ou da Federal?

Entrevistador: Da UFN.

Luiz:Então, o que que eu acho que aconteceu, falando de professor de História pra professor de História. Já existia um fim, precisou um fato pra se consolidar o fim, entendeu? Por que quando deu essa briga, já não existia mais nada. Era só o Marcelino e uns dois, três que cercavam ele e iam lá bater boca, tanto que colocaram ele a correr de lá, ai acabou. Não tinha o “a torcida está comigo” porque essa torcida não existia mais, na realidade, de fato.

Entrevistador: Ela foi enfraquecendo e só bastou um fato pra ela acabar.

Luiz: E acabou com ele porque era ele que tava ali, né. Era a única coisa que mantinha ele com vínculo com o clube. Eles queriam tirar ele do clube, aproveitaram e tiraram. Mas a torcida em si já não existia mais.

Entrevistador: E além do Marcelino e do Manovan, tu conheceu algum outro fundador que fazia parte da Maré?

Luiz: O Tavico, que era bem mais antigo que o Marcelino, mas não era no meu tempo, no meu tempo já era o Marcelino. Não que a gente sabe que eles foram fundadores, mas é que eles, assim... teve um grupo, ai não sei, de gente mais antiga que eu, eu não sei te dizer quem era. Na minha época, quem era mais antigo tava na linha de frente, era o Marcelino e o Manovan.

Entrevistador: O Tavico acho que é Otávio Amaral, o nome dele né?

Luiz: Ai, não sei te dizer também. Eu sei que era bem antes. Mas dai eu conhecia ele, mas não era da torcida, quando ele ia. Quando eu fui, eu acho que ele nem se dava mais com o Marcelino, dai não ia. Era outra geração bem mais velha que o Marcelino.

Entrevistador: Então, pra gente finalizar, vou fazer só mais duas perguntas pra ti. Tu lembra algum fato interessante que aconteceu na arquibancada com a Maré, alguma festa, algum evento diferente que a torcida fez que ficou marcado pra ti?

Luiz: Eu me lembro coisas tipo brigas (risos). A gente foi uma vez pra Rio Grande e ficamos presos lá. Dois, três componentes nossos foram presos em Rio Grande. Até

que liberassem lá na delegacia, o ônibus ficou retido lá, em Rio Grande. Outra vez em Santa Cruz, também deu uma briga, apedrejaram, quase que não saiu o jogo, até acalmar tudo, né. Esses fatos assim. Aqui em Santa Maria não me lembro de nada, lembro assim de fora, esses fatos lá em Santa Cruz e em Rio Grande.

Entrevistador: Tu lembra porque eles foram presos?

Luiz: Ahh, porque que foram presos (risos). Ficaram “mexendo” com todo mundo. A gente era tudo novinho, quando ia pra rua, a gente “escrachava”, né. E dai, fomos, brigamos lá... primeiro invadimos um quartel, depois fomos lá em Rio Grande, pegamos umas coisas lá, dai veio a polícia, dai já deu aquele bafo, começaram a gritar e prenderam a gente. Eu não fui preso, mas tava junto. Foi por isso assim, a gente tava sempre envolvido, e mexendo com todo mundo. Aqui a gente já aprontava, agora tu imagina numa outra cidade, né, que ninguém conhecia a gente.

Entrevistador: Essas histórias são boas de escutar, boas de ouvir.

Luiz: Era muito divertido, porque tu fazia horrores. Dai, por exemplo, nesse dia lá de Rio Grande a gente nem entrou no jogo. A gente nem viu, por que a gente foi (inaudível). Pra nós, o que menos interessava era o jogo. Dai lógico, tinha o Marcelino, que era fanático pelo time, mas nós não tinha nada a ver, a gente sai pra fazer “lulu”. E se não pagassem pra nós entrar, a gente pegava nosso dinheiro e comprava de bebida. Ou pagavam pra gente entrar ou a gente não ia gastar nosso dinheiro em ingresso, né. Essas coisas assim. Pra nós, sempre foi um divertimento. Assim, tanto que eu nem gosto de futebol, eu só ia por causa do “fervo”, e da alegria, e era um monte de homem, um monte de (inaudível), era lá que eu queria estar no domingo.

Entrevistador: Então depois que acabou a Maré, tu nem foi mais na Baixada?

Luiz: Depois eu ia, mas não, eu ia porque, por exemplo, fui morar em Porto Alegre, eu trabalhei no IP, e lá no IP um dos diretores do Grêmio era do conselho do IP. Depois eu tinha ingresso e eu ia nos jogos pra me divertir. Até eu brincava que, pena que não tem, porque tu tá olhando um jogo em casa, dá um gol tu vê no replay, no estádio não tem replay né. Se perdeu o gol, perdeu né. Mas lá eu não fazia parte de torcida

nenhuma, eu ganhava ingresso, né. Então eu ia, mais porque era um divertimento, nada com relação. E era gremista, meu pai foi gremista, eu fui gremista sempre. Mas nada assim, não que o futebol me atraia. Nem gosto, se tiver um jogo na tv, eu até troco de canal. Vou no estádio porque é um monte de gente e a diversão.

Entrevistador: Então, pra finalizar e não tomar muito teu tempo, só queria que tu falasse então, o que representou a Maré pra ti na tua vida, na tua formação, se ela te marcou ou não. E o que ela representou também pra comunidade LGBT de Santa Maria, se ela representa algo ou não.

Luiz: Eu acho que ela representou a nossa afirmação enquanto LGBT aqui em Santa Maria, que foi um espaço que ficou marcado. A nossa força, nossa coragem pra esse povo que tá vindo ai, né, saber que a gente... pra eles estarem de mãozinha dada, e por ai afora, existia um pessoal que metia a cara, e fazia, enfrentava um estádio de futebol num domingo de tarde. Pra mim foi um marco maravilhoso por que, eu me assumi muito cedo, né. Tranquilo, hoje sou professor da rede estadual, rede pública estadual. Bem assumido, bem tranquilo. Com todo o respeito que eu tenho, acho que nos deu respeito, e saber lidar com essa diversidade, também com essas questões. Mas naquele tempo a gente não tinha muito essa questão da homofobia, depois a gente já tava preparado pra esse tipo de coisa, né. Então acho que foi a maior segurança de transitar e enfrentar. Tu sabe que a nossa luta, como a gente fala, é todo dia, né. Então tu tá sempre no confronto. Dai a Maré te deu essa sustentação, né. E essa representatividade na cidade. Acho que é isso.

Entrevistador: Sim, concordo contigo. Então, eu acho que seria isso Luiz, não sei se tu quer acrescentar mais alguma coisa, se não a gente pode finalizar por aqui.

Luiz: Não, se tu precisar de alguma coisa, tu entra em contato comigo e a gente fala, tá querido?

Entrevistador: Claro!

ANEXO C – ENTREVISTA COM MARQUITA QUEVEDO

Data: 11/10/2021

Entrevista feita presencialmente na casa da colaboradora.

Entrevistador: Então, a gente pode começar? Vou pedir que tu fale teu nome e a tua idade.

Marquita: Eu sou a Marquita Quevedo, tenho 54 anos.

Entrevistador: Tu participou da Maré Vermelha em que época?

Marquita: Olha, eu acho que fiquei uns 10 anos, os finais da Maré Vermelha foi até o que eu participei, assim. A gente costuma dizer, nós geração antiga, que teve várias gerações dentro da Maré, né. Teve aquele momento da fundação, depois teve aquele intervalinho, depois nós entramos, que teve uma leva, bastante gente, acho que tu tem conversado conosco, né. Que é a turma que ficou, e dali daquela turma foram chegando às últimas, até o final, até chegar o final mesmo da Maré, eu acho que fiquei uns dez anos na Maré. Ela terminou em o que, 93, noventa e poucos, eu acho, né? 92, 93. É que eu entrei em o que, 83 por aí, assim. Então deu quase dez anos, assim.

Entrevistador: Sim, tu é uma das mais longevas das pessoas que eu entrevistei.

Marquita: É, é que nós entramos, que nem o Mathias. O Mathias, quando tu falou com o Mathias, né. O Mathias também, nós entramos quase na mesma época, o Mathias saía e voltava. Eu fiquei mais ou menos esse tempo, mais ou menos uns dez anos.

Entrevistador: E tu tinha um papel de liderança dentro da torcida?

Marquita: Sabe que eu acho que ali, ainda não. Nós éramos muito mais liderados pelo Marcelino, naquele momento, e a gente... eu sempre digo, acho que aquilo ali me ajudou a construir a minha questão de militância no movimento LGBT sem saber! Eu sempre digo que a gente tava, e nós tínhamos, eu tinha 17 anos, 20 e poucos anos,

acho. E aquilo ali, pra nós, a gente lá pelo fervero, pra agitar, pra estar lá, sabe? E aquilo, pra nós, era uma festa. Nós estar lá, naquele espaço. E aí eu vejo, analisando, a importância que aquele espaço tinha naquela época, sabe? De romper barreiras mesmo, de tu parar pra analisar, a gente tava dentro do... como tu colocastes, a cidade era voltada para o masculino, e a gente tava num espaço masculino, porque o futebol até hoje, a gente tem esse coisa ainda, de que se está se desconstruindo a questão do futebol, nas questões de gênero, né? E aí naquela época, a gente tava numa questão de Ditadura, que eu sempre falo que é bom a gente frisar isso. Numa época que era uma cidade do interior, e aí tu ter gays, assim, adolescentes, pessoas ali fazendo tudo e rompendo com um certo padrão, sabe? Da questão do campo, propriamente gays eram pederastas naquela época. Não poderiam estar ali, naquele espaço. Aí a gente vai numa cidade... eu digo assim, é fácil tu chegar em Porto Alegre e ter lá uma Coligay, até lá no Flamengo, no Rio. Quando tu chega no interior, eu sempre digo, o pensamento é diferente, o comportamento é diferente. Aí tu imagina, o que essas pessoas, tipo o Marcelino, o Mano, o próprio Tavico, até a própria menina que eu sempre esqueço o nome... Elisabeth! Criaram uma... olha só o que eles fizeram! A coragem de romper com isso, e tu estar brigando contra um preconceito, contra uma coisa assim... e até hoje tem espaço que parece que para o LGBT não é permitido. Imagina naquela época. Eu acho que isso construiu a minha militância mesmo sabendo que eu tava lá fazendo festa, agitando, sabe? E eu acho que isso que valeu, isso que faz parte da história, sabe? É tu transformar, que nem hoje eu digo aqui, quantos anos tendo a Maré como referência? Pra ti, pra outras pessoas, que várias pessoas procuram nós pra falar, até fora do Estado. E eu acho que isso é importante, isso é história, isso é memória! Até para o próprio Inter, local, né? Ter ajudado na construção da torcida LGBT, na questão do futebol das mulheres, então acho que isso é uma conquista.

Entrevistador: Mas essa consciência tu tomou depois que tu saiu da Maré? Na época, como tu disse, era mais voltado pra diversão?

Marquita: É, na época a gente assim... a gente tava numa construção, até eu tava me construindo, como eu digo. Eu tava saindo da minha adolescência e entrando pra minha fase adulta. Todas nós quase estávamos ali, como eu digo, a questão da idade, tu tá na tua juventude. Nós estávamos ali pela questão do fervero, como a gente dizia,

pelo agito, e até pela própria torcida mesmo, por nós sermos Inter, sabe aquela coisa? Por estar lá, torcendo a gente ficava triste quando perdia, brigava. E eu acho que foi isso, a gente tava se construindo. Eu principalmente. Sendo que a nossa grande liderança era o Marcelino, até pela questão da idade, sabe? A experiência de vida que ele tinha. E a questão de nós estarmos ali num espaço, ocupando um espaço sem saber que seria tão importante pra outras gerações futuras, sabe? E eu fico com receio, por isso que eu digo assim que eu tenho uma certa saudade, a gente até pensou em voltar. Aí acabamos não voltando por questões de preconceito de torcidas atuais. Mas eu digo que isso também é importante dizer. Olha imagina, a gente tinha naquela época, que era uma base de uma escola de samba que foi lá, fazer o carnaval, torcer. E segundo relato, foi criada da própria... outras situações de preconceito que a torcida acabou sendo Maré Vermelha para o Inter, né. Porque num primeiro momento, ela seria do Riograndense, então tem todos esses relatos.

Entrevistador: Tu citou ali a escola de samba, né? Como era essa relação que tu tinha com as duas? E não sei se tu sabe qual surgiu primeiro, a Maré ou a ala gay?

Marquita: A ala gay. A ala gay, até porque assim, a Vila Brasil tinha duas cores, que era o vermelho e branco, né. E na época a Vila Brasil, imagina, ela tem sessenta e poucos anos. E era uma escola de periferia, de povão. Daí todos os gays estavam lá, as prostitutas, todo mundo que se dizia periférico, né. Elas estavam naquele espaço. Tanto que a Vila Brasil a gente diz, era a mais querida, né. E a mais popular de Santa Maria. Então todo mundo que não era... que não se agregava noutra espaço, foram acolhidas dentro da Maré Vermelha. Até por ser a questão do povo, “ah, na Vila Brasil é povão!”. Então todo mundo estava lá, esses que hoje a gente fala que seria excluídos, né, essa população periférica, da vila, que estava lá, prostituta, gay, negro. Tanto que a Vila Brasil, a gente falava “ah, a escola dos negros”. Porque? Por essa questão de ser povão, sabe? Então nós tínhamos muito essa relação. E de lá sai essa base, até por questões assim... por que nós, se tu for fazer um mapeamento, tu vai ver que todos as situações de movimentos em cidades de interior pro pessoal LGBT é através de concurso, é através do próprio carnaval que libera os espaços, que eu acho que era o que essa população tinha naquela época. E continua ainda em alguns momentos sendo o espaço que nós temos, é o carnaval, é o salão de beleza. E aí eu penso que a Vila Brasil tinha isso, de acolher, todas as gays estavam lá, as travestis,

naquela época. Tanto que a ala da Vila Brasil chegou a ter quase duzentos componentes. Isso lá na década de 80. Então, isso é muito forte. Eu mesmo fui a primeira Rainha Gay da Vila Brasil, lá nos anos 80, né, quando surgiu essa história. Tanto que todas as gay, como a gente fala, né, a população LGBT, todas nós, era difícil tu encontrar noutra escola aqui em Santa Maria, quase todas eram da Vila Brasil. Ai tu dizia, “ai, as travestis, as gays, as pretas são da Vila Brasil”. E as que diziam que tinham um poder aquisitivo mais alto, que eram cabeleireiras de renome aqui de Santa Maria, eram de outra escola. E o povão era Vila. E dali era a base. Tanto que até o Mestre Bica, que era da Itaimbé, também participava da charanga. Mestre Bica foi um do Itaimbé que tocava no Internacional com nós, naquele grupo que tinha, que nós chamava de charanga, na época. E a base era a Vila Brasil, o mestre Bica mesmo, que era do Itaimbé. As escolas tocavam pra nós, e a Vila Brasil era nossa casa. Então, como se dizia, é muito ligado, Vila Brasil e Maré Vermelha andavam juntas.

Entrevistador: Compartilhavam os membros e também a ajuda mútua, né?

Marquita: Sim, até as cores também, por ser vermelho e branco.

Entrevistador: E por falar em cores, tu lembra aquela história da questão da maré vermelha lá do Hermenegildo, que ajudou na fundação do nome?

Marquita: Sim, surgiu o nome, todo mundo sabia, até o Marcelino, o próprio Tavico também, sempre surgiu da questão do Hermenegildo. Eu não sei nem o porque, acho que tinha a ver com a questão da cor, alguma coisa assim, que se tornou Maré Vermelha. E no primeiro momento, tinha a Fiu-Fiu, aquela torcida que tu deve saber, né. Que era também coordenada pela Otávio, pelo Tavico. E da dissidência da Fiu-Fiu formou-se a Maré Vermelha. A Fiu-Fiu foi uma das primeiras torcidas do Inter e aí que Fiu-Fiu queria dizer “filho da puta”, em off assim, queria dizer “filho da puta”. E dali surgiu depois, veio dessa origem a Maré, que foi o pessoal tipo o Marcelino, a própria Elisabeth, era o pessoal da Fiu-Fiu. E aí teve essa dissidência na época.

Entrevistador: E tu citou então a Maré e a Ala Gay, que se chamava Ala Maravilha, se não me engano...

Marquita: É, Ala Maravilha ou ala gay, as pessoas iam pra avenida pra ver a ala gay da Vila Brasil e iam no Inter pra ver a Maré Vermelha, porque nós viramos uma atração, na época.

Entrevistador: Então, esses dois locais eram os dois únicos locais voltados pra população LGBT aqui na cidade? Ou existia algum outro?

Marquita: Ah sim, eu acho que com a questão de relevância, acho que sim. Tanto que a ala gay da Vila Brasil até hoje é citada, é lembrada, e a própria escola também mantém isso, dentro da escola. A questão da presença da população LGBT com os concursos, e até hoje tem rainha. Até hoje, foi uma das primeiras escolas, e tem a ala, sabe? Então são os dois espaços que na época se construiu em Santa Maria de movimento, de... nem digo de movimento, também era um movimento, uma questão de espaço, de estar ali. Até de visibilidade pra época. Era os dois momentos que a população LGBT de Santa Maria tinha onde aparecer. Era durante o carnaval, na ala gay, que o pessoal esperava, na década de 70, 80, depois vem vindo, e a questão do futebol. E o futebol eu acho que ela passou, ela transcendeu por que foi permanente, ela foi o ano todo. A gente não era só na época do carnaval, a Maré Vermelha estava o ano todo. E tu já fez lá a pesquisa, sabe que a Maré Vermelha tava todo o ano, então é uma coisa que eu digo, o nosso dia a dia, o que nós tínhamos era a Maré Vermelha.

Entrevistador: E como tu chegou na Maré Vermelha?

Marquita: É como eu digo assim, todas nós assim... eu tô com cinquenta e poucos anos, então na minha geração, a anterior, todas gays assumidas de Santa Maria passaram pela Maré Vermelha. Tu conversar com n pessoas que hoje tem outras funções, todas passamos pela Maré Vermelha. Que era como eu te digo, era aquela questão do agregar, do nos encontrar, de sermos acolhidas naquele momento, por que o que a gente tinha de ferver, pra agitar? Era a Maré Vermelha. Que lá, entre aspas, até tinha as pessoas, que eu digo, tu tem relatos dos nossos amigos, né. Que quando o pai não ia, ela ia pra lá. Que também era uma maneira de se libertar, fazer tudo que a gente tinha. Imagina, cidade pequena, a gente não tinha bares, boates, a gente não tinha nada que outras cidades tinham. Pra nós, Maré Vermelha era o máximo, chegava lá, torcia pelo Inter, fazia tudo que tinha que fazer. A gente fazia

produções, sabe? Era figurino, era n coisas que a gente pensava. Alegorias pra torcida, até as próprias musiquinhas que a gente cantava. Então era aquela questão de nós sermos iguais e acolhidas lá, sabe. Por que não tinha outro espaço. A gente tinha... a gente se encontrava na casa de amigas, mas essa coisa de fervo, de estar lá, agitando. Tinha também a questão dos boys, né, que estavam lá. Então tudo isso agregava nós, levava nós pra lá. E outras gays também da época. Tanto que as travestis todas, a população trans de Santa Maria, da nossa geração, participava da Maré.

Entrevistador: Bom, tu disse que chegou ali por 83, né?

Marquita: É.

Entrevistador: Então tu já encontrou o espaço consolidado da torcida na arquibancada, né...

Marquita: Até por ali também, por que a gente tinha ainda, por mais que tinha um tempo, mas a gente tem essa questão... tinha relatos que tinha a questão da violência verbal, algumas coisas assim. Mas acho que agressão física, propriamente, dentro do Inter nunca.. eu acho que teve... até por que assim, a Maré Vermelha tinha apoio das outras torcidas. Então nós eramos, todo mundo naquela época, aquelas torcidas que tinham, Camisa 12, tinham outras que não me recordo o nome, elas super eram parceiras conosco, sabe? Então super respeitavam. Pra nós, a gente não sabe o que estava acontecendo, a gente falava da questão da agressão, não era ali dentro. Nós sofriamos na rua, mas dentro do campo, até tinha aquelas coisas, gritavam. A gente dizia, tudo vai mudar, vai mudando o significado da palavra. Na nossa gíria, "ai, era o baile", davam um baile em nós, gritavam alguns nomes, alguma coisa assim, que pra nós não fazia diferença, sabe? Era uma coisa tão naturalizada aquilo, se a gente for parar pra pensar, gente! Mas fora daqui, sim, a gente sofreu agressão, a gente era apedrejado o ônibus, corriam nós, sabe? Então, em outros espaços que não era nossa cidade, tinha gente que ia pra nos conhecer, quando a gente chegava nas cidade, todo mundo "ah, lá vem a torcida Maré Vermelha, do Inter!" E depois de um momento, que terminou, e só ficou nós, no Brasil. Que as outras... a gente costuma dizer, porque tem uma disputa, né, "aí, a Coligay", eu acho que foi nós. Por que nós existimos, tu

imagina, a gente ficou quase vinte anos, e no interior! Ai tu imagina assim, se nós formos colocar, pode até a Coligay ter sido a primeira, mas nós somos a que mais durou. A Coligay foi criada por muita pouca diferença, assim, sabe, de meses, eu acho! Se for, por que sempre o Marcelino, a Elizabeth dizem que a Maré foi a primeira, que depois que surgiu a história de Santa Maria, aquela coisa, bum, criaram. E é uma disputa que até hoje a gente não sabe, a própria Coligay coloca nós como segunda, não! E nós, é sempre aquilo. Em outros espaços, a gente ia em estádio, a gente era corrido, bah! Era tanto bafo! Mas era ótimo! E depois a gente saiu de dentro do campo. A gente foi torcer pro Veículos Pozzobom, no Citadino. A gente saiu, fomos pro futebol de salão, pros Sesc mesmo, sabe. O futebol de salão de Santa Maria tinha um campeonato que era muito forte, até na questão do estado. A gente foi lá no Corinthians mesmo, a gente acabou mudando o Corinthians, porque a gente fez uma chuva de papel picado e farinha que depois nunca mais permitiram que a gente fizesse! A gente parou uma partida! Por que a gente levou tanta farinha que ficou uma nuvem, ficou tudo branco! Aí proibiram a entrada de farinha e de papel picado, isso era nós da Maré, dentro do Corinthians, ali. Ai tu imagina um ginásio, tu não via ninguém, era só nós, tu olhava pras caras todas brancas, parecia fantasma! (risos) E aquele monte de papel, aí mudaram, “ah não pode papel”. E mesmo assim ficou, eu acho que a Maré Vermelha também participava de campanhas beneficentes, solidárias, atividades do próprio município. A gente jogava entre nós, fazia jogos solidários, na própria Baixada. A Campanha do Agasalho também, a gente fez no Corinthians, veio Os Trapalhões, os primeiros jogos. Então, tem todas essas coisas, a gente não ficou só naquele espaço, a gente saiu dali, foi fazer em outros momentos, a gente tava em outros espaços, assim, enquanto Maré Vermelha.

Entrevistador: E por falar de outros espaços dentro do Inter de Santa Maria, vocês tinha algum espaço que vocês falassem... Tu quer atender? (nesse momento, o telefone de Marquita toca e ela atende). Voltando a pergunta então, ali dentro do Inter vocês tinham um espaço próprio de vocês de voz ativa, que pudessem falar junto com a diretoria, ou até mesmo entre as torcidas organizadas do clube?

Marquita: A gente tinha porque a gente chegou a ser considerada nos últimos anos a torcida oficial do Inter. Tanto que eu sempre digo, a gente construiu, a gente ajudou a construir ginásio, que hoje tá lá naquele estado lá, mas a gente construiu muita coisa.

A gente participava... “ah, tem a inauguração daquele espaço lá”, nós cozinhávamos, nós íamos pra cozinha, cozinhar, fazer risoto. Tinha janta que nós que trabalhávamos lá, pra construir o estádio, pra construir o ginásio, outros espaços. E quando a gente não tinha a questão da verba, pra nós viajar, a gente ia até com as outrs torcidas, inclusive a gente chegou a viajar até no próprio ônibus do Inter, dos próprios jogadores. “Ah, tem lugares, gurias!” Aí nós íamos, então a gente tinha um espaço bem amplo e importante dentro do Inter. A gente fazia tudo lá, eu digo, o Marcelino fazia nós fazer tudo! (risos) Nós cozinhava, nós limpava, nós ia no vestiário. Tanto que o Mano, o Monovan, tinha aquela paixão que ficou lá de massagista, de roupeiro deles. Era aquele amor, e nós fazia aquilo ali por amor. E a nossa torcida tinha isso. Nós estávamos ali por gostarmos do Inter, por nós sermos coloradas, sabe? E aí nós se doávamos lá, a gente tava no espaço também, como eu digo. Reunião, nós também participamos.

Entrevistador: Mas tu nunca percebeu nada assim, alguma represália por parte de algum dirigente, até por que a torcida acabou por causa disso, né?

Marquita: Sim, teve essa questão toda. Eu acho que pra nós, que estávamos... nós, como eu te digo, era outra visão. Se fosse hoje, era outra cabeça. Teve essa questão do Marcelino ter uma briga interna, porque? O Marcelino tinha umas coisas que a gente, eu digo que ele era bipolar! Eu acho que ele era meio bipolar, com todos nós somos, né? E o Marcelino tinha essa coisa assim, e ai já começou, uma questão durante o jogo, da briga. Por que o Inter vinha perdendo, nós fomos lá e viramos a faixa que nós tínhamos, colocou de cabeça pra baixo. Ai se deu essa história do Marcelino, levou mesmo a bofetada, apanhou do diretor que eu nem me lembro quem é, sabe? E dali se deu aquela coisa, que a gente se desgostou, e acabamos saindo, também. O Marcelino ficou “vamos terminar”, e a gente ficou “vamos”, aí acabou. Depois passou um tempo, o Marcelino, eu acho que no fundo ele se arrependeu de ter tido aquele ato, aquela coisa naquele momento. Por que depois, muitas vezes, ele falava conosco, assim, “ah, gurias, vamos voltar a Maré”, por que ele tinha uma mania de ficar tocando a orelha, “vamos fazer a Maré Vermelha, vamos voltar”, e nós “vamos, vamos voltar”, mas a gente acabou indo pra outros momentos, outros espaços. Como eu disse, cada um vai amadurecendo, vai crescendo e vai criando suas vidas, né? Que nem eu digo, uns foram embora, outros ficam, e eu, o Mathias, nós saímos em

uma matéria do Diário. O Inter subiu, logo que o Inter voltou pra primeira divisão. Isso numa reunião, porque agora eu faço parte de um coletivo, uma ONG, né. A gente conversou internamente essas questões de nós voltarmos, e a gente tava até se preparando pra voltar. Nos reunimos, “ah, vamos voltar, vamos voltar a incentivar o Inter”, ou até quando a gente pensou em fazer uma janta nossa pra também celebrarmos essa questão. Quantos anos tem a Maré? Em memória da Maré, a gente fala em memória, morreu algumas, sabe? Pra gente voltar, pelo menos comemorar essa história, a gente tem uma torcida que faz trinta anos que acabou, mas sempre tem esse relato dessa história toda, que a gente tá ali. E isso contribui para o movimento LGBT do Brasil, sabe? Isso contribuiu não só para o movimento LGBT local, mas pro Brasil. Eu digo que vem de São Paulo, as pessoas acabam achando meu nome pra contato, pra me conhecer. Em São Paulo, Rio de Janeiro, vários locais. “Tu é a Marquita assim, tu participou da Maré”, sabe? Então eu acho que isso colaborou, tanto que a ideia nossa era voltar. Só que na época a gente acabou também, e a gente anunciou, vamos voltar, eu e outras pessoas em outros espaços, a gente comentou. E aí a gente sofreu uma ameaça, uma agressão via rede social, pelo Face, da torcida que estava no Inter, né. E aí a gente pensou assim “ gente, a gente vai lá, vamos nos desgastar, enfrentar uma torcida que eu acho que não tem mais porque, então vamos continuar nossa história”, e acabamos deletando a ideia de voltar. Mas a gente tava combinando, agora esses tempo, e é uma ideia nossa, a gente não sabe por causa da pandemia, mas antes da pandemia mesmo a gente tinha conversado. Da gente fazer uma participação lá, do Inter. Tanto que eu estive lá conversando. Aí a gente falou em fazer um jogo, sabe? Uma preliminar, que era uma ideia que é trazer as veteranas, né. E fazer uma história, pra lembrar a questão para o Inter, e o pessoal que está ali, mais novo.

Entrevistador: Seria muito bom!

Marquita: Nós pensamos em fazer isso, pra relembrar, e eu acho que a gente tem que estar trazendo essa questão do futebol. Agora mesmo, eu tenho um amigo meu que me convidou pra falar, eu gosto de futebol, eu vou lá e discuto. Os guris dizem, meus amigos mais próximos, que eu vou no Bira, quando tem jogo, eu vou lá e grito, não quero nem saber! (risos) E os guris “para, machorra, para sapata!” (risos). E aí tem um amigo meu que me convidou pra falar sobre futebol num canal que ele tem. E tá,

vamos ver, e ele “vamos lá, Marquita, tu participou da Maré, tu entende sobre futebol, tu vivia lá”. E aí a gente pensou, antes da pandemia, de voltar, de fazer um momento simbólico lá no Inter, ir lá, conversar com a diretoria. “Olha, a gente quer fazer quinze minutos”, só pra, sabe? E a gente tem ainda, a gente vai construindo isso no futuro.

Entrevistador: Com certeza, seria muito interessante. Tem muita gente que não conhece a história da Maré, né?

Marquita: Por isso que eu digo que a Maré se tornou uma coisa local, se tornou uma coisa grande. O ruim é que a gente não tinha registros, muito ruim é isso. Agora tu imagina, a máquina era da Kodak, ou queimava todo o filme, quem tinha. E era questão do Marcelino, centralizou muito no Marcelino, ou no próprio Mano, e depois o Mano morreu. E a gente tá trabalhando, estamos construindo uma ideia, buscando material, porque tem o Museu da Diversidade em São Paulo. Queríamos criar um Santa Maria, sabe? No primeiro momento, por questão de espaço físico, que a gente tá buscando pra criar esse museu da diversidade RS, a gente tá buscando o espaço. Por isso também a gente quer esse material da Maré, sabe? Num primeiro momento a gente vai lançar um espaço na rede social, um museu, com algumas imagens que a gente tem, e depois pensar num espaço físico. Nós íamos lançar no dia 28, nós temos a ata, o material tá todo pronto pra lançar. Aí, no dia 28 de junho, acabou não acontecendo, aí vamos empurrar mais um pouquinho, aí surgiu a história de eu conversar com o guri, e fazer um espaço físico. A gente foi empurrando, mas a ideia é que a gente abra esse espaço, até pra que marque Santa Maria, a ideia nossa é termos um museu local, sabe, e também sobre a nossa história. A gente tem muitas coisas no local, e eu acho que a gente perde se não registrar, porque isso é a nossa memória, material e imaterial. Isso é o que a gente tem ue deixar. Sabe, até pro futuro, a tua camiseta vai ficar na história. E eu acho que tudo nós temos que registrar e guardar. Como eu digo, nós do movimento LGBT, nós temos essa coisa de nós querer que as pessoas continuem, que tenha uma militância. Hoje, tem muitas pessoas que estão militando. Mas tem muitos momentos que.. uma hora tu acha que vai desistir. E tem muitos que desistem. E a nossa ideia é que a gente tem que estar construindo pras pessoas criarem, e vamos fazer.

Entrevistador: Com certeza, seria muito interessante.

Marquita: Nossa ideia, nós estamos buscando um espaço físico, que num primeiro momento vai ser pequeno, a gente vai trabalhar com alguns banners, algumas imagens. Na rede social a gente já está com o material todo pronto pra lançar, sabe? É igual a história da Maré Vermelha, tu vai lá no Inter, não tem nada, nós mesmos não temos nada. Porque faltou, nós mesmos..., eu, Marquita, nem sequer pensaria que um dia eu estaria aqui falando da Maré Vermelha, ou seria militante LGBT ou dos direitos humanos, sabe, naquela época. O que fica chato é que a gente não tem registro, a gente tem oral, muito oral. É que nem eu falo, em outras questões, da religião, não tem nada a ver com nosso assunto, a questão da religião de matriz africana. Nós, da matriz africana, nós temos muito o oral. Então, se perde muito. E o oral tu sabe, tu fala uma coisa, eu falo uma coisa, acho que é importante, e acho uma pena a gente não ter nem registro, lá no arquivo mesmo, onde tu fez a tua pesquisa. Tu não encontrou nada, tu só tem o oral, que a Maré Vermelha existiu. De fato, tu viu algumas coisinhas, algumas notas, quando tu achou pouca coisa no próprio jornal. Mas outra coisa, a máquina é diferente, de registro. Então tudo que a gente fazer, tem que registrar hoje.

Entrevistador: Com certeza.

Marquita: Vamos lá, que já estou desviando do foco.

Entrevistador: Capaz, isso é muito bom, conversa sobre os assunto em redor, né. Mas assim, antes tu mencionou a Ditadura Civil-Militar, e aqui na cidade nós temos muitos militares. Existia algum tipo de repressão em cima de vocês por parte do governo? Por que o governo era dos militares, né? Então existia alguma repressão por parte do governo?

Marquita: Sabe que eu não recordo disso, assim, não lembro. As pessoas dizem "ah, vocês sofreram preconceito", e eu digo "gente, eu não lembro disso". Não sei se a gente tava tão envolvida que não percebia. Por isso que eu digo, alguns olhares, teve algumas que a gente brigava. Mas não tinha nada a ver com essa questão de nós não estarmos, não poder estar naquele espaço, entendeu? Era briga na rua, que a gente jogava pedra em alguém. Mas assim, dessa questão nossa, de estar no campo, não.

Fora dali, sim. Tu tem alguns fatos que, ah os gays pegavam aqui e colocavam lá... Hoje tem o Santo Antônio ainda, mas antes levavam as pessoas na Caturrita, davam choque no presídio aqui. Isso a gente teve esse relato, que com nós, gays, faziam isso. Eu mesma, uma vez levaram nós, uma turma toda no presídio. Olha, eu era uma criança, olha, menos de sete anos eu já tava ali dentro daquele presídio onde é a Câmara, ali, do lado, que tinha um prédio. Levavam todas, levaram nós, a Loi e outras, são tudo jurássicas, né (risos). Deram choque em nós, eu sempre conto isso, colocavam nós a segurar o fio, só porque a gente era gay, sabe? E a gente tava na rua, porque toda gay se reúne na praça, as do interior. A gente na praça, colocavam tudo nós naqueles camburão, levavam nós lá na Caturrita, porque não tinha nada, era escuro. Lá vinha as bichas a pé até casa (risos). Essas coisas aconteciam no dia-a-dia, sabe? “Ah, vocês são pederastas, não fazem nada”, sabe? E às vezes nós éramos até abusadas, claro, mas largavam nós lá igual. Mas dentro do campo eu não lembro, não teve essa coisa. A gente ouvia xingões, palavras, aquelas coisas todas, né. E a gente nem se tocava, tinha algumas coisas que aconteciam. Mas essa questão da violência a gente sofria fora daqui.

Entrevistador: Fora do estádio, no caso?

Marquita: Isso.

Entrevistador: E quando, por exemplo, o Inter de Santa Maria tava numa fase ruim, a gente sabe que a torcida tenta canalizar em alguma outra coisa, né. E eles tentavam canalizar em vocês?

Marquita: Não, acho que isso nunca chegou a acontecer. Tanto que eu digo, se tu pegar o relato dos últimos anos da Maré, nós éramos a torcida oficial. Mas era aquela coisa, nós não éramos só uma torcida do Inter, sabe? Hoje a pessoa chega, xinga o fulano. Nós não tínhamos isso, naquela época, da violência contra o jogador, a violência contra o diretor. Nós da torcida não tínhamos isso. O Marcelino fez aquilo lá, de brigar quando o Inter tava mal, mas a gente não teve... a gente dizia, vamos fazer tal coisa, nós corríamos pra fazer. Vamos ajudar o Inter, nós não tínhamos dinheiro, nós fazia pedágio, pra ir. Pra Rio Grande, que era um dos lugares mais longe, Passo Fundo. Nós fazia pedágio porque nós tínhamos que ir lá torcer pro Inter, tinha que

ganhar, aquela coisa, sabe? E eu acho que não tinha essa coisa de nós culparmos, sabe? Nós éramos uma torcida que estava ali pra tudo. Eu acho que a gente foi isso, Maré Vermelha. A gente cozinhava, a gente limpava o vestiário sujo, o que tivesse que fazer, fazíamos. Tanto que eles iam procurar muitas vezes a mãe do Monovan, nós lavamos o uniforme do time. Então, eu acho que essa violência que tem hoje, o torcedor vai lá e agride o jogador! Ele ganha, mas ele tá ali exercendo a profissão dele. Ele tá ali pelo profissional, ele não vai querer jogar mal, e é um conjunto. Aí o torcedor vai lá e agride, ameaça a mãe, a família. Eu acho que antes nós não tínhamos essa violência. Tinha briga, isso era normal entre torcidas, até no próprio estádio, que a gente brigava. Isso era uma violência, mas não da forma que está. Até chegar ao time, tinha reclamação, porque perdeu, aquela coisa toda. Mas era aquele momento. E nós, eu acho que enquanto Maré Vermelha, nós tinha essa coisa assim, só teve esse momento que deu essa desavença, e contra um diretor, não foi contra o time, propriamente. Foi o diretor, que foi lá e reclamou, o Marcelino bateu boca, o cara deu uma bofetadas, o Marcelino caiu e fomos embora. Todo mundo bêbado, já tava todo mundo tonto, também. Então foi do momento, isso. Mas fora disso acho que não, nós, e até a outra torcida que tinha, tinha os guris da outra torcida, não me recordo o nome, acho que era Casa 12, e eles eram bem tranquilos. E eu acho que aquela época, eu não sei, hoje eu não estou dentro de um estádio. E eu vejo que tem essa diferença de comportamento. E nós estávamos lá pela torcida, por gostar do time, pra incentivar. Claro que a gente ficava triste quando perdia, isso era normal, ficar triste. Mas não quebrava nada, não fazia nada. Até vaiava no momento, mas no outro dia já estava correndo atrás.

Entrevistador: E em relação à imprensa, como é que a imprensa tratava vocês?

Marquita: Super apoiava, todas! Toda a imprensa local, assim, tanto a local como em outros espaços. A Gaúcha, a Guaíba, que era muito forte. Nós tínhamos um apoio, nós chegava em qualquer cidade... por isso que eu te digo, nós éramos uma atração à parte. O Inter ia jogar em algum lugar, e já está aí as gurias da Maré Vermelha, lá vem a Maré Vermelha. Tanto que tinha muita gente, a gente virou uma atração nos times locais. Tinha a Coligay, que criou aquela coisa toda, tinha a Maré Vermelha, depois de todo aquele boom em cima de nós. E aí terminou a Coligay e ficou nós. Nós chegávamos em outras cidades e a imprensa vinha entrevistar o Marcelino,

entrevistavam nós. Até pelo visual que a gente também tinha. A gente fazia horrores, fazia alegoria, passava a noite toda, as vezes não dormíamos picando papel! “Ah, tem que levar farinha, tem não sei o que”, nós passava acho que assim... domingo, tinha um jogo importante, sábado nós estávamos todas mobilizadas pra aquele jogo. Nós fazia sombrinha, nós se vestia de prenda, nós se vestia de coelhinha. Tu imagina, um gay, com maiô branco, dentro de um estádio jogando balas pro povo? Outra vestida de prenda, outra já estava de gaúcho, tudo isso nós criava naquele espaço, e nós tinha internamente a Miss Maré, sabe? E daí nós tínhamos todo esse contexto, não era só a torcida. Então eu acho que a gente também tinha uma atração. Tanto é que a gente saía daquele estádio e a gente ia jogar lá, imagina na década de 80, a gente tava no Corinthians fazendo Campanha do Agasalho! Jogando lá, fulana e beltrana, sabe? E nós jogava entre os guris ali, nossa torcida contra outras. A gente ganhava, a gente perdia. Então, acho que era isso. Nós não éramos só a torcida, nós éramos uma atração também. E a imprensa sempre foi super solícita conosco. Tanto que se tu conversar com alguém, falar da Maré Vermelha, eles lembram disso com saudade. Eles falam “ah, mas a Maré Vermelha era boa”, então nós éramos, tu imagina... me lembro que a Guaíba, não era tanto a Gaúcha. Bah, nós chegava, onde tava a Guaíba, eles iam lá correndo, “chegou a Maré Vermelha”, sabe? Porque a gente viajava em todo o estado, Porto Alegre, tudo. Então acho que a imprensa tinha, tanto que tu acha pouca coisa no jornal, a versão impressa, porque era do momento, ali, e a imprensa era aquilo ali. Davam uma nota, mas se tu chegar na questão do rádio, porque nós ficamos conhecidas por causa do rádio.

Entrevistador: E o rádio todo mundo estava escutando no estádio, né?

Marquita: Sim, e era o que ouviam, o que a gente tinha de maior alcance na questão do futebol. Ainda mais quando era futebol de gaúchão, de interior. Porque não passava na tv, a não ser final, e acho que Grenal, depois que começou. Mas antigamente era o rádio que era o companheiro do futebol. Tanto até que dentro do estádio, as pessoas ainda levam. No dia-a-dia, era o rádio. Então, em qualquer espaço que a gente chegava, em cidades que não era Santa Maria também, sempre tinha um grande destaque por nós sermos a torcida gay.

Entrevistador: Marquita, acho que era isso, era mais ou menos isso que eu tinha pra te perguntar. Mas se tu quiser falar alguma coisa sobre o que a Maré representou pra ti, ou alguma lembrança que tu tenha de algum jogo, algum evento.

Marquita: Eu acho que quando o Inter teve no Brasileirão, aquela vez, que ganhamos aqui do Vasco, né. Eu acho que aquilo ali foi uma coisa muito linda, e eu queria que o Inter voltasse aquilo, sabe? Que a gente conseguisse resgatar esse futebol, esse amor pelo Inter, sabe? Eu sou Inter, indiferente da situação, se é Inter de Porto Alegre ou de Santa Maria. E eu tenho um amor pelo time. Eu digo “ai gente, que bom se conseguisse retomar esse futebol que era tão forte”, porque o Inter era forte! Hoje tu vê que não tem apoio a eles, o próprio empresário local. Eu não sei o que houve, sabe? Teve essa desmotivação com o time local. Tanto que a gente podia ter dois times fortes, e acabou só tendo um, e mesmo assim tá acabando, tá capenga, né? Tu vê, tu vai ali... claro, ele não consegue subir pra primeira divisão porque envolve questão financeira. É difícil tu manter um time, uma base de um time. Ainda mais na Segundona, e numa cidade, que é Santa Maria, que tem um potencial imenso! Imagina que cada um colaborasse, não precisava ser Inter, mas só pelo amor à cidade, amor ao time. A gente vê em outras cidades, as pessoas se mobilizaram e os times estão na primeira divisão, estão no Brasileirão. E aqui foi o contrário! O Inter aqui rema pra ter uma comida pra poder dar pros jogadores, ali. Sabe, um lanche, sei lá, o alojamento... e às vezes não tem comida pra eles. E sendo que o esporte também transforma a vida das pessoas, transforma a realidade. Quantos atletas, guris, estão lá tentando virar jogadores. O sonho de todo mundo, da pessoa que tá lá na periferia, é ser um Neymar, esses jogador. E a gente podia trabalhar isso, e aí a cidade não anda com isso, sabe? Isso me deixa... eu digo “gente, isso é uma coisa tão louca, porque o Inter é o único time que a gente tem hoje”, e aí nem o fulano ou beltrano não querem... sabe? Claro que a gente sabe que a gente tem que ter uma gestão boa, tem n coisas acontecendo. Mas isso é passado, mas vamos pensar que o Inter cresça, que pra cidade também, até o próprio executivo, a própria prefeitura, poderiam pensar em algo pra crescer. E na questão pra mim, Maré Vermelha, acho que me construiu, como a Marquita que eu sou hoje. Eu sempre digo isso. Tanto que me dizem, “ah, tu é da Maré Vermelha?”, eu adoro, “aí, eu fui da Maré”, porque as gays dessa época não tiveram, não tem esses espaços. Até elas poderiam construir, mas não sei se é outra... se elas estão pensando outras coisas. E eu acho que nós, LGBT, eu digo que

a gente tem que estar em todos os espaços, todos! “Ah, a gente tá no futebol”, tem que estar no futebol. É um espaço masculino, mas é um espaço de desconstrução, hoje. E eu digo que tenho orgulho de ter sido da Maré, fazer parte da Maré Vermelha, sabe? Tanto que as pessoas “ah, a Maré, eu adoro!”, e a gente conta as histórias dos times, que as pessoas namoravam, faziam horrores. E as pessoas ficam encantadas! Eu digo que “gente, vocês não viveram isso, foi muito bom!”, tanto que a ideia nossa é agora fazer esse jogo simbólico, muito mais uma homenagem à Maré, pras pessoas que estavam lá, e até o próprio Inter. Conversar com eles de novo. Fazer quinze minutos lá, imagina? A Maré lá comemorando, e de repente pode voltar, sabe? Eu acho que é isso, eu adoro a Maré! E eu sempre digo, construiu a Marquita. Eu acho que nem imaginava... fico imaginando hoje, nós lá naquele campo, gritando bêbadas, e hoje a gente tá aqui falando. E deu possibilidades pra muitas, pra muitas. Eu digo que a Maré Vermelha não é Santa Maria, a Maré Vermelha colaborou para o movimento LGBT nacional, por durar tanto tempo. E quando é no interior, é mais difícil. A nossa vivência no interior é diferente. É quem nem a própria Santa Maria mesmo, nós vemos Santa Maria, ah, múltipla. Mas na região norte é uma linguagem, é um comportamento diferente, a roupa é diferente, tu vai no Alto da Boa Vista, também. São territórios, e tu tem lá as pessoas, tu vê quando chega lá, a linguagem daquelas pessoas é diferente, o comportamento daquela comunidade é diferente. Tu vem aqui, onde eu moro, onde tu mora, nós nos comportamos diferente. Mas as pessoas acham que não, mas é tudo território. E em Santa Maria, ter a Maré aqui, é aquela coisa que a gente pegava as gays de toda a cidade, todas nós estávamos lá. Tu pega a Mãe Joyce, pega a Babi, todas nós falamos “gurias, eu quero a Maré Vermelha!” Ai tu fala do Faller, esse final de semana agora, tava eu, a Paulete, o Luiz, que fomos da Maré. E tava o Wendel, que é novo aqui na cidade, novo mas tem trinta e poucos anos, até o próprio Felipe, que é professor. E nós contando, e eles “quem era a Faller?”, a Faller era uma gay da Maré Vermelha que era apaixonada pelo jogador Faller, que usava uma bandaninha do Faller, camiseta do Faller, e nós apelidamos ela de Faller e ficou o nome dela. Até o Faller tirava foto com ela, pra ela o Faller era o máximo. E tinha os juniores, e eu digo assim, “ai, nossa Faller, tu lembra quando a gente chegava no Inter e ela ‘oi, tudo bom?”, e isso a gente comentando, lembrando, sabe? A Faller e outras. E os jogadores com nós, tanto que a gente viajava com eles, sabe? E não tinha essa coisa, “ah vamos se passar, vão pegar nós”, não tinha, pelos menos a gente nem tava

nessa vibe. Eu acho que hoje as coisas tem muito mais um pré conceito do que antes. Ai, nós fazia horrores... (risos)

Entrevistador: Acho que então a gente termina a entrevista, pra não falar os horrores (risos).

Marquita: Horrores eu digo que a gente aprontava muito, bebia! Era isso, não tinha nada mais do que isso! (risos)

ANEXO D – ENTREVISTA COM JOÃO MATHIAS PINHEIRO VIEIRA

Data: 19/08/2021

Entrevista realizada via plataforma Microsoft Teams, por videochamada.

Entrevistador: Boa noite! Tu poderia falar teu nome completo e idade?

João: O meu nome é João Mathias Pinheiro Vieira, tenho 55 anos, natural de Santa Maria mas atualmente tô morando em Criciúma, Santa Catarina.

Entrevistador: Legal. Então Mathias, eu fiquei sabendo que tu fez parte da Maré Vermelha. Tu lembra que anos tu fez parte, qual o período?

João: A Maré Vermelha, eu entrei, foi ali em 83, 84, né. Foi aí que eu entrei. E que foi um convite através do Marcelino e do Monovan.

Entrevistador: E tu conhecia eles de onde?

João: Não, eu não conhecia. Eu conheci, eu estudava no... eu morava em Camobi, eu precisava fazer uma pesquisa, aí eu fui no centro de Santa Maria. Aí estava eu e mais umas colegas aí eles perguntaram se eu gostava de futebol. Eu disse, “olha, não curto muito”, daí eles convidaram. “Nós temos uma torcida, se tu quiser parte.” Daí eles me explicaram a finalidade da torcida, e daí eu digo “não, tudo bem”, me deram o endereço de onde iriam fazer a concentração e no primeiro jogo que teve depois da conversa eu compareci na Borges de Medeiros, onde era a casa do Monovan, que a gente se encontrava ali pra ir pro estádio.

Entrevistador: E como eram essas reuniões, assim, vocês debatiam o que iam fazer, planejavam?

João: A gente sempre assim, ó, a gente se reunia antes dos jogos pra montar o material, pra ver o que, tipo assim, papel picado, as bandeiras, a faixa. Então a gente sempre tinha uma concentração, algumas pessoas saiam dali e as outras iam direto

pro estádio, que a gente marcava um horário pra todo mundo entrar junto. E a finalidade era fazer uma coisa organizada, né.

Entrevistador: Claro. Tu lembra quantas pessoas eram, mais ou menos, ou o número variava de acordo com o jogo?

João: Variava sim, porque o que eu fiquei sabendo é que a Maré Vermelha foi criada pelo Tavico, ele e o Marcelino. Eu entrei, o Tavico já tinha saído, era o Marcelino, e naquela época, pelo que eu me lembro era umas 20 pessoas, pra mais.

Entrevistador: E tu ficou até que ano, mais ou menos, tu lembra?

João: Olha, eu fiquei até o término da torcida. Eu não me lembro realmente a data. E a gente resolveu parar o... cancelar a participação com o Inter, né, com o Coloradinho.

Entrevistador: Sim. Eu acredito que tenha sido no início da década de 90, pelo que eu li.

João: É, mais ou menos por aí.

Entrevistador: E foi por qual motivo que a torcida acabou?

João: A gente terminou a... a gente resolveu terminar com a torcida por causa do Marcelino, que ele sofreu uma agressão na frente da diretoria, por um dos diretores, né. Por que houve algum protesto contra a..., todas as torcidas combinaram de botar as faixas de cabeça pra baixo num protesto que a gente tava fazendo, né. Assim, por que eles não estavam mais querendo que as diretorias, os participantes, participassem das reuniões, eles decidiam tudo. Então a gente não tinha voz ativa. Eles simplesmente, quando nós estava saindo do jogo, chegou se não me engano, acho que era o Jorge Melo, alguma coisa assim, ele chegou pro Marcelino, e simplesmente deu um tapa na cara, tentou agredir ele. A gente simplesmente tirou o Marcelino de lá e naquele momento a gente resolveu que a gente não ia mais comparecer aos jogos, né.

Entrevistador: Sim. Tu disse, ali no caso, eles que não deixavam participar, eram a diretoria do clube?

João: Eram alguns diretores ali que, eu acho que a torcida assim ó: no momento que tu se dedica a estar dentro do estádio em dia de chuva, sol, frio, calor, né, a gente ia em viagens. Então eu acho que eles poderiam considerar como, de não resolverem tudo. A gente não poderia protestar contra as derrotas que o Inter tava sofrendo, então a gente resolveu simplesmente botar as faixas de cabeça pra baixo em protesto pra eles nos ouvirem, né. E que a gente queria ter um diálogo também com eles, e eles não estavam querendo não dar mais uma sala pra torcida, eles queriam tirar as salas, então a gente fez tipo um protesto. Terminou o jogo, a gente tava se retirando do estádio, o Marcelino levou tapa na cara. Aí a gente fizemos uma reunião e resolvemos, decisão com todo mundo de não participar mais dos jogos do Inter e extinguir a torcida Maré Vermelha.

Entrevistador: Entendi. E vocês tinham uma sala, então?

João: A gente tinha, a gente tinha uma sala que tinham dado pra gente ali dentro do estádio, pra guardar alguns materiais, ou pra se preparar pra dia de jogos. A gente ia mais cedo, levava papel picado, alguns instrumentos da bateria, né. Que a Maré Vermelha tinha contratado, alguns materiais ali de uma escola de samba que sempre estava com nós. Então, eles simplesmente queriam tirar essa sala de nós né, e a gente não achou certo, né. Ai a gente ficou, entre todas as torcidas ali, a Maré Vermelha, a Camisa 10, eu não me lembro o nome das outras, parece que era a Garra Jovem, a gente resolveu colocar as faixas tudo de cabeça pra baixo. Era um protesto que a gente resolveu fazer.

Entrevistador: Entendi. Então vocês tinham um espaço, e esse espaço começou a ser tirado de vocês? Dentro do clube, no caso?

João: Isso. Tinha um espaço, uma sala.

Entrevistador: Entendi. Tu citou ali, quando tu falou sobre a sala, sobre a escola de samba. Qual era essa escola de samba? Vocês tinham uma parceria com essa escola, né?

João: Tinha alguns pessoal da bateria da Vila Brasil, né, que muitos participantes da Maré Vermelha, na época do carnaval, saiam na Ala Gay da Vila Brasil.

Entrevistador: E essa participação deles, eles emprestavam algum instrumento, eles iam com vocês, junto na torcida, no espaço de vocês?

João: Tinha sempre algum pessoal da bateria que que nos dias dos jogos eles iam lá no estádio pra tocar, né, fazer um agito com as torcidas. Então, eles tinham um espaço mais ou menos ali na nossa frente, nas arquibancadas, ou atrás, né. Mas era sempre ali uns 10, mais ou menos, que iam com os instrumentos.

Entrevistador: E esses dez que eram dos instrumentos também eram gays ou eram héteros?

João: Não, eram héteros.

Entrevistador: Entendi. Mas eles apoiavam vocês?

João: Apoiavam, a gente sempre teve um apoio assim dentro da escola de samba, né, então a gente sempre teve apoio, no que a gente precisasse ou no que eles precisassem a gente tava ali. Até a gente fez algumas participações com eles de arrecadação de roupas, de alimentos, né, então a gente sempre tinha essa parceria.

Entrevistador: Entendi, então era uma via de mão dupla.

João: Isso.

Entrevistador: E tinha alguma outra escola que ajudava, ou era só eles?

João: Mais era a Vila Brasil. E a gente tinha alguns participantes, naquela época tinha alguns do Itararé, outros eram um pessoal da... não me lembro a escola que era ali na Nonoai, Imperatriz, não me lembro direito o nome. Eles também sempre se ofereciam, quando a gente precisasse estavam a disposição.

Entrevistador: E tinha algum outro grupo que auxiliava vocês nos jogos, ou se resumia só as escolas de samba?

João: Tinha, alguns, em questão, quando a gente precisava de alguma ajuda, tinha algum pessoal. Eu lembro que naquela época o Marcelino fazia balé, então tinham alguns participantes na área dele, às vezes, se precisasse de alguma coisa, alguma venda de rifa, eles pegavam pra vender também, pra fazer as excursões. Então a gente sempre tinha parceria com algum tipo de pessoa. Porque o Marcelino e o Monovan conheciam muita gente assim, por causa da escola de samba, dentro das rádios mesmo, as entrevistas. Então a gente sempre teve apoio da comunidade.

Entrevistador: Entendi. E quando tu adentrou a Maré, e adentrou no estádio, como que foi a tua... tu não tava na fundação, mas como é que foi a recepção dos torcedores em geral, pra Maré, o que eles falavam, eles falavam alguma coisa?

João: Dentro do estádio a gente nunca sofreu agressão, sabe. A gente sempre era bem recebido, porque eles sabiam que a gente tava... porque uma coisa que a gente sempre teve em meta, como nós torcida, pela própria sociedade, pelo preconceito, porque dentro da Maré existia, como eu, algumas pessoas da raça negra, então tu sabe que é duplo, tanto pela homofobia, tanto pelo racismo. Mas dentro dessa concepção, a gente sempre botou em mente assim: se nós quisermos ser respeitados, nós temos que respeitar. Claro que lá de vez em quando, existia uma piadinha, mas a gente sempre dava um jeito de não responder. Mas assim, ó, vamos dizer que 90% tinha uma boa aceitação, né. Porque quando a gente chegava, era uma festa, eles aplaudiam. Então a gente se sentia acolhido pelos torcedores, né.

Entrevistador: E pelas outras organizadas, também tinha esse respeito?

João: Teve respeito, sempre teve respeito. Sempre teve ali uma cumplicidade dentro dos jogos, né. Tem viagens que a gente viajava junto nas excursões, as torcidas iam sempre juntas, né. Então nunca houve problema com alguma questão de preconceito, sabe. A gente fazia algumas jantinhas juntos, então isso sempre teve, a primeira coisa, o respeito. Porque se tu quiser ser respeitado, tu tem que respeitar, né. Então era sempre isso aí, a gente tava ali com a mesma finalidade, que era torcer pro Esporte Clube Internacional de Santa Maria.

Entrevistador: Sim, claro. E fora da Baixada, como que era a recepção pra vocês nos outros estádios? Vocês viajavam bastante né?

João: Sim, a gente viajava. Assim, por incrível que pareça, a Maré Vermelha sempre foi bem recebida. Existia alguma outra advertência com as outras torcidas, então com nós a gente nunca sofreu assim. Então a gente, o que fazia? A gente ficava junto com as outras torcidas porque no momento eles tavam respeitando nós e eles. Claro que, vamos dizer, dentro de um estádio, um exemplo, 4 mil pessoas, sempre tem aquelas vez de o time ganhar ou perder, existe alguma coisa. Só aconteceu um fato, que eu me lembre, foi em Rio Grande, quando nós fomos, que o Inter ganhou, e teve assim, quando terminou o jogo, alguns torcedores começaram a querer nos encurralar. Aí alguns pessoal que estavam lá, eles organizaram de fazer uma escolta nossa e pediram pro ônibus ficar em na entrada ali. Eles nos levaram até ali, e a polícia nos acompanhou até mais ou menos um bom pedaço, né. Então nunca houve assim agressão entre nós. Eu já vi alguns torcedores da Camisa 10 que tinham tomado tapa no rosto, se agredido, mas a gente, que eu me lembre assim, da nossa torcida nunca houve uma agressão.

Entrevistador: Sim, entendi.

João: Porque a gente só não torcia pro Inter, mas a gente torcia também pro futebol de salão, né. De vez em quando a gente ia pra outros lugares com o futebol de salão.

Entrevistador: Ah legal! Vocês iam como Maré Vermelha também?

João: Sim, Torcida Organizada Maré Vermelha. Que eu me lembre, naquela época a gente foi convidado pra torcer pro time do Sesi, né. Me lembro uma vez, contra o Salão Universitário, nós paramos o jogo por mais ou menos uns 30 ou 40 minutos. Foi que a gente levou papel picado e no meio a gente botou farinha, né? E quando nós jogamos, ficou uma fumaça. (risos) Sempre tava renovando. E dentro do futebol de salão a gente jogou também, a gente criou um time pra jogar, quando veio os atores da Globo, que era uma campanha, não lembro se era uma campanha do agasalho, mas a gente participou, a gente montou um time pra ajudar nessas arrecadações.

Entrevistador: Que legal, que massa! E tu lembra que ano foi esse torneio contra os atores da Globo?

João: Não lembro assim, datas, mas foi ali por final de 80, começo de 90, por ai.

Entrevistador: Legal. Eu já achei algumas fotos, depois eu vou te mostrar, de um torneio ali no Ginásio Corinthians, ai tem uma matéria especial que saiu no Jornal A Razão sobre a participação da Maré. Aí tem umas fotos do pessoal jogando, depois eu vou te mostrar, quando vê, tu está no meio ali, né?

João: Aham (risos).

Entrevistador: E falando sobre... a Maré durou muito tempo, né? Comparada a outras torcidas. E ela era uma torcida diferente em relação às outras. Porque tu acha que a Maré durou tanto tempo assim? Quais os fatores que levaram a Maré a durar tanto tempo nas arquibancadas?

João: Primeiro lugar, o respeito, né. O respeito, e assim, eu acho que quando a gente se..., tu faz uma coisa que tu gosta, uma coisa por amor, igual a gente amava o Inter de Santa Maria. O amor não é só nas horas boas, porque teve momentos ali dentro do Inter que as vezes a Maré comparecia, e poucos das outras torcidas. Era abaixo de sol, principalmente no inverno, então a gente sempre estava lá. E a Maré aos pouquinhos foi se, assim ó... porque ali foi uma visibilidade dentro de uma sociedade, que a gente precisava mostrar pra sociedade, tirar aquele rótulo de que ser gay é só colocar um salto alto, ou de escândalo. E que o gay não é totalmente afeminado como

todo mundo imaginava. Então ali era uma visibilidade pra nós ser aceito e começar a construir, pras gerações que estavam vindo depois, né. Então, eu como participante da Maré Vermelha, né, eu me aceitei muito ali pela maneira como as pessoas me aceitavam e me respeitavam. Então aquilo ali foi uma coisa assim, que era nossa segunda casa.

Entrevistador: Entendi. Então além de ser uma torcida organizada, ela era um local de sociabilidade também, né.

João: Era família, era uma comunidade, né.

Entrevistador: Entendi. E além da Maré, existia algum outro espaço, algum outro local que os homossexuais se reuniam aqui em Santa Maria?

João: Não, da minha época tinha algum barzinho, que de vez em quando a gente ia lá. Ah, aniversário de alguém, vamos no barzinho, né. Mas que eu me lembre assim, não tinha boate, então a gente sempre ia na casa de algum. A gente se reunia mais ali na casa do Monovan, na Borges, então a gente sempre fazia alguma coisa ali. E às vezes a Maré era convidada pras reuniões com alguns participantes, como depois a gente ficou muito amigo do Pancho, do Salão Universitário, né. Então tinha algumas festas na casa dele, convidavam, então a gente ia, alguns participantes. Mas então era assim, às vezes era algum barzinho que a gente ia, ou aniversário de alguém, ou se reunia fim de semana, mas não tinha aquele local específico só nosso, né.

Entrevistador: Entendi. Como é o nome do rapaz do futsal que tu falou?

João: O Pancho?

Entrevistador: Isso.

João: Era do Salão Pancho, o Universitário.

Entrevistador: No caso era o clube, o local do futebol de salão então?

João: Não, não era clube. Como ele se dava bem com a gente, ele convidava, aniversário da filha dele, ou da esposa. Então ele convidava, tipo eu, Marcelino, Mano, a Mila, alguns participantes, e a gente sempre ia.

Entrevistador: Entendi. E tinha a presença de mulheres na torcida?

João: Tinha! Tinha a Vó, que era mãe do Monovan, a nossa madrinha, né. Tinha a Mila, mais algumas amigas nossas. Algumas gurias da escola de samba. Às vezes, os caras traziam a namorada e as esposas. Eles sempre ficavam com nós ali, porque elas se sentiam seguras junto de nós, né.

Entrevistador: E por parte dos órgãos policiais que cercavam o estádio, existia algum tipo de repressão? Até dos militares, que era na época da Ditadura Militar, né? Existiu algum episódio de repressão?

João: Não, que eu me lembre, dentro do estádio nunca teve nenhuma agressão com o pessoal da Brigada. Muito pelo contrário, a gente passava, eles cumprimentavam, ou qualquer coisa que precisar pode nos procurar. Então não houve... nunca houve alguma retaliação ou agressão com nós.

Entrevistador: E tu citou ali sobre o papel picado, a farinha. Quais eram as outras coisas que a Maré utilizava na festa que ela fazia na arquibancada? Algum cântico, roupas, existia isso?

João: A gente sempre tinha algumas músicas que a gente cantava ali, né. A gente levava, às vezes, balão. Então a gente sempre tava inventando alguma coisa assim pra chamar atenção, as vezes a gente levava corneta, então era uma coisa que a gente sempre tava agitando.

Entrevistador: E tu lembra de alguma música? Eu vi que tu comentou numa postagem, eu queria que tu falasse.

João: *“A Maré tá aí, a Maré chegou, pra alegrar a senhora e também o senhor.”* E também tem aquelas, pro bandeirinha, pro juiz, que tem algumas palavras impróprias,

né. Então a gente sempre usava assim. Pegava umas daquelas, “*Domingo, eu vou lá pra Presidente, vou torcer pro time que eu sou fã*”, então a gente pegava uma daquelas músicas, que nem a torcida do Inter de Porto Alegre, e a gente só mudava umas palavras e cantava.

Entrevistador: Mas própria mesmo da Maré, tu se lembra essa primeira que tu citou?

João: Essa ai, a do domingo, eu vou lá pra Presidente torcer pro time que eu sou fã, não vai ser de brincadeira, algumas coisas assim. Por que o tempo passa e a gente esquece! (risos)

Entrevistador: Claro. Mas já lembrando de algumas coisas tá ótimo. E uniformes, existia também?

João: Tinha, a gente sempre tinha a camiseta, né. A gente sempre fazia alguma vaquinha, o Marcelino sempre conseguia algum patrocinador. Então a gente tinha as camisetas, a gente tinha o moletom, né, algum moletom. Então a gente fazia a camiseta, e pro inverno moletom, né.

Entrevistador: Sim. E com o tempo assim, o número de integrantes variava dependendo do tempo?

João: Quando mais compareciam era domingo, né. Por que dia de semana tinha alguns participantes que trabalhavam como domésticos, tinha gente que estudava, então durante a semana era... eu, muitas vezes durante a semana, matei aula pra ir pro estádio, então. Mas no domingo sim, como era fim de semana, aparecia quase todo o pessoal. Ou quando era uma excursão, quando caía no domingo ou no sábado, que a gente ia numa quantidade grande. Mas durante a semana, quando os jogos eram quarta-feira, muita gente tinha compromisso com estudo, alguns trabalhavam, então era reduzido o número dos participantes.

Entrevistador: Sim. Também a gente sabe que nessa época foi bem a época que surgiu a epidemia da AIDS, né. Ela impactou de alguma forma os integrantes da Maré.

João: Ali no começo, tu ouvia assim, “ah a peste gay”, né, tu ouvia. Infelizmente, vamos dizer que existia aquilo ali, e ali tu viu que algumas pessoas já meio que ficavam assim. A princípio, a gente sempre conversava antes de entrar, né. Então aquilo não afetava tanto assim. Que uma coisa, que a gente não ia lá pra sair com ninguém. A gente chegava, terminava os jogos e ia pra casa. Não tinha aquela coisa, que iam fazer programa, não. Ali dentro a gente sempre tinha aquela finalidade de... depois, do portão pra fora, depois que a gente sair, aí sim. Mas enquanto a gente tava ali dentro, existia aquela coisa de respeito, né. E nessa época surgiu muito a peste gay. Claro que lá, às vezes tu ouvia uma piadinha, mas não chegou a afetar psicologicamente a gente, de querer parar de ir nos jogos, né.

Entrevistador: Sim. Mas alguns integrantes faleceram durante esse tempo?

João: Durante a Maré Vermelha eu não me lembro de ninguém, ali do pessoal dos nossos, que frequentavam, eu não me lembro. Agora, depois com o tempo que a Maré terminou, sim. Aí depois, um tempo depois que teve algumas pessoas que se contaminaram, porque existiam alguns usuários de droga, né. Então, ali dentro do estádio, a gente sempre dizia, respeito a tua, mas ali a gente evitava de... naquela época, se conhecia mais a maconha e aquele chá não sei do que. Então ali ninguém consumia. Agora, depois, pra fora, tu sabia, né. Mas nunca chegou ali e ofereceu. A gente no inverno levava vinho, caipirinha, isso sim. Agora, em consumo de droga ali dentro, na hora da Maré Vermelha em viagem, nunca foi consumido. Por que essa era uma regra que o Marcelino e o Monovan, que ali eles sabiam que tinha pessoas usuárias, no momento que estiver com o uniforme da Maré Vermelha e estiver dentro do estádio, se quiser usar, vai embora e usa lá fora. Dentro do estádio, no momento, não. Agora depois, realmente, com o tempo, depois que a Maré terminou, passou o tempo e teve alguns participantes que faleceram por causa da HIV.

Entrevistador: Sim. Eu não sei se tu chegou a pegar essa época, eu já ouvi relatos de que a Maré se encontrou com a Coligay, quando o Grêmio veio jogar aqui.

João: Não, dessa época eu não me lembro, não peguei.

Entrevistador: Eu acho que tu entrou bem no ano que a Coligay acabou.

João: É, porque quando eu entrei na Maré Vermelha, depois que eu fiquei sabendo da Coligay, né. Daí nesse momento que o Marcelino e o Mano me comentavam, né, que nós éramos a única torcida gay, e já tinha terminado.

Entrevistador: Sim. E os dois, que eram as lideranças, e eu acredito que foram os fundadores, né. Eles chegaram a te contar como eles fundaram a torcida, de que jeito, como ocorreu?

João: A princípio assim, foi o Tavico, que eu fiquei sabendo, né, foi o Tavico, que realmente, na Vila Brasil, que eles resolveram... e um grupo de pessoas, parece que foi isso, lá. E daí, convidou o Marcelino e depois, quando o Tavico saiu da Maré, o Marcelino assumiu a liderança. E daí que começou a vim mais gente, né. Mas eu não cheguei a pegar o tempo que... eu conheci o Tavico fora dali como carnavalesco, como escola de samba. Fora dali, dentro da Maré Vermelha, ele não era mais o diretor.

Entrevistador: Então, deixa eu ver se tem mais alguma pergunta... então, pra não tomar tanto teu tempo, Mathias, se tu quiser deixar um relato, alguma coisa mais que tu se lembre, alguma história envolvendo a Maré, ou até alguma mensagem que tu queira falar.

João: O que eu digo assim, a Maré é uma coisa que ela terminou dentro do estádio. Mas dentro de mim, de muitos participantes, a Maré continua viva, né. Porque a Maré foi ali onde eu... me acolheu em um momento que eu precisava, né. O preconceito, principalmente dentro da minha família, que a minha família começou a me aceitar depois que eu entrei na Maré Vermelha, né. Então, aquilo ali foi uma, vamos dizer assim, ó, muitos ali dentro da Maré Vermelha, por isso eu digo, a Maré Vermelha não era só uma torcida, a Maré Vermelha era uma família. Por que ali a gente tava com o mesmo objetivo, pra mostrar pra sociedade, e construir pra essa geração nova de gays que viriam, pra mostrar que a gente é capaz. É capaz, independente da tua sexualidade, independente da tua cor, se tu é hétero ou o que seja. Porque somos todos iguais, independente da tua orientação. Porque as pessoas, "ah, isso é uma escolha", ninguém escolhe! Ninguém escolhe ser. Eu não escolhi ser negro, pra mim é uma... por isso que eu digo, eu tenho orgulho de ser colorado, negro, gay e gaúcho,

então é uma coisa assim. Então, acho que aquilo ali foi um tapa na sociedade pra aceitar. Que infelizmente, hoje o Brasil é o país que mais mata homossexuais, né. O país, apesar de tudo, ainda é um país machista, é um país racista, né. E, pra mim, eu tenho orgulho de fazer parte de uma torcida e defender com meu sangue vermelho as cores do Internacional. Então agradeço esse imenso trabalho que tu tá fazendo, né. Desejo sucesso. E dizer que, por anos, terminou a Maré Vermelha, mas ela nunca vai sair da lembrança. Por que a Maré Vermelha, eu perguntei o porquê pro Marcelino da Maré Vermelha, “porque Mathias, na Maré Vermelha teve uma onda, que ela matou muitos peixes. Então, ela era uma Maré Vermelha. Então o objetivo da Maré Vermelha é matar o preconceito dentro da sociedade, que ainda existe. Então por isso que a torcida Maré Vermelha, né.

Entrevistador: Sim, muito bom Mathias, muito bom de escutar esse teu relato. Então, acho que a gente pode finalizar, pra não tomar tanto teu tempo. Agradeço muito esse teu relato, tá?

João: Eu que agradeço, e desejo sucesso nesse teu trabalho, né. Não esquece de me mandar as fotos, e o resultado do trabalho. De preferência, me manda depois pra mim ver também, tá? (risos)

Entrevistador: Claro, com certeza vai ser um dos primeiros a saber!

ANEXO E – ENTREVISTA COM NELSON LEAL DE SOUZA

Data: 22/01/2021

Entrevista feita via Plataforma Microsoft Teams, por videochamada.

Entrevistador: Bom, então vamos começar, gostaria que tu falasse teu nome, e a tua idade.

Nelson: Tá, Nelson Leal de Souza, 56 anos.

Entrevistador: Ok. Então, Nelson, pra começar então a nossa entrevista, eu gostaria que tu falasse como é que iniciou a tua relação com o Inter de Santa Maria, e desde quando tu frequenta o Estádio Presidente Vargas.

Nelson: Ok. A minha relação começou em 1978, quando meu pai me levou na Baixada, eu tinha..., eu não tinha completado 14 anos, tinha 13 anos em agosto, eu completava 14 anos em setembro, num jogo Inter e Inter, eu sou de Porto Alegre, né, torcia pro Inter de Porto Alegre, sabia que existia esse Inter de Santa Maria mas na época era muito diferente, a gente não..., não é como agora que tu tem acesso a internet, a..., se fala muito em futebol, a gente não tinha aquele..., eu nem escutava rádio, na minha época de 13 anos, não escutava rádio. Sabia que tinha um Inter aqui mas eu até confundia, achava que era o mesmo, aí meu pai me levou nesse jogo. Eu vi, esse jogo foi 2x1, né, o Inter de Porto Alegre ganhou, mas ganhou sendo auxiliado pela arbitragem, eu vi os torcedores do Inter de Santa Maria reclamando muito, né, de falta, era falta que não dava, faltas contra nós era todas, a favor eram poucas... então eu vi o pessoal reclamando, e vi que o Internacional de Santa Maria jogou muito bem, e eu digo: “esse time aqui tá jogando muito bem, “parelho” com o de Porto Alegre”, eu achava que era assim ó, tinha aquela ideia de que o Inter de Porto Alegre e o Grêmio eram “bah”, aquele “oohh”, e não, não foi, o jogo foi muito “parelho”. Aí eu pedi pro meu pai, “oh, quero começar a vir aqui”. Meu pai não tinha o costume de ir, nunca foi nem em Beira Rio, aí o pai me levou outra vez lá na Baixada, aí eu comecei a ir. Aí depois, quando eu fiz 14 anos, eles começaram a permitir que eu fosse sozinho, com algum amigo, porque antes meu pai me levava, aí comecei a ir, 78 e 79. Em 78 até

meados de 79 eu torcia pros dois, pro Inter de Santa Maria e pro Inter de Porto Alegre. Ai em 79 teve um outro jogo aqui, e o Inter foi prejudicado pela arbitragem, time jogando bem, e aquilo me revoltou, sabe? Bom, o Inter, campeão gaúcho, todo mundo falava do Inter de Porto Alegre, e veio aqui né.. E eu comecei a perder aquele amor pelo Inter de Porto Alegre. E em 80 eu já não torcia mais, em 80 eu virei Inter de Santa Maria. Ai em 80 o Inter de Santa Maria fez um bom Gauchão, e fomos disputar a Taça de Prata em 81, né. Ai sim, eu esqueci o Inter de Porto Alegre, eu nunca mais torci. Passei a torcer apenas pro Inter de Santa Maria. Desde 1979, 80 pode-se dizer eu passei a torcer só pro Inter de Santa Maria. Tinha torcedores que torciam apenas para o Inter de Santa Maria, muitos, muitos, muitos, né. Depois foi mudando a internet, depois em 90 o clube começou a cair muito, ficou naquele cai-sobe, cai-sobe, e a gente perdeu um pouco de... , hoje somos poucos, eu acho. Se tiver 50 são muitos, que torcem apenas para o Inter de Santa Maria. Mas isso não é uma coisa assim, que nos prejudique tanto, digamos assim. Porque nós temos muitos torcedores que torcem para o Inter de Porto Alegre e pro Grêmio, e tem vários, e enfrentando o Inter-POA ou o Grêmio, eles esquecem, eles torcem pro time da cidade, pro Inter de Santa Maria. Tem aquela divisão, mas então assim, eu acho inclusive, que sou torcedor do Inter de Santa Maria, eu acho que fiz pouco pelo Inter de Santa Maria, tem muitos torcedores que trabalham no clube, que foram dirigentes, que... Eu fui conselheiro por alguns anos só, ajudei na copa um ano, mas tem outros torcedores que torcem pro Inter e pro Grêmio e torcem pro Inter de Santa Maria que já fizeram muito mais. “Mas ah, tu é um torcedor símbolo”, não, sou não! Eu tinha que ajudar mais, e isso é uma coisa que eu falhei.

Entrevistador: Sim. Então é uma trajetória longa, acho que quase quarenta anos, né, mais de quarenta anos torcendo pro Inter de Santa Maria?

Nelson: Isso, exclusivamente é desde 80.

Entrevistador: Eu fiz algumas pesquisas nos jornais, sobre a Maré, pra ver a fundação, e ela..., pelos jornais, e pelo o que os outros membros da Maré falam, ela surgiu na mesma época que tu começou a torcer, ali no final dos anos 70, precisamente em 79. Então eu gostaria de saber...

Nelson: Isso, que eu me lembre foi em 79.

Entrevistador: 79? Eu ia te perguntar justamente isso, quando é que foi a primeira vez que tu percebeu a presença da Maré na Baixada.

Nelson: Eu acredito que tenha sido em 79, eu tinha meus 15 anos..., acredito que tenha sido em 79. 78 tinha a..., 79 até 80 tinha a Fiá-Fiá, que era a única que tinha. Aí depois surgiu a Maré, depois surgiram as outras também. Mas a Maré me parece que foi em 79.

Entrevistador: Então, se confirma cada vez mais essa teoria de 79. E qual foi a tua reação, Nelson, quando tu viu uma torcida organizada formada só por gays dentro de um estádio de futebol? Porque era uma época, ainda hoje é uma época formada pelo preconceito, da não aceitação das pessoas homossexuais dentro de um estádio de futebol, e naquela época eles estavam lá. E como foi a tua reação e a reação que estavam ao redor de ti, o que tu pode perceber, se tu lembrar disso?

Nelson: A minha reação foi de surpresa, né. Foi surpresa, porque na época, bem como tu diz, o preconceito, a gente era preconceituoso. Todos eram preconceituosos na época. Não se tinha uma..., hoje..., 20 anos pra cá começou a se aceitar mais. Mas eu me lembro que eu fiquei tranquilo, até porque depois eu vendo, eu tinha um primo, que já faleceu. Um primo, né, que eu pouco convivi com ele, meu tio se separou da minha tia, que era meu tio mesmo, e a gente perdeu o contato, naquela época não se tinha..., nem telefone se tinha, então eu vi ele poucas vezes, e depois que se separaram, uns 4 anos, eu vi ele na Baixada, e ele estava na Maré! Ele era gay, a gente sabia, e no início eu ficava olhando, vou te ser bem sincero, fiquei meio "sestroso", meio me escondendo, e assim, essa foi minha reação. E o pessoal, principalmente o pessoal mais antigo, xingava muito eles, quando eles entravam. Aqueles palavrões homofóbicos, né. No primeiro ano, eles tinha muita reação assim, de o pessoal até xingar. Eles ficavam lá no cantinho deles. Aos poucos, aos poucos, isso foi caindo. E eu presenciei isso, ninguém me contou, eu presenciei uma vez. Eles estavam chegando, e dois homens, rapazes, desceram pra xingar, e dois deles subiram pra enfrentar esses dois, fisicamente. E o que aconteceu, os dois apanharam, tomaram uns tapas dos gays. Ai o pessoal ficou naquela gozação, ai foi indo, eles

foram conquistando meio que na força, meio que na força. O tempo foi passando, o pessoal foi aceitando e depois era uma festa. A Maré entrava, era uma festa. O pessoal começou a aceitar, e quando a gente subiu... , desculpa, em 81, eu lembro que a gente foi Campeão do Interior, que teve uma festa ali atrás do gol, ali onde agora tem o alojamento, era um campo de treino, foi ali a festa. Tinha carro de som, e chopp a vontade, e ali o pessoal festejou, festejou com eles, e acho que ali foi um divisor de águas, porque acho que daí o pessoal, inclusive depois, começou a viajar com eles, eles viajavam muito com o clube. Eles arrecadavam dinheiro, faziam pedágio, eles arrumavam dinheiro e viajavam. Eles começaram a viajar com a Garra Jovem, outra torcida, e o pessoal da Garra começou a conversar, e aí começou a terminar, pelo meu ver, assim, aquela reação contrária. E o pessoal começou a viajar com eles, viajava com eles.

Entrevistador: Legal, então foi um espaço conquistado meio a força, mas depois eles foram bem aceitos, a gente pode dizer assim.

Nelson: Isso, acho que depois no outro ano, que eu encontrei com esse meu primo lá, nós conversamos. Meus amigos começaram “bah, não sei o que”. Cara, é meu primo, é meu primo. Então as vezes eu passava lá por ele, ele descia um pouco da arquibancada, eles ficavam em cima, eu subia e a gente ficava conversando, e aí os meus amigos começaram a ver, e eu acho que eu ajudei um pouco com isso daí, e foi acabando aquele preconceito. E depois acabou, depois era uma festa.

Entrevistador: Coisa boa, que acabou e a torcida aceitou bem a Maré então.

Nelson: Sim, em 1988, nós tivemos um jogo decisivo lá em Bento, contra o Esportivo. E teve excursão, era um jogo que a gente tinha que ganhar pra passar pra fase final do Gauchão. O último jogo era lá, e eu fui me inscrever pra excursão, foram três ônibus, pelo que me parece, os outros dois estavam lotados, com a Garra, a Raça, os outros que não eram de torcida organizada, e tinha vaga só no ônibus da Maré. Eram 50 vagas e tinha 10 vagas só, e eu queria ir no jogo e eu fui. Lá nós estávamos em uns 15, que não eram da torcida, e fomos bem tranquilos, conversamos com eles, tomando caipira, naquela época era caipira, não se tomava cerveja, era caro (risos). Pouco dinheiro se tinha, né. A gente que era pobre, remediado era pobre, não era

como hoje. Hoje qualquer um toma cerveja, naquela época não. Então fomos bebendo com eles, ganhamos o jogo lá, 1x0, nos classificamos, fizemos festa, inclusive um fato interessante, foi que um dos dirigentes do Esportivo abriu o portão de acesso pro campo pra nós, torcedores, entrarmos pra dentro do gramado e comemorar a vitória e a classificação. Então, quer dizer, nós tiramos eles, que eles também precisavam ganhar pra se classificar, veja a diferença! E a gente comemorou dentro do campo com os torcedores e os jogadores, e até alguns torcedores do Esportivo nos aplaudiram, uns ficaram quietos, e outros nos aplaudiram. No final nos encontramos ali fora e ficamos conversando com os caras, com os torcedores do Esportivo na boa, tranquilo, bem tranquilo, é outra coisa. Não sei se é ainda assim lá em Bento, mas a gente foi muito bem tratado. No caso lá é uma cidade de origem branca, vamos dizer assim, e nós tinha preto, tinha pardo, eu sou pardo, e olha, tranquilamente o pessoal veio conversar com nós, umas meninas, perguntavam dos jogadores perguntavam se a gente tinha sido campeão, teve a vitória do contra o Vasco aqui, 3x0, reconhecendo alguns jogadores, era outro tempo que a gente tem só saudades.

Entrevistador: Sim, bem diferente de hoje. Então já entrando nesse assunto de viagens, outras torcidas, como a Maré se relacionava com as próprias torcidas organizadas do Inter-SM, na época tínhamos a Fiá-Fiá e tinha a Garra Jovem, né?

Nelson: E depois a Raça, Super Raça... não, era Camisa 10. Tranquilo, era tranquilo, juntos naquele canto ali, tu olhando de frente das cabines, à direita da arquibancada, eles ficavam tudo ali, jogando papel picado, ficavam as três torcidas juntas, lá na Baixada. Era outra coisa. Pena que vocês, mais jovens, não viveram isso.

Entrevistador: É uma pena. Mas é bom que a gente pode rememorar isso, e bom que a gente tenha torcedores que lembram dessas histórias. Mas, e com torcidas organizadas de outras cidades, tu falou agora do Esportivo de Bento, que se deram bem lá. Mas tinha alguma cidade que eles não se davam bem, que que tinha briga ou algo assim?

Nelson: Eu sei, eu não estava, que em São Borja, eles brigaram em São Borja em 81 ou 82. Que a Brigada não deu segurança, e o pessoal do São Borja..., eles ganharam o jogo lá, foi pra cima. Tinha uns dois ônibus lá, o pessoal da Garra, e eles achavam

que os caras eram gays e não iam brigar. Os caras bateram nos caras de São Borja, botaram a correr. Isso eu sei que teve um problema assim. Outros locais eu não posso te afirmar, porque ali na década de 80, não se tinha isso que a gente tem hoje de vídeo, de testemunhos, eu não posso te dizer que algum outro lugar teve rusgas, porque eu não sei. Eles viajavam muito com o clube, pra Bagé, Pelotas, eles viajavam muito! Acompanhavam o clube mesmo!

Entrevistador: Acompanhavam o clube mesmo. Então dentro do clube eles tinham uma participação ativa. E fora do clube, tu conseguia ver alguma ação deles? Alguma coisa que eles faziam além das arquibancadas?

Nelson: Eu não lembro. Eu sei depois, na década de..., eles participavam, com a Vila Brasil, eles tinham uma Ala Gay, pessoal que tinha as baterias pra tocar, faziam a charanga, chamavam de charanga, e depois, no final da década de 80, eles tinham alguma coisa de ajuda da comunidade pobre. Eu não quero te mentir, eles tinham alguma coisa assim, junto com a Vila Brasil de dar um suporte pra comunidade mais pobre. Me parece, não posso te garantir isso.

Entrevistador: E em relação a dirigentes, eles tinham uma relação mais próxima com dirigentes, de entrar no estádio, ou alguma regalia, ou algo do tipo?

Nelson: Eu acho que a única regalia que tinham era de entrar de graça no jogo, porque os outros também entravam de graça. Quem era da torcida, da Garra, eles entravam de graça no jogo. Mas eles eram meio independentes, até quando tinham alguma crítica, criticavam. Sei que antes de acabar, tiveram uma rusga forte com um ou dois dirigentes. Tiveram um probleminha, que inclusive foi quando acabou a Maré Vermelha.

Entrevistador: Tu lembra que ano foi?

Nelson: Eu acho que foi em 89, 90, por aí. Acho que em 90 eles acompanharam, em 91 foi quando acabou.

Entrevistador: Entendi. E tu percebia se tinha somente homens na torcida, ou tinha mulheres também?

Nelson: Olha, eu cheguei a ver algumas mulheres junto, mas não sei te dizer se não eram amigas que chegavam ali com eles, tinham muita gente que era amigos, até homens héteros que chegavam ali com eles também.

Entrevistador: E além do..., era teu primo, que tu disse que conhecia?

Nelson: Sim.

Entrevistador: Além dele, tu conhecia algum outro membro fora das arquibancadas?

Nelson: Sim. Um dos dirigentes, o Marcelino Cabral, eu conheci na universidade. Eu entrei na universidade como servidor em 83, e em 86 eu fui fazer um curso no CPD, pra mim operar uma disqueteira, não era computador, era uma disqueteira, ia os disquetes, uns troços desse tamanho, olha (risos). Tu não tem nem ideia de como era antigamente a coisa. Ai eu fui fazer um curso lá, e eu vi ele. "Oh, tu tá aqui!". E a gente conversou, eu não sabia que ele era servidor, ai a gente ficou amigo. Ai eu comecei a ir na Vila Brasil, comecei a tocar bateria, via ela na Vila Brasil, conversava com ele na Universidade e na Baixada também. Ele era um cara muito atuante mesmo, vamos dizer que ele praticamente segurava, mais pro final, ele segurava a Maré.

Entrevistador: Ele era um dos fundadores, certo?

Nelson: Isso. Gente muito boa!

Entrevistador: E tu lembra de mais algum outro fundador?

Nelson: Manovan, que foi roupeiro do Inter, também era um dos fundadores. Que eu me lembre, a Marquita não sei se foi fundadora, mas a Marquita participava também, que ainda é viva e é atuante no movimento LGBT.

Entrevistador: A Marquita acho que entrou um pouco depois. Tu tem mais alguma lembrança da Maré, mais algum fato, alguma coisa que eles fizeram lá na Baixada, algum jogo que participaram algum evento? Pra gente fechar a nossa entrevista.

Nelson: Eu lembro sempre da participação muito grande nos jogos, muito papel picado, muita bandeira, eles passavam ali na frente, tinha uma que ia vestida de baiana, umas fantasias, e animavam o pessoal. E o pessoal, isso depois de 83, 84, respeitava mais. Então o pessoal brincava junto. E em 91, que a gente subiu, eles eram ainda eram atuantes, eles faziam muita festa no estádio, e eu acho que em 91 eles praticamente terminaram com a torcida. Depois eles voltaram, mas muito fracos. Dá pra dizer que não era uma torcida como aquela da década de 80. Acho que foi em 93 que nós jogamos contra o Pelotas, na verdade empatou, nós passamos pra última fase. Eu me lembro que teve uma festa muito grande, Inter x São Paulo, a gente ganhou o jogo... Inter x Pelotas! A gente empatou o jogo, teve uma festa muito grande, a gente invadiu o gramado, eu sei que tinha alguns deles fazendo festa. Eles estavam com a faixa, mas estavam independentes. Eles não ganhavam mais convites nem ingresso, eles pagavam, então, já tinha diminuído depois da briga, mas acho que foi em 92 a participação deles, depois terminou.

Entrevistador: Mas depois, mesmo sem a Maré Vermelha, mesmo sem o núcleo organizado alguns frequentavam ainda a Baixada?

Nelson: Sim, Marcelino, eu via o Marcelino. Eu via o, chamavam de Bebeco, não sei o nome dele. Depois ele tava na outra torcida, Bebedores da Baixada. Esses dois a gente via direto. Outros eu não sei o nome, né, mas eles continuaram, uns cinco ou seis, que permaneciam lá. Iam com a camiseta da Maré, mas sem ser uma torcida oficial. Ai eles pagavam ingresso e iam com as camisetas, né.

Entrevistador: Então, o que eu tinha pra te perguntar era isto. Não sei se tu quer acrescentar mais alguma coisa, falar alguma coisa sobre a Maré, fique a vontade.

Nelson: Eu acho que assim, da importância que eles tiveram pro Inter, pro clube, que eles ajudavam muito, davam muito apoio, e eu acho que pro movimento LGBT, porque

foi tipo uma quebra de amarras, assim, porque até depois o pessoal comentava que sentia falta da Maré. E eles, o movimento LGBT deve muito a Maré.

Entrevistador: Só mais uma coisa que eu esqueci de te perguntar. Na mesma época da Maré, o Grêmio tinha a Coligay, não sei se tu lembra?

Nelson: Sim.

Entrevistador: Tu lembra se alguma vez eles se encontraram na Baixada ou lá em Porto Alegre?

Nelson: Eu me lembro que foi no... , acho que no segundo ano que eles tiveram um encontro ali na Baixada mesmo. Foi uma coisa que a imprensa ajudou, não tinha rede social, né. Eles inclusive se encontraram, não lembro por qual rádio de Santa Maria que transmitiu, a gente ouviu, eles conversando e parabenizando os outros. Um brincou até: “ah, vocês fizeram só pra nos copiar, não sei o que”, mas uma coisa bem light, assim. Fizeram uma festa junto ali.

Entrevistador: Legal, muito legal. Agora é correr atrás desse relato, então, das duas torcidas.

Nelson: Pois é, depois a Coligay também terminou, né.

Entrevistador: Sim, infelizmente. Durou menos, inclusive.

Nelson: Durou menos, não sei se o preconceito foi maior lá...

Entrevistador: É, talvez. Talvez tenha sido isso.

Nelson: Pelo que me lembro, que comentavam, foi muito difícil pra eles lá.

Entrevistador: Então, acho que seria isso, Nelson. Agradeço muito a entrevista...

Nelson: Capaz, não precisa agradecer. Eu que te agradeço!

Entrevistador: Capaz, é muito bom ter o relato de um torcedor assim, que está a tanto tempo com o Inter, e ainda acompanha, né, sempre acompanhando.

Nelson: Estamos pra rir e estamos pra chorar!

Entrevistador: Claro! Só vou finalizar a gravação, mas não vou desligar, tá?

ANEXO F – REPORTAGEM JORNALÍSTICA SOBRE OS CINCO ANOS DA MARÉ VERMELHA (JORNAL A RAZÃO, 4-5 SET. 1982)

Maré Vermelha há cinco anos com o Inter

A torcida Maré Vermelha, uma das mais antigas de Santa Maria e ligada ao Internacional, completou cinco anos de existência nesta semana. Fundada em 30 de agosto de 1979, a Maré Vermelha tem como objetivo maior, proporcionar união e lazer entre os GAYS de Santa Maria.

A Maré Vermelha, segundo seus fundadores (Tavico Amaral, Carlos Marcelino e Nilton Pinto) nunca chegou a ser uma torcida organizada. Mesmo assim sua presença nos jogos do Internacional sempre está garantida, pois a Maré considera-se muito ligada ao clube colorado. Os componentes da Maré, atualmente em número de 30, procuram fazer do futebol não apenas um espetáculo esportivo e, sim, um local de diversão entre as diversas classes.

Segundo Tavico Amaral, o principal objetivo da Maré Vermelha, neste ano de 82, é organizar-se como torcida organizada para participar ainda mais nos jogos do Inter tanto em Santa Maria como fora, pois entendem o quanto é importante uma torcida organizada para o clube.

Sem fugir de suas idéias prioritárias, a Maré quer ser ampla dando abertura a todos porém, de forma organizada. Pensando nesta organização, a Maré pretende para a fase fi-



nal do Campeonato Gaúcho, o uso de uniformes padronizados para os componentes da torcida. Sem preocupar-se com concorrência em termos de outras torcidas organizadas do Inter, a Maré Vermelha quer unificação de seu grupo.

As Escolas de Samba também participam da alegria da Maré, prova disto é que os Embaixadores do ritmo e especialmente a Vila Brasil sempre deram seu apoio e incentivo aos fundadores da Maré desde seu início.

Tavico Amaral salientou que em Santa Maria todos procuraram incentivar sua torcida mas o mesmo não ocorreu em outras cidades do Rio Grande do Sul.

Lembra que a Maré Vermelha teve problemas de relacionamento, pois sua maneira «gentil» causou problemas aos «Machistas» principalmente em São Borja e Passo Fundo. Em outras cidades, porém, a

Maré foi bem aceita, exemplos de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Caxias do Sul. Lembra também Tavico que recebeu integral apoio dos dirigentes colorados, e sem magoar ninguém quer destacar os principais: Jaime Homerich, José Alberto Gracioli, Edson Padilha, Antônio Carlos Lemos e Edmar Salamoni.

Na imprensa esportiva, o trabalho sério desenvolvido por Régis Hoerhbe na Rádio Gaúcha e Renato Soares Oliveira, da Guarathan, foram de grande valia para que a Maré chegasse ao seu devido lugar.

Para a Maré Vermelha, uma torcida até certo ponto POLÊMICA, muito tem auxiliado o Internacional no decorrer dos anos. A atual sede da Maré está localizada na rua 7 de Setembro nº 987, naturalmente aberta aos torcedores colorados para fazer a festa na baixada ou onde for jogar o Inter de Santa Maria

bate-bola

PATRONO - Do Internacional Gregório Macedo Coelho viajou para Buenos Aires juntamente com sua esposa. O patrono colorado vai permanecer na capital argentina em viagem de turismo até a próxima terça-feira.

INGRESSOS - Para o jogo de terça-feira contra o Guarani na Baixada Melancólica estarão à venda na sede colorada a partir de amanhã. Os preços são os seguintes:

Numerada - Cr\$ 500,00 -
Arquibancada - Cr\$ 300,00

- Meia - Cr\$ 200,00 -
Menor - Cr\$ 100,00. Os sócios com o recibo número 09 não pagam ingresso.

TABELA - Do retorno agradeceu os dirigentes do Internacional. É pensamento dos rubros garantir a classificação nos três primeiros compromissos